

Universidade Federal de Goiás
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Lilian Martins Patrício Xavier

Indústria Cultural, Narcisismo e o ódio nas Redes Sociais

Goiânia
2019



TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR AS TESES E DISSERTAÇÕES ELETRÔNICAS NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: **Dissertação** **Tese**

2. Identificação da Tese ou Dissertação

Nome completo do autor: Lilian Martins Patrício Xavier

Título do trabalho: Indústria Cultural, Narcisismo e o ódio nas Redes Sociais

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.

Lilian M. P. Xavier
Assinatura do autor (a)

Data: 03 /04/2019

Ciente e de acordo:

[Assinatura]
Assinatura do orientador (a)

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

Universidade Federal de Goiás
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Lilian Martins Patrício Xavier

Indústria Cultural, Narcisismo e o ódio nas Redes Sociais

Trabalho final de mestrado apresentado à Banca Examinadora do Programa de Pós Graduação em Psicologia – Mestrado, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia, linha de pesquisa Processos Psicossociais Educacionais, sob a orientação da Prof.^a Dr.^aSusie Amâncio Gonçalves de Roure.

Goiânia
2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Martins Patrício Xavier, Lilian
Indústria Cultural, Narcisismo e o ódio nas Redes Sociais
[manuscrito] / Lilian Martins Patrício Xavier. - 2019.
110 f.

Orientador: Prof. Dr. Susie Amâncio Gonçalves de Roure.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás,
Faculdade de Educação (FE), Programa de Pós-Graduação em
Psicologia, Goiânia, 2019.
Bibliografia. Apêndice.

1. Redes sociais. 2. Indústria cultural. 3. Barbárie. 4.
Narcisismo. 5. Ódio. I. Amâncio Gonçalves de Roure, Susie , orient. II.
Título.

CDU 159.9



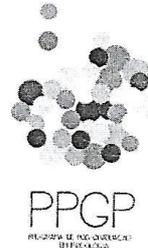
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Universidade Federal de Goiás – Faculdade de Educação

Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Rua 235, s/n. Setor Leste Universitário – Goiânia/GO – CEP: 74605-050

Fones: 3209-6215 / www.ppgp.fe.ufg.br / Email ppgpufg@gmail.com



ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE

LILIAN MARTINS PATRÍCIO XAVIER

Ao **décimo nono dia do mês de março de dois mil e dezenove (19/03/2019)**, às **15:30 horas** reuniram-se os componentes da Banca Examinadora: Profa. Dra. **Susie Amâncio Gonçalves de Roure**, doutora em **Educação** pela Universidade Federal de Goiás, Profa. Dra. **Paola Regina Carloni** doutora em **Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano** pela Universidade de São Paulo, Profa. Dra. **Maria do Rosário Silva Resende**, doutora em **Psicologia Social** pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo para, sob a presidência do primeiro, e em sessão pública realizada nas dependências da Faculdade de Educação, procederem à defesa da dissertação intitulada: **“Indústria Cultural, narcisismo e o Ódio nas redes Redes Sociais”**, em nível de Mestrado, área de concentração em **Psicologia**, de autoria de **Lilian Martins Patrício Xavier**, discente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Goiás. A sessão foi aberta **pelo presidente** da Banca Examinadora, Profa. Dra. **Susie Amâncio Gonçalves de Roure** que fez a apresentação formal dos membros da Banca e deu-se início à apreciação e avaliação do texto. A Banca Examinadora, após a apreciação e avaliação do texto apresentado, decidiu considerá-lo **aprovado**. Os trabalhos foram até às **17:15 horas** e eu, **Naraiana de Oliveira Tavares**, Vice Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da FE/UFG, lavrei a presente ata que assino acompanhado dos membros da Banca Examinadora. Goiânia, ao **décimo nono dia do mês de março ano de dois mil e dezenove**.

Profa. Dra. **Susie Amâncio Gonçalves de Roure** (Orient.) *Susie Amâncio*

Profa. Dra. **Paola Regina Carloni** *Paola Regina Carloni*

Profa. Dra. **Maria do Rosário Silva Resende** *MR Resende*

Naraiana de O. Tavares

Profa. Dra. **Naraiana de Oliveira Tavares** (Vice Coordenadora do PPGP)

Profa. Dra. **Naraiana de Oliveira Tavares**
Vice-Coordenadora do PPGP/UFG
Matrícula: 2683604

Dedico esse trabalho a todos e a todas que são arduamente excluídos pela cor da pele, pela raça, classe social e gênero. Assim como aos que lutam contra as inúmeras barbáries impostas em nossa sociedade.

Agradecimentos

Os dois anos de mestrado na UFG foram um período de muitas leituras, aprendizados e reflexões e, apesar de o processo ser em parte muito solitário nunca estive de fato sozinha, estiveram comigo nessa caminhada as pessoas mais importantes da minha vida. Primeiro os meus pais que nem por um minuto duvidaram da minha capacidade, mesmo à distancia sempre me apoiaram. Ao meu pai que em outubro de 1984 integrou como líder de um grupo do Movimento dos Agricultores Sem Terra do Oeste (MASTRO), no interior do Paraná, esse movimento foi uma consequência da luta dos colonos desapropriados pela Itaipu e foi de extrema relevância para a posterior formação do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST). Meu pai, tio e primos e cerca de 400 famílias lutavam com a finalidade da democratização do acesso a terra e para isso suportaram humilhações, apanharam da polícia, passaram fome, mas resistiram sob suas lonas. E resistem até hoje contra todos os governos que não tem olhos para os que sofrem. Cresci vendo meus pais ativos na política, sempre discutindo e lutando, sinto orgulho de ter aprendido a sempre lutar do lado certo. À Minha mãe, que apesar das inúmeras dificuldades formou-se e sempre lecionou em escolas públicas, contribuindo para o crescimento da comunidade e melhorias na educação. Ela que sempre priorizou os estudos dos filhos, pois sabia que esse era o caminho certo a trilharmos, não poupando esforços junto ao meu pai para realizar esse desejo. À vocês meu eterno agradecimento, pela vida, pela educação, pelo amor, pelas lutas e principalmente pela visão de mundo.

Aos meus irmãos Bruna e Fernando pelo carinho que nos une além dos laços de sangue.

À Cleo que entrou na família com seu jeitinho doce e discreto nos presenteando com o nosso amado Luís.

Ao meu amor e companheiro de vida Thiago que sempre me fez acreditar em meu potencial, me amparou e me ajudou a ter paciência no decorrer desse processo. Mesmo em meio à sua árdua luta diária nunca deixou de ter palavras e gestos de compreensão e amor. Obrigada por somar e contribuir em minha (des)construção.

À minha orientadora Susie pela sabedoria transmitida, pelo cuidado e gentileza com que conduziu as orientações, mesmo em um dos momentos mais tristes de sua vida.

À Olivia que desde o início fez parte dessa história, contribuindo imensamente para minha decisão de fazer o mestrado, me ajudou através das ligações a decidir pelo tema e quais discussões seriam abordadas, bem como ouvindo e acalentando nos momentos de desespero. É amiga, analista, supervisora, professora e parte de mim.

A todos os amigos, novos e antigos que fazem parte da minha história, me apoiaram e se preocuparam com meu trabalho: Kelly, Julie, Leila, Thaís, Laís, Cássia, Francielly, Isabella, Nayara e Ana Paula.

Aos colegas de turma do mestrado pelas parcerias e companhias, em especial Lorrany e Luís Gustavo.

À UFG por ter me acolhido e que tive a honra de integrar o corpo docente.

Aos professores do programa por ter me proporcionado novos aprendizados e uma visão mais responsável sobre meu papel nas lutas contra as desigualdades e a exclusão das minorias, assumindo de forma crítica os espaços de fala para além da psicologia.

A todos vocês minha gratidão e meu amor.

Sumário

Introdução	12
1. Indivíduo, Cultura e Sociedade	16
1.1 Formação psíquica, cultura de dominação e narcisismo	16
1.2 A formação da sociedade	20
1.2.1 <i>Ideologia</i>	22
1.3 Sociedade Administrada	23
1.4 Indústria Cultural	29
2. Tecnologia e Violência: Aspectos Psicológicos, Sociais e Políticos	34
2.1 Intolerância e ódio: algumas contribuições do narcisismo das pequenas diferenças e do antissemitismo	35
2.2 Tecnologia e barbárie: alguns aspectos sobre a violência na internet	49
2.2.1 <i>A violência nos grupos das redes sociais</i>	54
3. Concepções acerca da Expressão da Violência nas Redes Sociais	62
3.1 As redes sociais como campo de pesquisa	65
3.2 Contextualização e historicização das páginas pesquisadas	67
3.3 Apresentação e discussão dos dados	73
3.3.1 <i>Ideias higienistas</i>	73
3.3.2 <i>Preconceito Social</i>	79
3.3.3 <i>Homofobia</i>	81

3.3.4 <i>Racismo</i>	48
3.3.5 <i>Preconceito político</i>	86
3.4 Reflexões sobre a Violência nas Redes Sociais e na Sociedade	
Contemporânea: Decadências e Avanços	90
Considerações Finais	93
Referências	97
APÊNDICE	102

Resumo

Este trabalho tem como objetivo compreender o que a expressão do ódio presente nas redes sociais informa acerca da sociedade contemporânea e em particular sobre o papel da indústria cultural na reprodução das relações sociais nesse contexto. No primeiro capítulo realizou-se uma explanação acerca da formação do indivíduo, da cultura e da sociedade, assim como o papel da ideologia e os conceitos de sociedade administrada e indústria cultural para a Teoria Crítica da Sociedade. No segundo capítulo, realizou-se discussão sobre os aspectos psicológicos, sociais e políticos da tecnologia e da violência, refletindo assim as contribuições do narcisismo das pequenas diferenças e do antissemitismo acerca da intolerância e do ódio. E também refletir a relação de tecnologia e barbárie buscando compreender alguns aspectos sobre a violência na internet. Esse trabalho é permeado pelas análises da relação dos elementos da violência vinculada à tecnologia com o avanço do capitalismo alinhado aos modos de produção e de tecnologia e sua relação com a renúncia dos desejos, da autonomia e da liberdade, contribuindo assim para uma sociedade totalitarista e uniformizante. A repressão do indivíduo em nome da civilização atrelada à necessidade de expelir o que difere na tentativa de proteção, bem como decorrente da organização de uma sociedade administrada que preza, por meio da indústria cultural, a reificação e estandardização para manutenção da classe dominante no poder provoca, de modo trágico e evidente, a intolerância, a violência e a barbárie. Além disso, no progresso, com a tecnologia, transparece negativamente o ódio e a violência exprimidos como resultado de coerção. O terceiro capítulo traz as redes sociais como campo de pesquisa, a contextualização e historicização das páginas pesquisadas, a apresentação dos dados e posterior análise. Quanto a pesquisa, esta é de ordem empírica e qualitativa. Tendo como critério maior quantidade de internautas, assim como de discussões, o *Facebook* foi a rede social selecionada. Houve a necessidade de um recorte, seguindo o critério de eixos temáticos para viabilizar a seleção da amostra para efeito de análise. O tema selecionado foi “política”, pela ampla discussão do tema gerado no Brasil dentro e fora das redes sociais. A fim de evitar tendenciamento nas análises, utilizou-se como critério a escolha de três páginas que se identificam com a posição política de direita: MBL, Bolsonaro Opressor 2.0, Jovens de Direita, e três páginas que se identificam com a de esquerda: Mídia Ninja, Brasil contra Jair Bolsonaro e Jovens de Esquerda. A coleta dos comentários ocorreu no período de abril a agosto de 2018, em dias aleatórios. Após uma leitura de toda a coleta surgiram várias categorias, e foram selecionadas as que continham maior expressão: ideias higienistas, preconceito político, preconceito social, homofobia e racismo. Os comentários selecionados foram analisados e vinculados aos conceitos discutidos da Teoria Crítica e da Psicanálise. O ódio nas redes sociais mostra, no âmbito macro, uma relação violenta e perversa entre indivíduos, organizações e indivíduos, Estado e sociedade. Isso implica constatar que as redes sociais não funcionam como um espaço instituinte dessas relações violentas e perversas, tampouco pode-se pensar que sejam elas causa da barbárie. As redes sociais são uma pequena amostra, ou reflexo, da violência presente na sociedade como um todo, que se amplifica pelo acesso e fácil visibilidade, vez que as relações ocorrem de forma verticalizada, portanto, opressoras e, como ideologia, são naturalizadas e defendidas muitas vezes pelos próprios oprimidos.

Palavras-chave: Redes sociais. Indústria cultural. Barbárie. Narcisismo. Ódio.

Abstract

This paper aims at comprehending the presence of expressions of hatred in social media, informing about the culture society's role in the reproduction of social relations in this context. In the first chapter an explanation was made regarding the formation of the individual, culture and society as well as the role of ideology and the concepts of administered society and culture industry for the Critical Social Theory. In the second chapter the psychological, social and political aspects of technology and violence were discussed, thus thinking over the contribution of the narcissism of small differences and antisemitism surrounding intolerance and hatred and also thinking over the relation between technology and barbarism intending to comprehend some aspects about violence on the internet. This paper is filled with analysis of the connection of the elements of violence linked to technology with the advancement of capitalism aligned to the means of production and the technology and its relation with the renouncement of the desires, autonomy and freedom, such contributing to a totalitarian and standardizing society. The repression of the individual in the name of a civilization depending on the necessity of casting out differences as a mean of protection, also decorning from the organization of an administered society that praises, through culture industry, the reification and standardization as to support the ruling class staying in power causes, in a tragic and evident way, the intolerance, violence and barbarism. The third chapter brings the social media as a search field, the contextualization and historicization of the searched pages and the presentation and posterior analysis of the data. As for the research, it shows an empiric and qualitative nature. The criterion being the bigger quantity of users and also of discussions, Facebook was the chosen social media. The chosen theme was "politics", for it has been widely discussed in Brazil in and out of social media. As to avoid partiality three pages from the right wing: MBL, Bolsonaro Opressor 2.0, Jovens de Direita and three pages from the left wing: Mídia Ninja, Brasil contra Jair Bolsonaro and Jovens de Esquerda were selected. The comments were picked from April until August 2018, in random days. After being completely read, the comments were divided in many categories, the ones regarding the most expressive categories were chosen, those being: hygienist ideas, political prejudice, social prejudice, homophobia and racism. Those comments were analysed and tied to the Psychoanalysis Critical Theory. Hatred in social media shows, in the big picture, a violent and meaning relation between individuals, individuals and organizations, and State and society. With that it can be inferred that social media not only don't work as an institutor of these violent, meaning relations but also can not be thought as the cause of the barbarism. Social Media are only a small sample, or reflection, of the violence that is present in the society as a whole, amplified by the easy access and visibility, since these relations occur in a verticalized and, so as, oppressive form and, like an ideology, are most of the times naturalized and defended by the oppressed themselves.

Key-words: Social Media. Culture Industry. Barbarism. Narcissism. Hatred.

Introdução

A internet e, em especial, as redes sociais, inovam e transformam cada dia mais os processos de comunicação social, engendrando novos espaços de expressão por meio de imagens, fala e escrita, arte e cultura. Nesse sentido, pela internet tem-se refletido e amplificado novos modos de relacionamento humano e de veiculação de afeto. Ela tornou-se espaço de vivências virtuais envolvendo aspectos ligados à amizade, ao amor, à sexualidade, à aparência, ao *status*. Essas vivências, muitas vezes organizadas em agrupamentos, são decorrentes de afinidades, de preconceitos, resultando, inclusive, em violência.

A presente pesquisa tem por objetivo discutir a questão da violência que assola a humanidade por meio das falas de ódio estampadas diária e exaustivamente nas redes sociais tornam-se objeto de estudo deste trabalho que, articuladas aos conceitos de indústria cultural e barbárie, a partir da Teoria Crítica da Escola de Frankfurt, e de narcisismo e narcisismo das pequenas diferenças, fundamentados na psicanálise freudiana, busca refletir o que a expressão de ódio presente nas redes sociais informa sobre a sociedade contemporânea.

A análise de redes sociais tem se mostrado instrumento particularmente apto à compreensão de uma sociedade que se encontra estruturada como rede e que utiliza novas ferramentas virtuais (Fragoso, Recuero & Amaral, 2011). Dentre o arriscado e ousado desafio de analisar um tema contemporâneo, pela imersão da pesquisadora nesse contexto, encontra-se a volubilidade de perceber as pretensões da realidade postada. Tarefa que pode ser facilitada quando sobre ela recai um olhar atento e inquiridor.

A comunicação estreita e de forma expressiva entre os internautas nas redes sociais proporciona uma grande visibilidade pública de pensamentos e sentimentos, ou seja, da subjetividade do sujeito. Na tentativa de compreendê-los deve-se procurar, nos indivíduos, as marcas da sociedade, implicando em reconhecer que o indivíduo é mediado socialmente, e não apenas afetado externamente, mas constituído por ela (Crochík, 1998).

Assim, ao se tomar como objeto as redes sociais na atualidade brasileira, é percebido que ocorre uma introjeção a partir do ajustamento de ideias provenientes de uma sociedade capitalista com condições selvagens de sobrevivência. Logo, a exacerbação da lógica de uma sociedade que visa o domínio por meio da razão instrumental e fragmentada, que elege a razão subjetiva travestida na razão técnica em detrimento da razão objetiva, que reifica a formação humana e é refém de uma economia baseada na exploração de uma classe sobre a outra, reflete a consonância dos seres humanos com o funcionamento do modo econômico e social calcado,

em sua base, na violência. E é nessa direção que segue o primeiro capítulo, compreendendo a constituição do indivíduo e da sociedade alinhada aos modos de produção e de consumo.

A formação do eu e do narcisismo é elemento primordial na compreensão da constituição do indivíduo, assegurando sua existência e sobrevivência, pois sem a constituição psíquica, concebida e assegurada pelo narcisismo, o sujeito estaria incitado à morte. Soma-se a isso o fato de o narcisismo ser também uma defesa do mal-estar gerado pela realidade social em que está inserido. O narcisismo protege o indivíduo, gerando repúdio a tudo que lhe ameaça, podendo acarretar atitudes agressivas com o diferente, com o desconhecido, com o que lhe causa temor de aniquilamento.

Há, portanto, um funcionamento e uma relação dialética no processo de instituição psíquica, uma vez que o desenvolvimento do eu e o narcisismo são estabelecidos e internalizados a partir do que é externo, ou seja, a constituição do indivíduo é dada a partir de uma constituição social. O sujeito ainda narcísico precisa da relação com o outro e de um laço social para que haja continuidade em sua formação e em sua sobrevivência. Nesse percurso, os espaços que permeiam a convivência coletiva, inicialmente, a família e, posteriormente, os demais são internalizados e mediados, proporcionando aos indivíduos o caráter de suas ideias e formas de enfrentamento da realidade.

Aliado a isso, a compreensão da formação da sociedade é essencial à análise dos processos objetivos e subjetivos manifestos. A interação dos indivíduos produz diversos elementos sociais e, conseqüentemente, impasses como o avanço das formas de sobrevivência, da produção da vida, da força de trabalho, dos aparatos tecnológicos e a criação de leis. Com isso, o progresso da sociedade e das relações de poder também evoluem, aprimorando formas de dominação que sempre se estabelecem de modo violento. Para tanto, o uso da ideologia garante o *status quo* e a dominação na permanência do poder.

O avanço da sociedade e das relações de poder cunha o crescimento do capitalismo alinhado aos modos de produção e tecnologia, levando os indivíduos a abrir mão de demasiada autonomia e liberdade, contribuindo para uma sociedade que impõe um modo uniformizante de agir, de pensar, de se portar, distante do esclarecimento.

Adorno e Horkheimer (1985) remetem ao homem o sentido de mercadoria produzida em larga escala, que necessita ser consumida para alimentar a perspectiva capitalista. Os autores afirmam que “o indivíduo é ilusório não apenas por causa da padronização do modo de produção, mas por acreditar no poder de sua individualidade, quando na verdade o que domina é a pseudo-individualidade. [...] As particularidades do eu são mercadorias monopolizadas e socialmente condicionadas, que se fazem passar por algo de natural” (p. 73).

Para eles, a lógica da indústria cultural produz indivíduos que precisam renunciar o tempo todo aos impulsos instintivos, adaptando à realidade de forma alienante. Contudo, essa tentativa é paradoxal, Freud (1996e) afirma que se, por um lado, é preciso renunciar as pulsões para que ocorra a socialização, por outro, é impossível detê-las totalmente. Parte das pulsões não reprimidas é expressa de modo agressivo (inato ao homem) e a forte dominação e opressão delas, pelo modo econômico, torna os homens suscetíveis à barbárie.

É nesse âmbito que o segundo capítulo se desenrola, analisando elementos que circundam a tecnologia e a violência, resgatando em Freud, além do conceito de narcisismo, as marcas da barbárie como tentativa de dominação e de poder e escavando o sentido de intolerância e de ódio a partir da Teoria Crítica da Sociedade. Pela teoria freudiana, busca-se entender o porquê de toda a diferença representar uma ameaça interna ou externa ao equilíbrio psíquico, gerando intolerância e ataque de ódio. A partir do conceito de “narcisismo das pequenas diferenças” e do antissemitismo é possível tecer considerações acerca da intolerância e explorar as contribuições da psicanálise em relação ao fenômeno de ódio nas redes sociais. Considerando a relação entre subjetividade e objetividade, busca-se ainda apreender os sentidos desse narcisismo no contexto histórico-social, sobretudo no recorte político e econômico, perpassando as intolerâncias já ocorridas ao longo da história.

Dessa forma, os discursos de ódio (re)produzidos pelos internautas no espaço público virtual não são decorrentes de um fenômeno a ser compreendido de forma isolada. Ao contrário disso, faz-se necessário ampliar e aprofundar o olhar sobre o processo de constituição do indivíduo e isso implica entender a constituição da sociedade e tudo que ela informa acerca do modelo econômico.

O terceiro capítulo traz a apresentação da pesquisa, que é de ordem empírica e qualitativa. Inicialmente realizou-se uma prévia investigação exploratória nas redes sociais para identificar qual ou quais seriam as escolhidas. Tendo como critério maior quantidade de internautas, assim como de discussões, o *Facebook* foi selecionado. Entre milhares de páginas no *Facebook*, sob os mais diversos temas, se fez necessário um recorte seguindo o critério de eixos temáticos para viabilizar a seleção da amostra para efeito de análise. O tema selecionado foi “política”, sendo também necessário eleger as páginas das quais as falas seriam extraídas. A fim de evitar tendenciamento nas análises, utilizou-se como critério a escolha de três páginas que se identificam com a posição política de direita: MBL, Bolsonaro Opressor 2.0, Jovens de Direita, e três páginas que se identificam com a de esquerda: Mídia Ninja, Brasil contra Jair Bolsonaro e Jovens de Esquerda. A historicização e contextualização das páginas foram necessárias para melhor compreensão das informações coletadas e posterior análise.

As falas coletadas¹ foram organizadas por páginas do *Facebook* e por categorias em tabelas². A coleta dos comentários ocorreu no período de abril a agosto de 2018, em dias aleatórios. Ressalta-se que apenas as falas que continham manifestações de ódio foram selecionadas e após a coleta foram identificadas categorias, sendo elas: ideias higienistas, preconceito político, preconceito social, homofobia, machismo, racismo, depreciação da capacidade intelectual e violência verbal e física. Nesta estavam contidas falas de xingamentos e incitação à agressão física, que não contemplam as categorias anteriores.

A análise de todas as categorias elencadas acima se tornou inviável devido ao tempo e à extensão da pesquisa. Por essa razão, tendo como tema o ódio nas redes sociais a partir da discussão política, foram selecionadas as que possuíam maior quantidade de comentários e que obtiveram maior repercussão nas páginas, sendo elas: ideias higienistas, preconceito político, preconceito social, homofobia e racismo. A quantidade de comentários em cada categoria também foi enorme, portanto, optou-se por selecionar a quantidade de falas de acordo com o aparecimento de elementos para análise.

Os comentários selecionados apresentados dentro de cada categoria foram analisados vinculados aos conceitos discutidos nos capítulos anteriores, a saber os da Teoria Crítica e da Psicanálise, buscando desvelar o que a expressão do ódio presente nas redes sociais informa acerca da sociedade contemporânea e, em particular, sobre o papel da indústria cultural na reprodução das relações sociais nesse contexto.

Em suma, a partir de tal análise, procurou-se compreender os aspectos psíquicos e sociais implicados na relação entre os homens na sociedade contemporânea, sobretudo no que diz respeito às formas de expressão de ódio nas redes sociais. Buscou-se analisar, por meio do contexto social e político, recorrendo também à história, os elementos que propiciam o fenômeno da violência, desvelando assim a função do aparato tecnológico em uma sociedade que se sustenta sob os princípios capitalistas.

¹ Os excertos coletados foram mantidos *ipsis litteris*, ou seja, como publicados.

² Todas as falas foram organizadas em tabela por categoria. Todavia, em apêndice, apenas uma delas é apresentada como amostra de descrição

1. Indivíduo, Cultura e Sociedade

Tendo como perspectiva o tema de pesquisa aqui proposto, a saber, a expressão da violência nas redes sociais, o campo de estudo passa a se constituir entre áreas diversas das ciências sociais, entre elas a psicologia, a sociologia e a filosofia. Isto porque compreender o indivíduo e os aspectos culturais relativos a ele na contemporaneidade exige um entendimento histórico e uma análise crítica dos processos que o constituem. Entendendo que o psíquico e o social se articulam dialeticamente, as questões voltadas à formação do indivíduo e às relações sociais demandam uma compreensão mais ampla dos processos constitutivos da sociedade, em especial quando se trata do impacto das novas tecnologias da informação nas relações humanas. Isso pressupõe entender o papel desempenhado pelos meios de comunicação no âmbito do capitalismo.

No presente trabalho, é por meio da Teoria Crítica da Sociedade que se torna possível apreender os elementos objetivos e subjetivos que compõem a sociedade capitalista e seus desdobramentos. Segundo Horkheimer e Adorno (1956), é impossível definir, de modo estático e mecânico, conceitos acerca da sociedade e do indivíduo, pois, parafraseando Nietzsche, “todos os conceitos em que um processo total se resume semioticamente escapam à definição, porquanto, só é definível o que não tem história” (p. 25).

Assim, a Teoria Crítica da Sociedade, ao buscar a radicalidade da razão objetiva, possibilita o desvelar de aspectos subjetivos e culturais, ideológicos, sociais e históricos que constituem a realidade (Horkheimer, 2010). Dessa forma, Crochík (2001) defende a importância de se conhecer criticamente a origem e o desenvolvimento da sociedade burguesa, lembrando que, segundo Adorno, crítica ao conhecimento é crítica à sociedade e vice-versa, e se o conhecimento é básico para a formação humana a história da sociedade é fundamental para compreender a ideia de formação.

Isso significa dizer que a formação humana se dá a partir e em um contexto, e que é necessário antes de tudo apreendê-lo desde o cerne de sua estrutura. No que diz respeito à sociedade ocidental contemporânea, esse contexto se estrutura como modo de produção da existência e da cultura na perspectiva do projeto econômico do capitalismo. Nesse sentido, Marcuse (1982) analisa a “maneira estabelecida de organizar a sociedade, que sob diferentes formas se consideram oferecer melhores possibilidades de suavizar a luta do homem pela existência” (p. 14).

A formação do indivíduo, como também a formação e o funcionamento da sociedade, caminham por uma mesma trilha. A estrutura de uma denuncia e condiz com a estrutura da

outra. As ideias que fundamentam a divisão de trabalho e de classes sociais, alinhadas às perspectivas de rearticulação do capitalismo, produzem formas específicas de ser, sentir, pensar e viver. As relações se estabelecem consoantes ao princípio de troca e de consumo em que toda subjetividade passa a ser cunhada conforme demanda de consolidação do econômico que, de modo manipulatório, é capaz de subordinar o indivíduo, afetando sua subjetividade. A expansão do capitalismo, a globalização, os avanços tecnológicos em todas as áreas dizem de um progresso que não exatamente está ligado a uma evolução, mas, necessariamente, à dominação, não apenas dos modos de produção, mas também dos modos de viver e de pensar.

Com a propriedade burguesa, a cultura também se difundiu. Ela havia empurrado a paranóia para os recantos obscuros da sociedade e da alma. Mas como a real emancipação dos homens não ocorreu ao mesmo tempo que o esclarecimento do espírito, a própria cultura ficou doente. Quanto mais a realidade social se afastava da consciência cultivada, tanto mais esta se via submetida a um processo de reificação. A cultura converteu-se totalmente numa mercadoria, difundida como uma informação, sem penetrar nos indivíduos dela informados. O pensamento perde o fôlego e limita-se à apreensão do factual isolado. Rejeitam-se as relações conceituais porque são um esforço incomodo e inútil. (Adorno & Horkheimer, 1985, p. 93)

Isso implica afirmar que o modo econômico determina a subjetividade e o psiquismo. Horkheimer (1990) afirma que a escola materialista busca compreender o que é determinante no transcorrer das eras, visando desvelar as transformações da natureza humana e as modificações na estrutura psíquica frente ao processo material da vida da sociedade. Assim, o autor salienta a importância da dinâmica econômica na constituição do indivíduo, mas observa que essa relação se estabelece a partir de uma dialética em que os processos psíquicos produzem e reproduzem a cultura da dominação:

[...] mesmo que a direção e o andamento deste processo sejam determinados, em última instância, pelo aparelho econômico da sociedade, o modo de agir dos homens, porém, não pode ser explicado somente pelos processos econômicos [...] este caráter origina-se da atuação da totalidade das instituições sociais que funcionam de maneira específica [...] torna-se necessário portanto conhecer a constituição psíquica dos homens nos diversos grupos sociais, saber como seu caráter se formou em conexão com todas as forças culturais da época. (Horkheimer, 1990, p. 180)

1.1 Formação psíquica, cultura de dominação e narcisismo

É proferido diariamente que parte da constituição subjetiva das mazelas existentes na sociedade contemporânea se dá pelo fato de os indivíduos atuarem de forma eminente sob a égide do narcisismo. Comumente se fala dos narcísicos nas redes sociais, expressos por meio daqueles que se vangloriam da felicidade, da perfeição, da riqueza e do corpo perfeito. Também remete-se ao narcisismo a ganância daqueles que colocam seus desejos acima das necessidades dos outros, como o político narcísico que não se cansa de abarrotar, em suas contas pessoais, dinheiro de origem desconhecida ou, até mesmo, o vizinho individualista, que não se importa com o lixo, com a água, com o espaço e o direito alheios, chancelando a cultura do individualismo.

A psicanálise freudiana figura o sujeito a partir de uma constituição social e inata, isto é, da relação com o outro e de um laço social que equilibra, ainda que de modo precário, a possibilidade de satisfação dentro dos espaços que permeiam a convivência coletiva. O arranjo e o desenrolar dessa relação ratificam a importância de se compreender o narcisismo. Assim, é substancial uma compreensão metapsicológica desse conceito, contemplando o desenvolvimento infantil sobretudo nos laços primordiais da relação mãe e bebê.

O conceito de narcisismo foi evoluindo e ganhando forma no decorrer do desenvolvimento dos escritos freudianos. Em seus primeiros estudos, Freud (1996a) explica o narcisismo a partir da homossexualidade, no qual o narcisismo aparece na escolha pelo objeto homossexual. Na primeira tópica, o narcisismo não era distinto do autoerotismo, de modo que, o narcisismo é anterior à constituição do eu, sendo edificado a partir do inconsciente, isto é, o narcisismo primário une as pulsões dando origem ao eu, pulsões que no estágio do autoerotismo estavam caoticamente ligadas à excitação de uma zona erógena posteriormente dirigidas ao eu. Em 1914 Freud afirma que o narcisismo é um estágio normal pelo qual todo indivíduo passa.

Para que o indivíduo permaneça se desenvolvendo é essencial que haja processos de identificação primários e secundários. Para isso, faz-se necessária a constituição do ego para que o sujeito possa formar uma imagem do objeto total, ou seja, dele próprio. No decorrer desse desenvolvimento é que o sujeito se distancia do narcisismo primário. Isso quer dizer que ele passa a se desinvestir para investir em objetos externos, remetendo-se ao narcisismo secundário.

Freud no decorrer de seus escritos não faz um fechamento decisivo acerca desse conceito, mas mostra um caminho. Com isso, é possível perceber que o conflito essencial se dá em torno de uma posição narcísica primitiva, que assegura a ele sobrevivência, pois caso permanecesse exclusivamente voltado apenas ao eu, de forma simbiótica, tal atitude lhe acarretaria a morte. A partir disso inicia-se a luta colossal por identificar e reconhecer o que é desejo do que é objeto de desejo, assim como escolhê-los. Em 1930, Freud escreve:

Não obstante, alterações nela se tornaram essenciais, à medida que nossas investigações progrediam das forças reprimidas para as repressoras, dos instintos objetais para o ego. O decisivo passo à frente consistiu na introdução do conceito de narcisismo, isto é, a descoberta de que o próprio ego se acha catexizado pela libido, de que o ego, na verdade, constitui o reduto original dela e continua a ser, até certo ponto, seu quartel-general. Essa libido narcísica se volta para os objetos, tornando-se assim libido objetal, e podendo transformar-se novamente em libido narcísica. (Freud, 1996e, p. 124)

Isto é, o narcisismo secundário surge do retorno da libido do objeto para si mesmo, é quando o bebê passa a reconhecer, de fato, seu corpo investido pelo outro, condição facilitada pela diferenciação da mãe e do seio, do seio e do bebê. A libido extraída do objeto, do mundo exterior, foi reconduzida ao eu, dando origem ao que podemos chamar de narcisismo secundário (Freud, 1996b).

É conferido o eu ideal ao narcisismo primário postulado por Freud, enquanto que o ideal de eu é conferido ao narcisismo secundário. O eu ideal é uma figura do narcisismo em que o indivíduo até então fixado pelo fascínio e amor a si mesmo é convergido pelo desejo dos pais, assim como pelo que a sociedade espera dele, é aquilo que completa a expectativa do outro. Essa primeira instância é substituída simbolicamente pela imagem ideal do eu, ou seja, uma imagem ideal é tomada para que se possa desejar ser aquilo. O ideal de eu é, como aponta Freud, “o substituto do narcisismo perdido de sua infância, nessa época, ele era seu próprio ideal” (Freud, 2010a, p.27-28). Caso o indivíduo por algum motivo fixe no narcisismo primário, petrifique-se no eu ideal, desenvolverá um narcisismo patogênico que o impossibilitaria de extrapolá-lo, de se instaurar no mundo externo.

Abrir mão desse fluxo libidinal prazeroso é, portanto, primordial para a instauração não só da constituição do indivíduo, mas também da alteridade. Podemos analisar em Freud (2011c) o esforço da criança em compreender as diferenças trazidas pela anatomia, colocando em risco a projeção corporal narcísica. O resultado disso é que não é mais possível manter a fantasia de que todos os corpos são idênticos e principalmente que todos eles são dotados de falo. Dito de outro modo, não é mais possível ter uma projeção plena do próprio corpo no corpo do outro. Para a menina falta algo em seu corpo, porém reconhecer isso implica em assumir que nunca terá o falo. Para o menino, é a possibilidade de perder algo que o corpo feminino já perdeu, é o medo da castração. A constatação das diferenças revela-se um narcisismo, pois reconhecer a diferença no corpo do outro pode abalar o que o eu possui, levando-o à castração. Essa experiência serve de subsídio posterior para que qualquer diferença seja sinônimo de ameaça.

Sendo o modelo da família burguesa e a educação dela decorrente a base sobre a qual Freud estabelece a sua compreensão sobre o narcisismo, esse conceito torna-se fundamental para compreender os modos de formação subjetiva e de reprodução da sociedade sobre a qual o presente estudo se debruça.

1.2 A formação da sociedade

Distante de uma definição fechada acerca do que é sociedade, Horkheimer e Adorno afirmam que:

[...] entendemos por “sociedade” uma espécie de contextura formada entre todos os homens e na qual uns dependem dos outros, sem exceção; na qual o todo só pode subsistir em virtude da unidade das funções assumidas pelos co-participantes, a cada um dos quais se atribui, em princípio, uma tarefa funcional, e onde todos os indivíduos, por seu turno, estão condicionados, em grande parte, pela sua participação no contexto geral. (Horkheimer & Adorno, 1956, p. 25)

Inicialmente, o homem, para suprir suas necessidades básicas como obter alimento, moradia e vestimenta estabeleceu relações sociais de produção, já que não seria possível cada indivíduo dedicar-se eficazmente a realizar todas essas tarefas, criando a partir de então novas forças e instrumentos. Acerca da socialização, Horkheimer e Adorno dizem que:

A socialização é concebida na base da divisão do trabalho como meio para satisfazer as necessidades materiais de uma comunidade [...] as exigências aumentam com o avanço da civilização, levam à ampliação da cidade, e depois, aos conflitos bélicos com as cidades vizinhas, se torna necessário a criação de guerreiros e finalmente as próprias dimensões da cidade exigem uma classe específica para a manutenção da ordem e da determinação dos objetivos comuns. (Horkheimer & Adorno, 1956, p. 27)

Pelo que foi exposto, os seres humanos passaram a se relacionar para produzir a vida e isso os levou à necessidade da divisão social do trabalho para organizar a produção, numa forma de poder social em que todos decidiam sobre a vida em comum. A partir disso, foi fundamental a criação de normas e leis para organizar as relações e a vida em comum, surgindo uma consciência social com valores, crenças e ideais, elementos que permeiam a constituição do processo social da vida.

A sociedade reproduziu-se, as forças de trabalho se expandiram e, conseqüentemente, surgiram entraves em relação à expansão do desenvolvimento das forças produtivas, o que resultou na criação de formas de dominação e apropriação dos meios de produção por meio

daqueles que possuíam poder sobre determinados instrumentos e produtos. O progresso das relações e dos modos de produção levou inevitavelmente ao progresso da sociedade. Quanto a isso, Kant afirma que:

Como somente em sociedade e, a rigor, naquela que permite a máxima liberdade e, conseqüentemente, um antagonismo geral de seus membros, e portanto, a mais precisa determinação e resguardo dos limites desta liberdade – de modo a poder coexistir com a liberdade dos outros; como somente nela o mais alto propósito da natureza, ou seja, o desenvolvimento de todas as suas disposições [...], assim uma sociedade na qual a liberdade sob leis exteriores encontra-se ligada no mais alto grau a um poder irresistível, ou seja, uma constituição civil perfeitamente justa, deve ser a mais elevada tarefa da natureza para a espécie humana [...]. (Kant, 1986 apud Adorno, 1995, p. 39)

Com o progresso da sociedade, as relações de poder também evoluíram, aprimorando as formas de dominação. De acordo com Horkheimer,

[...] o processo social da vida só pôde desenrolar-se apenas mediante uma divisão – marcada pelas condições específicas de cada época – em gerentes de produção e executantes. Ainda que a vida do conjunto dependesse dessa divisão, pelo menos na época da ascensão e do apogeu, as camadas superiores da sociedade constituíam, no entanto, um núcleo relativamente pequeno, para o qual a estrutura existente não só era necessária como também converteu-se em fonte de poder e felicidade. Também, na medida em que as formas de convívio humano existentes até agora sempre condicionaram a existência da totalidade e o progresso cultural, inúmeros indivíduos, de acordo com sua posição nessa totalidade, tinham de pagar a manutenção das regalias da classe dominante com a miséria sem sentido para eles mesmos, a forma com que os indivíduos se mantiveram incorporados nesse processo produtivo nunca foi sem violência. (Horkheimer, 1990, p. 181)

Ou seja, o poder que *a priori* era difuso e igualitário se transformou em poder político e de dominação. Isso sempre ocorreu de forma atroz, o que posteriormente fundamentou e legitimou a criação do Estado na justificativa de gerenciamento e organização da vida social e civil, mitigando as consequências desse sofrimento sem a mudança do *status quo*. O Estado para se manter e se fortalecer tornou-se instrumento de dominação e violência, fazendo uso da ideologia, criando a ilusão de que todos são iguais, que possuem os mesmos direitos e poder de decisão.

A sociedade articulada a um projeto de Estado, na qual a luta de classes marca as relações sociais e os modos de manutenção do poder político, “direciona” a sociedade política, jurídica e civil de acordo com seus interesses que, nesse caso, além da manutenção do poder, perpetua os modos de produção capitalista. Segundo Chauí (2006), tais condições implicam a

reprodução dos valores burgueses que caracterizam a sociedade como, basicamente, oligárquica, hierárquica, violenta e autoritária.

A dominação, historicamente produzida, apesar de ser quase sempre naturalizada, manifesta a interiorização desses processos nos indivíduos. Acerca disso, Horkheimer reflete:

[...] todo o aparelho psíquico dos membros de uma sociedade de classes, a não ser que pertençam àquele núcleo de privilegiados, constitui, em larga escala, apenas a interiorização ou, pelo menos, a racionalização e complementação da violência física. A chamada natureza social, o integrar-se numa ordem estabelecida, mesmo que se justifique pragmática, moral ou religiosamente, origina-se em essência da recordação de atos de coação pelos quais os homens se tornam “sociáveis”, civilizados e que ainda hoje os ameaçam se por acaso se tornarem por demais esquecidos. (Horkheimer, 1990, p. 182)

O papel da coação entrelaça, por um lado, a necessidade do indivíduo de se sujeitar às condições selvagens de trabalho para sobreviver, por outro, o de manter a dominação e a formação de suas ideias e subjetividade à medida que a coação é introjetada. Os fundamentos dessa coação encontram-se na estrutura da divisão de classes, que estão sempre a par do capitalismo. Quando no poder, a classe superior domina os modos de produção, as instituições, os processos sociais e, conseqüentemente, os indivíduos. Tal efeito, o da dominação, só é possível por meio da ideologia, Horkheimer e Adorno (2002) apontam que os afortunados têm o que querem e exigem obstinadamente a ideologia com que lhes serve.

1.2.1 Ideologia

Horkheimer e Adorno (1956) discutem o vínculo família e sociedade afirmando a mútua determinação dos elementos institucionais e societários. Salientam ainda que, no modelo capitalista de reprodução da vida, todos esses vínculos e as instituições impregnam a ideologia que converte tudo em relação de troca, inclusive nos aspectos mais íntimos e subjetivos dos processos humanos como sexo, por exemplo. Esta é justamente a lógica imposta pelo capital, os sentidos e os valores do capitalismo passam a constituir a subjetividade e a reproduzi-la. A consciência, fragmentada e impregnada por essas concepções, expressa-se como alienação, caracterizando a principal forma de manifestação da consciência. Essa consciência alienada é a base na qual a ideologia se reproduzirá, imprimindo uma espécie de universalização das ideias de determinado grupo dominante (Iasi, 2011). Como diz Marx e Engels em *A ideologia alemã*: “Os pensamentos da classe dominante são também, em todas as épocas, os pensamentos

dominantes, em outras palavras, a classe que é o poder material dominante numa determinada sociedade é também o poder espiritual dominante” (Marx & Engels, 2001, p. 48).

É evidente o modo e a direção do impacto da ideologia sobre os aspectos que impuseram o desenvolvimento das forças produtivas sob a vida dos indivíduos, “com efeito, a ideologia é justificação” (Adorno & Horkheimer, 1973, p. 191). O desdobramento da opressão muitas vezes “sutil” através de propagandas e produtos culturais produzidos em massa é a introjeção que, aos poucos, consolida a recepção passiva de valores e verdades inquestionáveis, a fim de mantê-los alienados e submissos. Verdades que quando cristalizadas tornam-se instrumento de poder. “A visão da vida transferiu-se para a ideologia que cria a ilusão de que já não há vida” (Adorno, 1951, p. 4). Esse funcionamento instaura e demonstra o esvaziamento dos sujeitos: “A sujeição da vida ao processo de produção impõe a cada qual, de forma humilhante, o isolamento e a solidão que tentámos considerar como assunto da nossa superior decisão” (Adorno, 1951, p. 16).

O apoderamento que ocorre dos elementos que constituem a dominação e a coesão sob o manto da indústria cultural ao ponto de internalizar como o querer e até o próprio indivíduo são, para Adorno, a ideologia em si. “A indústria cultural não se adapta tanto às reacções dos clientes quanto os inventa. Exercita-se neles, comportando-se como se ela própria fosse um cliente. Poderia levantar-se a suspeita de que todo o ajustamento a que ela própria assevera obedecer é ideologia (Adorno, 1951, p. 192).

Significativos são os objetivos velados da ideologia, suas intenções e repercussões no ambiente social e no particular de cada indivíduo que, de forma sublime, estão sempre ocultas:

A ideologia já não é mais um envoltório, mas a própria imagem ameaçadora do mundo. Não só pelas suas interligações com a propaganda, mas também pela sua própria configuração, converte-se em terror. Entretanto, precisamente porque a ideologia e a realidade correm uma para outra; porque a realidade dada, à falta de outra ideologia mais convincente, converte-se em ideologia de si mesma, bastaria ao espírito um pequeno esforço para se livrar do manto dessa aparência onipotente, quase sem sacrifício algum. Mas esse esforço parece ser o mais custoso de todos. (Adorno & Horkheimer, 1973, p. 203)

1.3 Sociedade Administrada

“A sociedade contemporânea parece capaz de conter a transformação social, transformação qualitativa que estabelecerá instituições essencialmente diferentes, uma nova

direção dos processos produtivos, novas formas de existência humana. Essa contenção da transformação é, talvez, a mais singular realização da sociedade industrial desenvolvida [...]” (Marcuse, 1982, p. 16). O avanço do capitalismo, alinhado aos modos de produção e tecnologia, levou os indivíduos a abrir mão de demasiada autonomia e liberdade, contribuindo para uma sociedade totalitarista e uniformizante.

Horkheimer e Adorno (1956) apontam que hoje, em virtude do progresso dos meios de transporte e das técnicas de comunicação, da descentralização industrial e tecnológica previsível, entre outras coisas, a socialização da humanidade está se aproximando de um novo ponto culminante e o que parece estar “de fora” disso mantém-se como algo a ser tolerado.

Assim como todos os regimes totalitaristas que impuseram suas ideologias ao longo da história como o nazismo, o stalinismo e outros, a sociedade atual é determinada pelo imperialismo contemporâneo ainda pautado nas leis do capitalismo, o capitalismo tardio ou o neoliberalismo, em que a regra básica parte da premissa de que “os mais fortes sobrevivem”, portando discursos que legitimam esse jogo, baseados na meritocracia e em outras várias “explicações” para exclusões e vitórias na vida social. Hobsbawm (1917) alega que tanto dentro do capitalismo quanto do socialismo temos situações de extremismos e violências como o stalinismo, por exemplo. Horkheimer e Adorno (2002) afirmam que essa lógica se reproduz, restringindo o poder nas mãos de poucos dominadores e tornando os dominados mais alheios à realidade. Aos subjugados, cabe lutar pelo trabalho e pela perspectiva do consumo de produtos e de bens culturais. É preciso estar afinado com essa linha de produção e de consumo e, havendo dissonância em relação à padronização e estandardização, ocorre a violência.

Horkheimer e Adorno (2002), ao analisarem a estrutura da sociedade, afirmam que toda a civilização de massa articulada em torno de um sistema de economia concentrado é idêntica. A padronização da vida repercute a padronização dos meios produtivos, o que se reflete na moda, nas moradias, nos bens culturais como cinema e arte, bem como na padronização dos hábitos. Os indivíduos independentes, autênticos, propensos à autonomia são marginalizados ou capturados para aderir ao progresso. Não poucos e nem de forma discreta, o particular e o geral perdem o delineamento e a identidade, tornando indistinto o que é necessidade social do que é produzido para a reprodução do sistema. A classe dominada passa a ter a existência condicionada e subjugada aos ideais da elite, tornando-se um mal útil e necessário, ainda que sem valor. Os resíduos humanos produzidos pelo progresso ao mesmo tempo que incomodam, pois contrastam com os palacetes dos afortunados, são necessários para a roda girar. Essa relação é de uma lógica perversa, em que um lado cede e o outro autoriza. (Horkheimer & Adorno, 2002).

Adorno e Horkheimer (1985) afirmam que a antirrazão do capitalismo totalitário, cuja técnica é de satisfazer necessidades em sua forma objetualizada, determinada pela dominação, torna impossível a satisfação de necessidades e impele ao extermínio do homem. Ou seja, em nome de uma dominação da força humana, a dominação burguesa descaracteriza os sentidos próprios da natureza, do homem e da subjetividade por meio da negação de desejos e da astúcia, marca importante da racionalidade burguesa. Ela se defronta com a dominação exercendo outra forma de dominação, necessita de um terreno interno, oculto ao adversário. A dominação deve se dar a distância, não só dos objetos, mas também dos sentidos (Crochík, 2001).

O ingressar em uma ordem estabelecida, origina-se, em essência, com atos de coação pelos quais os homens se tornam “sociáveis”, civilizados, que ainda hoje os ameaçam se por acaso se tornarem por demais esquecidos (Horkheimer, 1990). A sociedade burguesa, a classe dominante, propaga ideologias que, de modo geral, afirmam que as pessoas possuem o direito de escolher sobre o que querem ser, consumir e pensar. Isso é uma falsa ideia de liberdade e de individualidade, pois a individualidade que essa sociedade promete não é definida pela autonomia, mas pelo individualismo que cega os homens, marcando-os com violência. O “eu”, segundo Adorno e Horkheimer (1985), é dado para cada um, mas na condição que se tornar semelhante aos demais. O que a sociedade burguesa precisa é da aparência da individualidade e não do indivíduo (Crochík, 2001).

Neste país, não há nenhuma diferença entre o destino econômico e o próprio homem. Todo o mundo é o que é sua fortuna, sua renda, sua posição, suas chances. Na consciência dos homens, a máscara econômica e o que está debaixo dela coincidem nas mínimas reguingas. Cada um vale o que ganha, cada um ganha o que vale. Ele aprende o que ele é através das vicissitudes de sua vida econômica. Ele não se conhece de outro modo. Se a crítica materialista da sociedade objectou outrora ao idealismo que não é a consciência que determina o ser, mas é o ser que determina a consciência, que a verdade sobre a sociedade não será encontrada nas concepções idealistas que ela elaborou sobre si mesma, mas em sua economia, a autoconsciência dos contemporâneos acabou por rejeitar semelhante idealismo. Eles julgam seu próprio eu segundo o valor de mercado e aprendem o que são a partir do que se passa com eles na economia capitalista. (Adorno & Horkheimer, 1985, p. 99)

O fragmento acima assinala que os indivíduos à imagem e semelhança de um produto são frutos de uma sociedade administrada que gera, num processo próprio de pseudoformação, as condições para a reprodução dos elementos subjetivos da cultura. O indivíduo que não compreende sua ontologia e os elementos que circunscrevem sua realidade e a história que o constitui, desde seus antepassados, não compreende e não reconhece as contradições nas quais

se enreda, o que pensa, o que escuta e o que consome. Em suma, é um indivíduo distante do esclarecimento. E “quanto mais as ideias se tornam automáticas, instrumentalizadas, menos alguém vê nelas pensamentos com um significado próprio (Horkheimer, 2010, p. 27).

Esclarecimento que tinha como promessa, a partir do iluminismo, a liberdade, a emancipação política e também do homem a fim de torná-lo senhor-de-si pelo uso da razão, promessa que não se cumpre. Acreditava-se que, pelo uso da razão, seria possível aos homens não só conhecer o mundo, mas também transformá-lo (Oliveira, 1998). Os frankfurtianos se ocuparam em pensar porque o esclarecimento se converteu em uma ciência enquanto instrumento de dominação: “o que os homens querem aprender da natureza é como empregá-la para dominar completamente a ela e aos homens. Nada mais importa. Sem a menor consideração consigo mesmo, o esclarecimento eliminou com seu cautério o último resto de sua própria autoconsciência” (Horkheimer & Adorno, 1956, p. 24). Os autores refletem e denunciam que o conhecimento que tinha como objetivo emancipar o homem dos mitos agora se converteu em poder, e o que importa não é a satisfação que dele resulta, satisfação com a “verdade”, o importante é a técnica, é o procedimento. Os homens sempre tiveram de escolher entre submeter-se à natureza ou submeter a natureza ao eu. Com a difusão da economia mercantil burguesa, o horizonte sombrio do mito é aclarado pelo sol da razão calculadora sob cujos raios gelados amadurece a sementeira da nova barbárie. Forçado pela dominação, o trabalho humano tendeu sempre a afastar-se do mito, voltando a cair sob o seu influxo, levado pela mesma dominação (Adorno & Horkheimer, 1985). E ainda acrescentam: “No trajeto para a ciência moderna, os homens renunciaram ao sentido e substituíram o conceito pela fórmula, a causa pela regra e pela probabilidade” (Adorno & Horkheimer, 1985, p. 6).

A razão instrumental criticada pela Escola de Frankfurt envolve a racionalização que faz com que os hábitos da vida moderna sejam guiados pela lógica do cálculo e da previsibilidade. Essa transformação, da promessa de emancipação que não se cumpre e ainda se desvirtua não é acidental, ela está em consonância com os objetivos da sociedade capitalista. As ciências humanas para se tornarem ciência “comprovada e valorizada” aderem aos métodos das ciências exatas e naturais, ancoradas no positivismo, legitimando o conhecimento numa lógica da fragmentação. Oliveira (1998) diz que essa construção de “meios confiáveis” para fazer uso da razão e aplicá-la estava sintonizada com o aumento da capacidade produtiva e, conseqüentemente, da expansão capitalista. Ainda acrescenta que a expansão burguesa e o conhecimento como sinônimos de poder político consolidaram instrumentos capazes de promover o domínio da natureza, a disciplina do pensamento e dos corpos, a mecanização do corpo pela técnica e o adestramento da mente pelo método. Da mesma forma, imprimiram a

contestação do tempo livre, das festas e do ócio, considerados processos economicamente improdutivos. Assim, política e ciência passam a servir à lógica da acumulação, da produtividade e da dominação. Ontem o que imperava eram os mitos, em suma, religiosos, hoje, com a ciência e a lógica da produtividade, como denunciam Horkheimer e Adorno (2002), as massas enganadas são submissas inexoravelmente ao mito do sucesso.

Os indivíduos disciplinados e produzidos a partir dessa lógica sofrem da forma mais atroz possível o aniquilamento severo da subjetividade. Adorno e Horkheimer (1985) afirmam que o indivíduo que desenvolve um certo fetiche pela técnica certamente, por esse mesmo fetiche, tem problemas em suas relações humanas, posto que transfere para ela parte importante do afeto que deveria dirigir às pessoas. Por outro lado, é importante, para o desenvolvimento social, a existência de homens que tenham competência técnica.

A busca desenfreada pela eficiência e competência colocaram os homens e as ciências em um lugar em que a crítica e a reflexão não são possíveis, e estas se tornam cada vez mais distantes:

No campo das ciências sociais bem como no da experiência individual, a intuição cega e os conceitos vazios são reunidos de maneira rígida e sem mediação. Na era do vocabulário básico de trezentas palavras, a capacidade de julgar e, com ela, a distinção do verdadeiro e do falso estão desaparecendo. (Adorno & Horkheimer, 1985, p. 95)

A disciplina dos homens, da subjetividade e do trabalho intelectual na sociedade administrada é necessária à produção de capital, pois é preciso produzir alguma coisa, e esse é o terreno propício à barbárie: “Quanto mais a evolução da técnica torna supérfluo o trabalho físico, tanto mais fervorosamente este é transformado no modelo do trabalho espiritual, que é preciso impedir, no entanto, não se tira as consequências disso. Eis aí o segredo do embrutecimento que favorece o anti-semitismo” (Adorno & Horkheimer, 1985, p. 95). Na sociedade administrada, a dificuldade em tolerar diferenças e frustrações são elevadas a tal nível que um mínimo soar díspar é o suficiente para elevar a violência, porém isso tanto é reflexo como necessário ao funcionamento de uma produção eficiente:

Se, no interior da própria lógica, o conceito cai sobre o particular como algo de puramente exterior, com muito mais razão, na sociedade, tudo o que representa a diferença tem que tremer. As etiquetas são coladas: ou se é amigo, ou inimigo. A falta de consideração pelo sujeito torna as coisas fáceis para a administração. Transferem-se grupos étnicos para outras latitudes, enviam-se indivíduos rotulados de judeus para as câmaras de gás. A indiferença pelo indivíduo que se exprime na lógica não é senão uma conclusão tirada do processo económico. O

indivíduo tornou-se um obstáculo à produção. A defasagem histórica na evolução técnica e humana, o “cultural lag”, sobre o qual se detiveram os sociólogos, começa a desaparecer. A racionalidade económica, esse princípio tão enaltecido do menor meio, continua incessantemente a remodelar as últimas unidades da economia: tanto a empresa quanto os homens. A forma mais evoluída a cada momento torna-se a forma dominante. (Adorno & Horkheimer, 1985, p. 95-96)

Os indivíduos não podem e nem necessitam mais de reflexão no julgamento de uma decisão, seja na esfera privada, seja na social ou profissional. Tudo é gerenciado e tanto as respostas quanto as ações são predeterminadas, não necessitando de embates e coesões selvagens, os modelos são sutis porém muito eficientes:

Os sujeitos da economia pulsional são expropriados psicologicamente e essa economia é gerida mais racionalmente pela própria sociedade. A decisão que o indivíduo deve tomar em cada situação não precisa mais resultar de uma dolorosa dialéctica interna da consciência moral, da autoconservação e das pulsões. Para as pessoas na esfera profissional, as decisões são tomadas pela hierarquia que vai das associações até a administração nacional; na esfera privada, pelo esquema da cultura de massa, que desapropria seus consumidores forçados de seus últimos impulsos internos. As associações e as celebridades assumem as funções do ego e do superego, e as massas, despojadas até mesmo da aparência da personalidade, deixam-se modelar muito mais docilmente segundo os modelos e palavras de ordem dadas, do que os instintos pela censura interna. Se, no liberalismo, a individuação de uma parte da população era uma condição da adaptação da sociedade em seu todo ao estágio da técnica, hoje, o funcionamento da aparelhagem económica exige uma direcção das massas que não seja perturbada pela individuação. (Adorno & Horkheimer, 1985, p. 96-97)

O modelo económico, ou o capitalismo tardio, acaba por determinar todas as orientações e assim atrofia o indivíduo e sua existência, o progresso que tendia a eliminar a miséria acabou por aprisionar nela os indivíduos:

A irracionalidade da adaptação dócil e aplicada à realidade torna-se, para o indivíduo, mais racional do que a razão. Se, outrora, os burgueses introjetavam a coacção em si mesmos e nos trabalhadores como um dever de consciência, agora o homem inteiro tornou-se o sujeito-objeto da repressão. O progresso da sociedade industrial, que devia ter eliminado como que por encanto a lei da pauperização que ela própria produzira, acaba por destruir a ideia pela qual o todo se justificava: o homem enquanto pessoa, enquanto portador da razão. A dialéctica do esclarecimento transforma-se objectivamente na loucura [...] Quando todos os poros da consciência são tapados, que as massas são levadas a esse estado de absoluta apatia que as torna capazes de realizações fantásticas. Quando ainda se deixa uma aparência de decisão ao indivíduo, esta já se encontra essencialmente predeterminada. (Adorno & Horkheimer, 1985, p. 97)

Como consequência dessa retórica, o campo da técnica e o da subjetividade são tomados pela ideologia, ou pelos modos de ser e de pensar típicos do capitalismo tardio, como diriam os autores frankfurtianos. Num mundo em que a ciência, a técnica e o trabalho em si são garantias de estabilidade, ainda que na prática esses nexos produzam indivíduos frustrados, instáveis e inseguros, esses se tornam os elementos balizadores da “verdade”. Em decorrência disso, os homens que vivem sob pressão do capital estão sempre na iminência de eclodirem.

1.4 Indústria Cultural

Adorno e Horkheimer (1985) desenvolvem o conceito de indústria cultural aludindo aos homens e a cultura de forma geral as características de uma mercadoria produzida nos moldes de uma indústria, em que todos os produtos surgiram de uma mesma técnica, de uma mesma matéria-prima para um mesmo objetivo. São, justamente, essas as características dos seres humanos que até hoje vivem nas sombras do obscurantismo do Iluminismo prometido e não realizado em sua inteireza. “O senso de realidade, a adaptação ao poder, não é mais resultado de um processo dialético entre o sujeito e a realidade, mas é imediatamente produzido pela engrenagem da indústria” (Adorno & Horkheimer, 1985, p. 190). Tanto a ciência quanto a indústria cultural utilizam técnicas que reificam os seres humanos, tornam estática a subjetividade e previsíveis pensamentos e ações. Adorno e Horkheimer (1985) afirmam que a técnica da indústria cultural não deve ser atribuída puramente à lei evolutiva dela mesma, mas à função que ocupa na economia atual, indo da padronização e da produção em série ao sacrifício da diferença entre a lógica da obra e a do sistema social.

Para Adorno e Horkheimer, a lógica da indústria cultural envolve a capacidade de se atingir um extenso número de locais e pessoas com uma mesma mercadoria, igualando necessidades e desejos, convencendo-as de uma satisfação através de produtos standardizados. Os meios de comunicação de massa mortificam nos indivíduos a possibilidade de refletir, de criar e até de ver. Esse conceito é desenvolvido em *Dialética do esclarecimento*, de Adorno e Horkheimer (1985), com o propósito de reestabelecer as vinculações que ele preserva com as novas modalidades de aparatos tecnológicos do século XXI. A produção da cultura é instrumentalizada de forma mercadológica a ponto de ser caracterizada como indústria cultural (Zuin, Pucci & Lastória, 2015).

Os autores frankfurtianos vinculam o funcionamento das indústrias à produção da cultura e do conhecimento, afirmando que eles contêm a mesma lógica, tanto na criação quanto na repetição, resultando, dessa forma, na uniformização da técnica e, conseqüentemente, em

uma sociedade administrada. Administração que, como bem nos lembra Crochík (2001), não distingue pessoas de coisas, a não ser para tornar as primeiras meio e as últimas fim. A administração industrializada, segundo Horkheimer e Adorno (2002), subordina do mesmo modo todos os ramos da produção espiritual com o único fito de arrolhar os sentidos dos homens, desde a saída da fábrica à noite até a chegada nela na manhã seguinte, assim como diante do relógio de ponto e com os sinetes dos processos de trabalho, que eles próprios devem alimentar durante o dia. A administração industrializada, sarcasticamente, realiza o conceito de cultura orgânica que os filósofos da personalidade opunham à massificação.

Wolfgang Leo Maar na introdução de *Educação e emancipação* diz que, para Adorno, o travamento da experiência deve-se à repressão do diferenciado em prol da uniformização da sociedade administrada e à repressão do processo em prol do resultado, falsamente independente, isolado. Isto é, a sociedade administrada parte da expansão do capitalismo, da indústria cultural, dos modos de produção que coisificam os homens, os corpos e a subjetividade, levando à perda de sentido da experiência. Desse modo, a cultura torna-se produto da indústria, produzida de uma forma “pensada” para vender, e as pessoas são “educadas” para consumir. “Não lhe foi concedendo a plena satisfação que os colossos desencadeados na produção superam o indivíduo, mas extinguiu-o como sujeito” (Adorno & Horkheimer, 1985, p. 191). Os modos de viver e de ser passam a ser administrados e ditados por uma ideologia que impera em prol do capitalismo. Assim a indústria cultural deforma e destrói a própria cultura, transformando-a em arranjos de massa. A totalidade das instituições existentes aprisiona os homens de corpo e alma a ponto de, sem resistência, eles sucumbirem diante de tudo o que lhes é oferecido (Horkheimer & Adorno, 2002).

A indústria cultural reflete a irracionalidade objetiva da sociedade capitalista tardia como racionalidade da manipulação de massas. “[...] A indústria cultural corresponde à continuidade histórica de condições sociais objetivas que formam a antecâmara de Auschwitz, a racionalização da linha de produção industrial — seja fordista, seja flexível [...]” apontando para a estandardização (Adorno, 1995, p. 22). Adorno e Horkheimer criticam:

O esquematismo do procedimento mostra-se no facto de que os produtos mecanicamente diferenciados acabam por se revelar sempre como a mesma coisa. A diferença entre a série Chrysler e a série General Motors é no fundo uma distinção ilusória, como já sabe toda criança interessada em modelos de automóveis. As vantagens e desvantagens que os conhecedores discutem servem apenas para perpetuar a ilusão da concorrência e da possibilidade de escolha. (Adorno & Horkheimer, 1985, p. 58)

Adorno explicou as relações da cultura da mídia com os processos de produção e acumulação capitalista, assinalando as funções ideológicas dos produtos da indústria cultural, que funcionam como suporte à veiculação dos ideais capitalistas e reprodução da estrutura de dominação vigente o que, conseqüentemente, levou à mercantilização da cultura. “Dificulta-se a sobrevivência do pensamento crítico numa sociedade em que os indivíduos se transformam em “caixas de ressonância” de mensagens que seduzem pelo incentivo à integração, muitas vezes cega, a um coletivo regido por uma palavra de ordem autoritária (Zuin, 2001, p. 11).

Horkheimer e Adorno (2002) sentenciam que a indústria cultural absolutiza a imitação, que reduzida a puro estilo, trai o seu segredo: a obediência à hierarquia social. Para os autores frankfurtianos, “a cultura contemporânea a tudo confere um ar de semelhança. Filmes, rádio e semanários constituem um sistema. Cada setor se harmoniza em si e todos entre si” (Horkheimer & Adorno, 2002, p. 5). Na sociedade contemporânea não é permitido a liberdade de pensamento, de criação, a autonomia, ou seja, elementos que destoem dos processos de produção em massa.

No capitalismo avançado, a racionalidade técnica está personificada, a despeito de seu uso irracional, no aparato produtivo. Isso não se aplica apenas às fábricas mecanizadas, ferramentas e exploração de recursos, mas também à maneira de trabalhar como adaptação ao processo mecânico e manuseio do mesmo, conforme programado pela "gerência científica". (Marcuse, 1982, p. 41)

Passados quase um século, graças ao espantoso desenvolvimento das tecnologias da informação e também a não menos espantosa concentração econômica, o sistema ganhou mais densidade e articulação aprimorando aqueles ramos tradicionais, transformando-os em aparatos de última geração e mais poderosos: os celulares, a TV interativa, a internet e outros. Porém a cultura atual, com mais competência ainda, continua conferindo a tudo um ar de semelhança, identidade e uniformização (Pucci, 2006). As artes, a música, os filmes e até os livros instauram com os meios de comunicação uma aridez no campo da cultura e da subjetividade. Horkheimer e Adorno (2002) dizem que o problema não consiste na harmonia realizada quanto à problemática unidade de forma e conteúdo interno e externo, indivíduo e sociedade, mas sim nos traços em que aflora a discrepância na falência necessária da apaixonada tensão para com a identidade.

O conceito de indústria cultural, segundo Zuin (2001), não só permanece atual como também é relevante para a crítica das condições sociais que fundamentam a universalização da

semiformação³, sendo esta uma característica da barbárie. Quanto ao processo de semiformação, Adorno pontua que ele ocorre quando há um afastamento da produção cultural e subjetiva do verdadeiro saber popular, cedendo aos interesses mercadológicos da indústria cultural. Zuin (2001) acrescenta ainda que compreende-se o conceito semiformação justamente pela tentativa de oferecimento de uma formação educacional que se faz passar pela verdadeira condição de emancipação dos indivíduos quando, na realidade, contribui decisivamente tanto para a reprodução da miséria espiritual como para a manutenção da barbárie social. Na obra *Teoria da semicultura*, Adorno (1966) afirma que a formação nada mais é que a cultura tomada pelo lado de sua apropriação subjetiva, mas que, ao se esquecer disso, acaba por se converter em pseudoformação, esta que passou a ser a forma dominante da consciência atual, ou seja, um campo fértil para a aparição de inúmeras violências, um retrocesso à barbárie. Para que a violência possa ser sobrepujada, é preciso barrar e extinguir a barbárie em todos os âmbitos. A indústria cultural, portanto, é mais do que uma fábrica de violência, ela é a própria expressão da barbárie.

Quem observa o mundo com mente lúcida e sem se distrair com outras coisas não pode deixar de reconhecer que o indivíduo tem de se adaptar, de se conformar e de se subordinar, e quem quiser ser alguém, segundo o ideal burguês, ou simplesmente não soçobrar, deve aprender a satisfazer os outros (Horkheimer & Adorno, 1956). Crochík (2001) assevera que uma educação dirigida para autorreflexão deveria permitir que o medo fosse expressado pelo indivíduo, para que ele não retorne após reprimido sob a forma de violência. Isto é, quando o esclarecimento não faz parte do cotidiano da vida, a violência passa a ser artífice de sobrevivência. Para que se possa imperar o que se acredita como “verdadeiro”, quando se é distante de uma formação calcada no esclarecimento, reproduzir e consumir o que é exigido ao sujeito como naturalizado passa a ser a regra. E qualquer ameaça está na iminência de uma barbárie.

A rede de relações sociais entre os indivíduos tende a ser cada vez mais densa, e é cada vez mais reduzido o âmbito em que o homem pode subsistir sem ela. É caso, então, para se indagar se tais momentos autônomos e tolerados pelo controle social ainda poderão se formar e em que medida isso ocorrerá (Horkheimer & Adorno, 1956). Os autores citados refletem sobre

³ Embora em algumas citações a terminologia “pseudoformação” aparece, optamos, neste trabalho, em utilizar a terminologia semiformação. A palavra em alemão *halbbildung* pode ser traduzida por pseudoformação, porém, essa tradução não contempla a complexidade do conceito, já que pseudo se refere ao momento falso do conceito, mas ele não é totalmente falso porque é um momento de sua verdade (Adorno, 2010, p. 11).

as relações sociais, e dizem o quanto elas já estavam incorporadas a um discurso uniformizante e encaixotadas, de modo enrijecido, a partir de ideologias dominantes.

A reificação, graças à qual a estrutura de poder, possibilitada unicamente pela passividade das massas, aparece às próprias massas como uma realidade indestrutível, tornou-se tão densa que toda espontaneidade e, mesmo, a simples ideia da verdadeira situação tornou-se necessariamente uma utopia extravagante, um desvio sectarista. A aparência ficou tão espessa que a possibilidade de devassá-la assumiu o carácter da alucinação. (Adorno & Horkheimer, 1985, p. 97)

Talvez já não haja nem relações nem espaços autônomos, já que, via de regra, pelo controle social ambos são inspecionados e, como asseveram os autores, o que escapa a esse controle é flagrado pela consciência individual, também controlada (Adorno & Horkheimer, 1985). Nessa seara, parece não ser permitida a construção de relações e discursos que destoem do chamado ordem e progresso; as redes sociais *online* imprimem, como não poderia deixar de ser, esse presságio.

Assim como em todas as mídias há uma repetição exaustiva dos elementos da indústria cultural, hoje, a violência nas redes sociais na internet possuem o mesmo funcionamento violento em que se organiza a sociedade, mostrando a irracionalidade do pensamento e o distanciamento do esclarecimento.

No próximo capítulo será discutido os aspectos psicológicos, sociais e políticos da tecnologia e da violência, refletindo assim as contribuições do narcisismo das pequenas diferenças e do antissemitismo acerca da intolerância e do ódio. E também refletirá a relação de tecnologia e bárbarie buscando compreender alguns aspectos sobre a violência na internet.

2. Tecnologia e Violência: Aspectos Psicológicos, Sociais e Políticos

A violência nas redes sociais é fenômeno social de enorme complexidade e de difícil enfrentamento. Tendo por base as reflexões de Freud e dos frankfurtianos, expostas no capítulo anterior, pode-se conjecturar que as raízes da violência, da barbárie e da intolerância estão nos processos da repressão do indivíduo em nome da civilização, na necessidade de expelir o que difere, na tentativa de uma proteção interna ou externa, nos mecanismos de reificação, estandardização impostos pela indústria cultural, pelos modos concretos, ou sutis, pelos quais a classe dominante expropria e explora a maioria dos homens, ou ainda, por tantos outros modos de imposição do poder e da força no âmbito das relações sociais. Neste capítulo, interessa, sobretudo, discutir como essa violência se reproduz e se expressa na sociedade administrada, em especial, em meio ao desenvolvimento das novas tecnologias. Com o progresso, com a tecnologia, transparece, de forma negativa, o ódio e a violência exprimidos em decorrência de coerção.

A tecnologia serve para instituir formas novas, mais eficazes e mais agradáveis de controle social e coesão social. [...] a noção de neutralidade não mais pode ser sustentada. A tecnologia não pode, como tal, ser isolado do uso que lhe é dado; a sociedade tecnológica é um sistema de dominação que já opera nos conceitos e na elaboração das técnicas. (Marcuse, 1982, p. 18)

Na visão de Marcuse, os instintos e os desejos são sufocados de forma atroz, conduzindo os homens aos objetivos do capitalismo monopolista, que prevê o embotamento espiritual em prol de lucro e de poder: “Tudo contribui para transformar os instintos, os desejos e pensamentos humanos em canais que alimentam o aparato⁴” (Marcuse, 1999, p. 81). Marcuse destaca que “os meios de informação em massa encontram pouca dificuldade em fazer aceitar os interesses particulares como sendo de todos os homens sensatos. As necessidades políticas da sociedade se tornam necessidades e aspirações individuais” (Marcuse, 1982, p. 13).

É em consonância a essa ordem tecnológica, mecanizada e objetiva que o progresso é utilizado dentro e em prol da estrutura de dominação. Esse funcionamento fez com que, sob o impacto desse aparato, a individualidade, o ser com autonomia, ao lidar com tamanha repressão, quer em defesa da civilização quer em nome da sobrevivência na sociedade administrada, devolve a agressividade tanto a das pulsões quanto a da coerção social.

⁴ O termo “aparato” designa as instituições, os dispositivos e as organizações da indústria em sua situação social dominante (Marcuse, 1941/1999, p. 77).

A intolerância ao diferente é, além de parte integrante da constituição do eu – o narcisismo –, pretexto utilizado por inúmeros governos para justificar genocídios, guerras e atos de violências:

[...] a violência e a supressão são promulgadas, praticadas e defendidas por governos democráticos e autoritários de igual modo, e a população sujeita a esses governos são educadas a fim de apoiar tais práticas como necessário para manter o status quo. A tolerância estende orientações a políticas, condições e modos de comportamento que não devem ser tolerados, porque impedem, se não destroem, as hipóteses de criação de uma existência livre do medo e da miséria. (Marcuse, 2007, p. 29)

A premissa da possibilidade da tolerância às diferenças e ao outro exigiria a intolerância para com o modelo econômico e político, exigiria a contestação das ideias dominantes, das ideologias e de toda a lógica perversa em que funciona a sociedade capitalista. Marcuse aponta que:

A conclusão alcançada é de que a realização do objetivo da tolerância requer intolerância perante as políticas predominantes, atitudes, opiniões, e a extensão da tolerância às políticas, atitudes e opiniões que são proscritas ou suprimidas. Em outras palavras, hoje a tolerância apresenta-se novamente como o que era em suas origens, no começo do período moderno -uma meta partidária, uma prática e uma noção libertária subversiva. Contrariamente, o que hoje é proclamado e praticado como tolerância está, em muitas de suas manifestações mais efetivas, servindo a causa da opressão. (Marcuse, 2007, p. 28-29)

Isto porque a tolerância implica a convivência e a aceitação da diferença e, hoje, seu sentido tem se reduzido à mera adaptação daquilo que difere do que está posto socialmente.

2.1 Intolerância e ódio: algumas contribuições do narcisismo das pequenas diferenças e do antissemitismo

Historicamente as diferenças sempre soaram como ameaça, quer pela própria constituição psíquica, quer em nome da dominação e poder, a exemplo do antissemitismo. As intolerâncias para com as diferenças ao longo da história e também na contemporaneidade, expressas hoje em grande quantidade escala nas redes sociais, não apenas geraram e continuam a gerar segregação, mas explicitam a violência e o aniquilamento do indivíduo. “Na ideologia da raça e na realidade da classe só aparece, por assim dizer, a diferença abstrata em face da maioria” (Adorno & Horkheimer, 1985, p. 98).

É possível compreender que os conflitos entre grupos não se justificam apenas pelas diferenças que os compõem. Como, muitas vezes, essas diferenças são desvirtuadas para justificar processos inconscientes arcaicos reprimidos pela coletividade, o narcisismo das pequenas diferenças não trata apenas de algo meramente discrepante, trata, sobretudo, de forças recalçadas que, pela ausência de identificação e compreensão, são realocadas, retornando sempre de forma bárbara.

Por meio da teoria psicanalítica de Freud, é possível compreender o porquê de “tudo que de mim difere me ameaça” (Reino & Endo, 2011, p. 18), entendendo, assim, o fundamento da diferença ou da incompatibilidade em representar uma ameaça interna ou externa ao equilíbrio psíquico. Os escritos de Freud sobre o narcisismo analisados pela via da cultura e das reflexões sobre o narcisismo das pequenas diferenças, assim como das pulsões atreladas à agressividade, são essenciais para a compreensão das formas de constituição dos fenômenos de ódio e violência.

Freud aponta que são justamente as pequenas diferenças que causam repulsa e depreciação entre as pessoas: “Seria tentador desenvolver essa ideia e deduzir deste 'narcisismo das pequenas diferenças' a hostilidade que vemos, em todas as relações humanas, enfrentar com sucesso os sentimentos de companheirismo e superar o mandamento de que todos os homens devem amar uns aos outros” (Freud, 1996c, p. 208-209).

Em 1921, ainda que não cite diretamente a máxima do narcisismo das pequenas diferenças, Freud realiza uma profunda arqueologia e reflexão acerca da formação dos grupos, da intolerância e da violência que os une pela via do narcisismo. O autor inicia seu texto discorrendo sobre a psicologia das massas de forma a compreender a inserção e a construção do indivíduo como parte de uma raça, nação, casta, profissão, instituição ou parte componente de uma multidão de pessoas que se organizaram em grupo, numa ocasião determinada, para um intuito definido (Freud, 2011a).

Assim ainda que a formação do indivíduo esteja claramente atrelada à esfera social, a grande contribuição de Freud encontra-se no desvelamento dos processos psíquicos pelos quais isso ocorre. Freud (2011a) aponta que quando os indivíduos estão em grupo exacerbam-se as emoções, enquanto que o nível intelectual é parcialmente reduzido. Freud (2011a), apesar das críticas que faz, recorre à contribuição de Le Bon ao asseverar que o rebaixamento na escala civilizacional ocorre pelo simples fato de o homem compor um grupo organizado. “Isolado, pode ser um indivíduo culto, numa multidão, é um bárbaro, ou seja, uma criatura que age pelo instinto. Possui a espontaneidade, a violência, a ferocidade e também o entusiasmo e o heroísmo dos seres primitivos” (Freud, 2011a, p. 100).

Le Bon (1920 apud Freud, 2011a) postula que, ainda que inseridos em um grupo, os indivíduos não possuem faculdade crítica, sendo totalmente abertos à influência do outro. Dessa forma, não buscam a verdade, exigem ilusões e não podem passar sem elas. Todavia Freud (2011a), analisando essa afirmação, parece questioná-la considerando-a radical. Para o autor, o próprio Le Bon estava pronto a admitir que, em certas circunstâncias, os princípios éticos de um grupo podem ser mais elevados do que os dos indivíduos que o compõem, e que apenas as coletividades são capazes de um alto grau de desprendimento e cega devoção. Desse modo, a violência é sempre justificada em prol de um princípio maior, isso é o que rege o funcionamento dos indivíduos nos grupos. Os autores frankfurtianos corroboram afirmando que “Isso facilita o triunfo e torna o pai de família anti-semita um espectador irresponsável da tendência histórica irresistível, que só intervém quando o exige seu papel como empregado do partido ou das fábricas que fabricam o gás para os campos de extermínio” (Adorno & Horkheimer, 1985, p. 97).

Freud (2011a), acerca da sugestionabilidade, aponta que ela ocorre na forma de um contágio, fazendo com que todo o grupo aja de determinada maneira sem saber o motivo e o sentido de tal ação. Essa atitude nem sempre seria algo adotado, ou mesmo expresso, num indivíduo isolado dos demais. Sob influência de uma sugestão, o indivíduo se assemelha a um hipnotizado, que nas mãos do hipnotizador não se encontra consciente de seus atos, deixando de ser dirigido por vontade própria. Sob o ponto de vista da Teoria Crítica da Sociedade, a “sugestão” advém o tempo todo e de forma evidente através de produtos, propagandas e ideologias impostos de modo a acarretar indivíduos que, distantes da reflexão, assumem posturas intolerantes com algumas minorias, aquelas que, sobremaneira, veiculam diferenças naturais, religiosas ou econômicas (a “justificativa” pouco importa) e não representam, na verdade, ameaça aos demais grupos, porém, grupos alicerçadas sob a égide econômica “sugestionam”, de forma atroz, que outros sejam perseguidos, tornando-os alvo de violência e exclusão.

“Por mais corretas que sejam, as explicações e os contra-argumentos racionais, de natureza econômica e política, não conseguem fazê-lo, porque a racionalidade ligada à dominação está ela própria na base do sofrimento” (Adorno & Horkheimer, 1985, p. 81) e, distante do esclarecimento, os indivíduos tendem a repetir exaustivamente palavras e ações irracionais.

Inclinado como é a todos os extremos, um grupo só pode ser excitado por um estímulo excessivo. Quem quer que deseje produzir efeito sobre ele, não necessita

de nenhuma ordem lógica em seus argumentos; deve pintar nas cores mais fortes, deve exagerar e repetir a mesma coisa diversas vezes. (Freud, 2011a, p. 85)

É portanto necessário que ocorra uma repetição demasiada, até que se tenha uma certeza inquestionável, assim o que era um traço de antipatia se transforma em ódio furioso. Não mantendo o mesmo nível de lucidez e reflexão, torna-se ligeiramente fácil deslocar-se aos extremos (Freud, 2011a).

Freud realiza uma análise de dois grupos – da Igreja e do exército – apontados como artificiais, ou seja, em que se faz presente uma certa força externa para impedir a desagregação dos integrantes e evitar alterações em sua estrutura. O autor conclui que ambos são dominados por laços emocionais de dois tipos: com o líder e entre membros. Com isso, ele elabora algumas contribuições afirmando que a origem dos laços em um grupo é, em suma, a “identificação”, que se dá pelo investimento libidinal.

Na tentativa de explorar a natureza dos conflitos das relações emocionais que existem entre os homens em geral, Freud cita a parábola schopenhaueriana dos porcos-espinhos que, a fim de se aquecerem num dia frio de inverno, aproximam-se uns dos outros. Todavia, essa aproximação é contida em função dos espinhos, fazendo com que eles se afastem. O frio, no entanto, faz com que eles novamente se aproximem mantendo um dos outros distância tolerável. Traçando análise paralela, Freud chama atenção para toda relação emocional íntima entre duas pessoas que perdura por certo tempo:

[...] todas contêm um sedimento de sentimentos de aversão e hostilidade, o qual só escapa à percepção em consequência da repressão. [...] A mesma coisa acontece quando os homens se reúnem em unidades maiores. [...] o alemão do sul não pode suportar o alemão setentrional, o inglês lança todo tipo de calúnias sobre o escocês, o espanhol despreza o português. Não ficamos mais espantados que diferenças maiores conduzam a uma repugnância quase insuperável, tal como a que o povo gaulês sente pelo alemão, o ariano pelo semita e as raças brancas pelos povos de cor. (Freud, 2011a, p. 106)

Até certo ponto, os indivíduos do grupo comportam-se como se fossem uniformes e toleram as peculiaridades de outros membros, essa tolerância dura o tempo do lucro imediato. Os laços libidinais, a identificação, prolongam e solidificam as relações no grupo, mas até um ponto em que se tem benefícios e sentidos para o indivíduo, limitações do narcisismo que para alimentar o objeto libidinal e manter a integração do ego aniquila o que não lhe serve. Lógica também presente no funcionamento da sociedade industrial.

O ódio, a partir do grupo, assume caráter de ordem social, porém ele é anterior a isso. O ódio, a agressividade e a destruição são apontadas por Freud como algo instintual e, nesse caso, o mal não está, num primeiro momento, fora do indivíduo, não é extraordinário, mas contido nele. Freud (1996e) diz que o ser humano não é um ser manso, amável e, no máximo, capaz de defender-se se for atacado, mas é lícito atribuir a sua dotação pulsional uma boa dose de agressividade. Afirma ainda que esse indestrutível traço da natureza humana (a agressividade) também acompanha o indivíduo por onde quer que ele vá. Diante de uma afronta ou ameaça, quando as forças psíquicas, que normalmente inibem os impulsos instintivos, estão ausentes, a agressividade se expressa de modo hostil e espontâneo “e revela o ser humano como uma besta selvagem que não poupa os de sua própria espécie” (Freud 1996e, p. 118).

Os instintos de agressão são, sobretudo, os que tornam a vida em comum dos seres humanos mais difícil, ameaçando-lhes continuidade. A limitação da agressividade é o primeiro e, talvez, o mais duro sacrifício que a sociedade requer do indivíduo, mas é preciso reconhecer que o eu não se sente bem quando é sacrificado em prol das necessidades de uma sociedade, quando esta tem de sujeitar-se às tendências destrutivas da agressividade que, de bom grado, ele dirigiria contra outros (Freud, 1996e).

Freud elucida, a partir de dois aspectos, a civilização. Por um lado, ela inclui todo o conhecimento e a capacidade que o homem adquiriu com o fim de controlar as forças da natureza e extrair-lhe riqueza para satisfação das necessidades humanas. Por outro, a civilização inclui os regulamentos necessários para ajustar as relações dos homens uns com os outros e, especialmente, a distribuição da riqueza disponível. Contudo, os indivíduos não deixaram de carregar consigo os desejos instintivos, inerentes ao homem, que precisam ser incessantemente dominados para que seja possível a vida em comunidade (Freud, 1996d).

Em se tratando de desejos instintivos relacionados à agressividade, na análise freudiana da segunda teoria pulsional, o instinto de morte⁵ apenas levaria o sujeito à descatexização, tendo a ação repelida, quer dizer, levada à estagnação, à inanição. Há, portanto, a externalização do instinto de morte em forma de agressividade, ajudando o ego e o organismo a manterem-se vivos e protegidos dos outros. Quanto a isso, Freud diz que:

[...] uma parte do instinto se volta contra o mundo externo e depois vem à luz como instinto de agressão e destruição. Assim o próprio instinto seria obrigado ao serviço de Eros, na medida em que o vivente destruiria outras coisas, animadas e inanimadas, em vez de si próprio. Inversamente, a limitação dessa agressão

⁵ Instintos que impelem à criação de novas formas e ao progresso (Freud, 1920, p. 148), força instintual que impele à cura (Freud, 1920, p. 213).

voltada para fora teria de aumentar a autodestruição, aliás sempre existente. Ao mesmo tempo, a partir desse exemplo podemos suspeitar que as duas espécies de instintos raramente – talvez nunca – surgem isoladas uma da outra. (Freud, 1996e, p. 125)

Freud (1996e) afirma que há rejeição quando se fala da tendência inata do ser humano ao “mal”, à agressão, destruição e crueldade. Nesse sentido, ninguém quer ser lembrado do quanto é difícil conciliar a irrefutável existência do mal. No entanto, o instinto de morte é apenas percebido e torna-se perigoso quando se volta contra o mundo exterior, tornando-se renúncia imposta advinda de fora, pela necessidade de civilização. Adorno & Horkheimer (1985) apontam que a repressão sofrida internamente logo é projetada para o exterior e não raramente isso ocorre de forma patológica:

Segundo a teoria psicanalítica, a projecção patológica consiste substancialmente na transferência para o objecto dos impulsos socialmente condenados do sujeito. Sob a pressão do superego, o ego projecta no mundo exterior, como intenções más, os impulsos agressivos que provêm do id e que, por causa de sua força, constituem uma ameaça para ele próprio. Deste modo, consegue livrar-se deles como uma reacção a esse mundo exterior [...] A projecção patológica é um recurso desesperado do ego que, segundo Freud, proporciona uma protecção infinitamente mais fraca contra os estímulos internos do que contra os estímulos externos. Sob a pressão [...], o mecanismo psíquico esquece sua mais recente conquista filogenética, a percepção de si, e enxerga essa agressão como um inimigo no mundo para melhor enfrentá-lo. Mas essa pressão pesa também sobre o processo cognitivo não-patológico como um factor de sua ingenuidade violenta e irreflectida. (Adorno & Horkheimer, 1985, p. 91)

Logo, Freud (1996e), conclui que quanto mais se controla a agressividade em relação ao exterior, mais agressivo o indivíduo se torna internamente, provocando destruição interna. Esse fato revela a tendência inata do ser humano também para o “mal”, para a agressão, a destruição e a crueldade (Freud, 1996e).

A agressividade aparece como uma ilusória tentativa de manter a integridade do ego, sendo preciso atacar, em nome dessa integridade, tudo que difere ou destoa de si no outro, em nome do amor-próprio e da sobrevivência. O ódio endereçado ao outro transcende a possibilidade de reação de defesa, é ataque, trata-se de instinto de vida, instinto de morte e prazer, está no âmago do desejo humano. Diante disso, o sujeito nunca permanece indiferente frente ao estrangeiro, mesmo que esse estrangeiro seja parte de si. Freud (1996e) aborda o jogo de instinto de vida e de morte de modo que o princípio do prazer busca eliminar e evitar as sensações de dor e desprazer inevitáveis no mundo externo. “Surge, então, uma tendência a

isolar do ego tudo que pode tornar-se fonte de tal desprazer, a lançá-lo para fora e a criar um puro ego em busca de prazer, que sofre o confronto de um ‘exterior’ estranho e ameaçador” (Freud, 1996e, p. 92). A agressividade, portanto, está intrinsecamente ligada ao narcisismo, que a partir da repressão dos instintos agressivos podem transformar-se em violência. A exacerbação dessa lógica ganha contornos catastróficos e seus efeitos patogênicos se fazem notar no indivíduo e em âmbito social.

A existência do instinto agressivo como condição humana denota aos indivíduos a posição de aniquilar a humanidade, de exterminá-la. Para tanto, o processo de civilização vem tentar, por meio de normas, leis, métodos e diversos instrumentos colocar limites a esse instinto. Mas é sabido que é uma ilusão detê-la totalmente, já que ao coagir os que a cometem a violência é reativada. Renunciar ao prazer e à agressividade extrema em prol da civilização exige uma espécie de troca por formações psíquicas reativas, controlando os impulsos inaceitáveis, o que gera sempre frustração e conseqüente mal-estar. Freud (1996d) descreve como frustração o fato de um instinto não poder ser satisfeito; como proibição o regulamento pelo qual essa frustração é estabelecida; como privação a condição produzida pela proibição. Esta é relativa a cada cultura, mas há alguns desejos instintuais que a proibição é praticamente tão forte que os indivíduos a internalizam através do superego como é o caso do canibalismo, do incesto e da ânsia de matar. Neste caso, ela é praticada e, na verdade, ordenada pela civilização (Freud, 1996d). A internalização gradativa dessas proibições, ou seja, a consonância da coerção externa ao superego é assinalada por Freud como um progresso mental.

Freud também observa que grande parte das pessoas obedece às proibições culturais apenas sob pressão da coerção externa, isto é, somente onde essa coerção pode fazer-se efetiva e enquanto deve ser temida. Isso também se aplica ao que é conhecido como sendo as exigências morais da civilização que, do mesmo modo, se aplicam a todos. A maioria das experiências que se tem da imoralidade do homem ocorre nessa categoria. Há incontáveis pessoas civilizadas que se recusam a cometer assassinato ou a praticar incesto, mas que não se negam a satisfazer sua avareza, seus impulsos agressivos ou seus desejos sexuais, e não hesitam em prejudicar outras pessoas por meio da mentira, da fraude e da calúnia, desde que possam permanecer impunes (Freud, 1996d). Por conseguinte, Freud afirma que:

Evidentemente, não é fácil aos homens abandonar a satisfação dessa inclinação para a agressão. Sem ela, eles não se sentem confortáveis. A vantagem que um grupo cultural, comparativamente pequeno, oferece, concedendo a esse instinto um esquadro sob a forma de hostilidade contra intrusos, não é nada desprezível. É sempre possível unir um considerável número de pessoas no amor, enquanto

sobrarem outras pessoas para receberem as manifestações de sua agressividade. (Freud, 1996e, p. 120)

O narcisismo das pequenas diferenças, isto é, a intolerância com o que no mínimo se difere um indivíduo do outro, estabelece uma relação de satisfação com a agressividade voltados aqueles que por inúmeros motivos não estão inclusos. Em um grupo, como apontou Freud, confere-se facilmente a coesão entre seus membros a fim de atacar o que difere no outro grupo. Essa tese, na prática, remete-se à intolerância racial, cultural, religiosa, sexual, de gênero etc., como já foi várias vezes incorporada e cumprida por homens, a exemplo do antissemitismo. Adorno e Horkheimer discutem sobre a perseguição judaica no texto “Elementos do Anti-Semitismo: Limites do esclarecimento” e afirmam que: “para os fascistas, os judeus não são uma minoria, mas a anti-raça, o princípio negativo enquanto tal; de sua exterminação dependeria a felicidade do mundo [...] Eles [os judeus] são estigmatizados pelo mal absoluto como o mal absoluto. Assim, eles são de facto o povo eleito” (Adorno & Horkheimer, 1985, p. 80).

Os fascistas, como justificção à dominação dos judeus, precisaram instituir, de forma ideológica, o ódio a eles. Diante da ausência de diferenças naturais, imputaram “a verdade” sobre o fato de os judeus serem o povo eleito por Deus. Segundo Freud, há mais de um fundamento ligado à intensidade do ódio ao povo judeu, alguns não exigem interpretação e outros, por serem talvez derivados de fontes ocultas, são considerados fundamentos específicos:

Dos primeiros, a censura por serem estrangeiros é talvez a mais débil, visto que em muitos lugares hoje dominados pelo anti-semitismo, os judeus estavam entre as partes mais antigas da população, ou mesmo lá se encontravam antes dos atuais habitantes. [...] Outros fundamentos para odiar os judeus são mais fortes; assim, as circunstâncias de eles viverem, em sua maior parte, como minorias entre outros povos, pois o sentimento comunal dos grupos exige, a fim de completá-lo, a hostilidade para com alguma minoria externa, e a debilidade numérica dessa minoria excluída encoraja sua supressão. Há, contudo, duas outras características dos judeus que são inteiramente imperdoáveis. A primeira é o fato de, sob alguns aspectos, serem diferentes de suas nações “hospedeiras”. Não são fundamentalmente diferentes, pois não são asiáticos, de uma raça estrangeira, conforme seus inimigos sustentam, mas compostos, na maioria, de remanescentes dos povos mediterrâneos e herdeiros da civilização mediterrânea. São, não obstante, diferentes de maneira indefinível, especialmente dos povos nórdicos, e a intolerância dos grupos é quase sempre, de modo bastante estranho, exibida mais intensamente contra pequenas diferenças do que contra diferenças fundamentais. O outro ponto possui um efeito ainda maior: a saber, que eles desafiam toda opressão, que as perseguições mais cruéis não conseguiram exterminá-los e que, na verdade, pelo contrário, exibem uma capacidade de manter o que é seu na vida

comercial e, onde são admitidos, de efetuar contribuições valiosas a todas as formas de atividade cultural. (Freud, 1996g, p. 102-103)

A intolerância e o ódio presentes na perseguição judaica são analisados também na obra freudiana *Moisés e o monoteísmo*, de 1939. Nela, Freud retoma as bases da origem da identidade judaica, denunciando várias invenções e distorções históricas que cercearam a teoria que alimentou a perseguição. A partir de suas pesquisas e dos relatos de outros historiadores, Freud (1996g) sugere que Moisés não é de origem hebraica e, sim, egípcia, e conclui que toda uma história foi, além de distorcida, não apagada, mas reprimida.

O povo judeu não foi eleito por Deus como propagado, mas por Moisés que precisava de um povo para instituir sua religião:

[...] Moisés deu aos judeus não apenas uma nova religião, como também o mandamento da circuncisão, ele não foi um judeu mas um egípcio, e, nesse caso, a religião mosaica foi provavelmente uma religião egípcia, que, em vista de seu contraste com a religião popular, era a religião de Aten, com a qual a religião judaica posterior concorda em alguns aspectos marcantes. (Freud, 1996g, p. 38-39)

O povo judeu foi duplamente censurado. Primeiro, foram considerados, sem que quisessem ou pudessem, os “escolhidos como o povo especial e favorito por Deus”, já que Moisés precisava de um povo para ser dele. E, depois, foram novamente censurados ao serem obrigados a acreditarem que mataram Deus (o Filho). Portanto, a ideia de serem perseguidos sob a alegação de “povo eleito” não se justifica. Freud (1996g) analisa como é fácil ver quanta verdade reside na censura. E, mais, quanta violência física e simbólica o povo judeu sofreu, carregando uma trágica culpa, vendo-se obrigado a pagar uma pesada penitência por isso.

Freud conclui que:

Os motivos mais profundos do ódio pelos judeus estão enraizados nas mais remotas eras passadas, operam desde o inconsciente dos povos [...] Aventuro-me a asseverar que o ciúme para com o povo que se declarou o filho primogênito e favorito de Deus Pai ainda hoje não foi superado entre os outros povos [...] Ademais, entre os costumes pelos quais os judeus se tornam separados, o da circuncisão, causou impressão desagradável e sinistra, que deve ser explicada, indubitavelmente, por ela lembrar a temida castração e, juntamente com ela, uma parte do passado primevo que fora alegremente esquecida. (Freud, 1996g, p.103)

Com isso, Freud (1939) conclui que as justificativas até então atribuídas à perseguição ao povo judeu não são suficientes para explicá-las como a do “povo eleito”, como a de

estrangeiros e minoria. Esta não condiz com a realidade já que há tantas culturas estrangeiras e minoritárias que nunca foram odiadas a tal ponto. Por isso, Freud aponta o aspecto inconsciente ou razões ocultas ligadas ao ódio pelos judeus, dizendo que o ciúme em relação a eles nunca foi superado e que o ritual da circuncisão gera, além de estranhamento, repulsa, pois, de forma inconsciente, remete à castração do homem. O estranhamento também é conferido pela proibição de imagens e esculturas representando Deus.

Mas podemos considerar primeiro outro efeito da proibição. Todos os avanços em intelectualidade desse tipo têm, como consequência, o aumento da auto-estima do indivíduo, tornando-o orgulhoso, de maneira que se sente superior a outras pessoas que permaneceram sob o encantamento da sensualidade. Moisés, como sabemos, transmitiu aos judeus um exaltado sentimento de serem um povo escolhido. A desmaterialização de Deus trouxe uma nova e valiosa contribuição para o secreto tesouro desse povo. O infortúnio político da nação ensinou-o a apreciar em seu justo valor a única possessão que lhe restou - sua literatura. (Freud, 1996g, p. 127)

A análise feita sobre o ódio em relação ao povo judeu trouxe contribuições à psicologia dos grupos, relacionando o inconsciente freudiano aos preconceitos raciais, culturais, religiosos e outros. O totalitarismo alemão, assim como todas as demais violências coletivas ocorridas ao longo da história, diz de um sintoma social explanando sobre como, no interior psíquico, o ser humano apazigua seu amor próprio com o que lhe é estrangeiro.

Já Adorno e Horkheimer (1985) analisam o antissemitismo sob a ótica dos limites do esclarecimento. Os autores, assim como Freud, refutam argumentos vazios que justificam a barbárie:

A raça não é imediatamente, como querem os racistas, uma característica natural particular. Ela é, antes, a redução ao natural, à pura violência, a particularidade obstinada que, no existente, é justamente o universal. A raça, hoje, é a auto-afirmação do indivíduo burguês integrado à colectividade bárbara. (Adorno & Horkheimer, 1985, p. 80)

Os autores acrescentam também que “o apego inflexível [dos judeus] às suas próprias formas de ordenamento da vida levou-os a uma relação insegura com a ordem dominante” e

[...] o autodomínio esclarecido com que os judeus adaptados superaram inteiramente as lembranças penosas da dominação imposta por outros (por assim dizer, a segunda circuncisão) tirou-os de sua comunidade carcomida e os jogou sem mais na burguesia moderna, que já avançava inexoravelmente para a recaída na simples repressão. (Adorno & Horkheimer, 1985, p. 80)

Os autores frankfurtianos dizem que os judeus “achavam que era o antisemitismo que vinha desfigurar a ordem, quando, na verdade, é a ordem que não pode viver sem a desfiguração dos homens”. Ordem que se eleva a uma sociedade administrada, baseada na repressão, coesão e dominação. “A perseguição dos judeus, como a perseguição em geral, não se pode separar de semelhante ordem. Sua essência, por mais que se esconda às vezes, é a violência que hoje se manifesta” (Adorno & Horkheimer, 1985, p. 80).

Os que exercem poder historicamente permitiam aos judeus, que muito circulavam, o comércio dos produtos, mas em troca de altos impostos. “O liberalismo havia concedido a posse aos judeus, mas não o mando” (Adorno & Horkheimer, 1985, p. 82). Por isso, eles ficavam a mercê da vontade e do poder dos dominadores, sempre sendo excluídos e alvos de ódio dos trabalhadores:

O comerciante é o oficial de justiça para o sistema inteiro e atrai para si o ódio voltado aos outros. A responsabilidade do sector da circulação pela exploração é uma aparência socialmente necessária. Os judeus não foram os únicos a ocupar o sector da circulação, mas ficaram encerrados nele tempo demais para não reflectir em sua maneira de ser o ódio que sempre suportaram. (Adorno & Horkheimer, 1985, p. 83)

Para Adorno e Horkheimer (1985), a utilidade dos judeus para a dominação é visível, eles são usados como “manobra de diversão, como meio barato de corrupção, como exemplo terrorista. Os bandidos respeitáveis o subvencionam e os não respeitáveis o praticam [...] Por isso as pessoas gritam: ‘pega ladrão!’ e apontam para o judeu. Ele é, de facto, o bode expiatório, não somente para manobras e maquinações particulares, mas no sentido mais amplo em que a injustiça económica da classe inteira é descarregada nele” (Adorno & Horkheimer, 1985, p. 82). Isso implica afirmar que todos os instintos reprimidos e a frustração em relação às promessas de felicidade não cumpridas pela indústria cultural são despejadas aos judeus:

A raiva feroz pela diferença é teleologicamente imanente a essa mentalidade e está – enquanto ressentimento dos sujeitos dominados da dominação da natureza – pronta para se lançar contra a minoria natural, mesmo quando eles são os primeiros a ameaçar a minoria social. A elite socialmente responsável é, de qualquer modo, muito mais difícil de ser fixada do que as outras minorias. (Adorno & Horkheimer, 1985, p. 98)

Assim como Freud, Adorno e Horkheimer chegam ao ponto de questionar as afirmativas incongruentes que alimentam a perseguição judaica:

[...] a figura do espírito social e individual que se manifesta no antisemitismo, isto é, o enredamento pré-histórico e histórico ao qual fica preso enquanto tentativa desesperada de evasão, permanece em total obscuridade [...] A obscura pulsão, com que desde o início tinham maior afinidade do que com a razão, toma conta deles totalmente. A ilha racional é inundada e os desesperados aparecem agora unicamente como os defensores da verdade, os renovadores da terra, que têm que reformar até o seu último recanto. Tudo o que vive converte-se em material de seu dever atroz, que nenhuma inclinação mais vem prejudicar. A acção torna-se realmente um fim em si e autónomo, ela encobre sua própria falta de finalidade. (Adorno & Horkheimer, 1985, p. 81)

No entanto, como afirmam os autores citados, “não existe um genuíno antisemitismo e, certamente, não há nenhum anti-semita nato” (Adorno & Horkheimer, 1985, p. 82). Necessário ir às raízes mais profundas para se compreender os verdadeiros motivos do antissemitismo, e de tantas outras violências. Nesse sentido, é essencial que haja indivíduos esclarecidos:

Uma reviravolta vai depender da capacidade dos dominados, em face da loucura absoluta de se tornarem senhores de si mesmos e de pôr termo a ela. Só com a liberação do pensamento relativamente à dominação e com a eliminação da violência seria possível realizar a ideia que até agora permaneceu uma inverdade, a saber, que o judeu é um ser humano. (Adorno & Horkheimer, 1985, p. 94)

As teses apontadas tanto por Freud quanto por Adorno e Horkheimer demonstram como o ódio e a violência podem ser compreendidos e direcionados, pois quando os indivíduos renunciam algo a favor de uma possível sobrevivência e segurança, renúncia intensificada enquanto integrante da massa, ocorre uma cristalização em prol da uniformização; a renúncia em seu paroxismo decorre do corolário que Freud (1996e) chamou de “miséria psicológica da massa”. Quando a ligação por meio da identificação se estabelece no grupo de forma inquestionável, censurada, enrijecida e duradoura, os integrantes vão se petrificando em sua cegueira, as singularidades desvanecem. Os indivíduos já não são mais donos do seus desejos e escolhas, já que a forma de apreender o mundo está muitas vezes enodada pelo que é a eles imposto na massa.

O efeito final dessa repressão, e não se trata aqui dos sacrifícios em nome da civilização necessários à vida em comunidade, sempre será o retorno, mesmo que projetado de outra forma, a outros grupos de uma cólera impetuosa na iminência de eclodir. A tentativa de uniformização na massa intensifica o acirramento frente ao diferente. As próprias características humanas são, aliás, usadas como negação díspar. Do ponto de vista psicanalítico, a polarização de ideias, a extrema intolerância, o ódio ao que difere e os fenômenos de segregação anunciam a

problemática do narcisismo ligada à aversão ao estrangeiro. A descontinuidade dessa situação exigiria alteridade, entendida como necessidade de assimilação do indivíduo ao que lhe é estrangeiro. O contrário disso, resultaria em aniquilamento.

Adorno e Horkheimer corroboram com a prerrogativa da intolerância quanto às diferenças afirmando que os indivíduos, na sociedade administrada e de consumidores da indústria cultural, empobrecidos de experiência e de esclarecimento, têm, de forma desumana, instintos e desejos sufocados, logrados em prol de objetivos dos dominadores de forma a excluir e até aniquilar os que não se adequam a esse sistema.

[...] a perda progressiva de experiência acaba por transformar os adeptos do ticket progressista em inimigos da diferença. A raiva feroz pela diferença é teleologicamente imanente a essa mentalidade e está pronta para se lançar contra a minoria natural, mesmo quando eles são os primeiros a ameaçar a minoria social. (Adorno & Horkheimer, 1985, p. 98)

O agrupamento, ou seja, a união entre os homens é sempre possível, desde que haja outros para que se possa dirigir a agressividade reprimida pela civilização (Freud, 1996d). Analisando essa premissa sob o prisma dos conceitos explicados em *O futuro de uma ilusão*, em correlação aos modelos de governos e aos modos econômicos nas culturas contemporâneas, tem-se basicamente o agrupamento em menor quantidade de dominadores e em extensa de dominados. A civilização e a relação, se é que pode-se chamar assim, entre esses dois grupos são regidas pela quantidade de satisfação instintual que a riqueza existente torna possível.

Outro aspecto trata do que “um homem pode, ele próprio, vir a funcionar como riqueza em relação a outro homem, na medida em que a outra pessoa faz uso de sua capacidade de trabalho ou o escolha como objeto sexual, e por último é preciso lembrar que todo indivíduo é virtualmente inimigo da civilização” (Freud, 1996d, p. 5) independentemente do grupo a que pertence. Fundamentalmente, o objetivo da criação de leis, normas e regras é a civilização, isto é, tornar possível a vida em comum. Não obstante, o uso das leis, normas e regras é imposto, na maioria das vezes, de forma coercitiva, direcionando e mantendo a produção e a distribuição das riquezas aos grupos dominantes. Freud (1996d) anuncia:

Tem de levar em conta o fato de estarem presentes em todos os homens tendências destrutivas e, portanto, anti-sociais e anticulturais, e que, num grande número de pessoas, essas tendências são suficientemente fortes para determinar o comportamento delas na sociedade humana. Esse fato psicológico tem importância decisiva para nosso julgamento da civilização humana. Onde, a princípio, poderíamos pensar que sua essência reside no controle da natureza para

o fim de adquirir riqueza, e que os perigos que a ameaçam poderiam ser eliminados por meio de uma distribuição apropriada dessa riqueza entre os homens [...]. (Freud, 1996d, p. 17)

A distinção que se aplica nas privações que afetam a todos, ou que afetam apenas a alguns grupos, é consonante às vantagens que se obtêm na distribuição da riqueza e é, talvez, o paroxismo de todos os conflitos entre o agrupamento de dominados e de dominadores. Ao se debruçar sobre as restrições que só se aplicam a certas classes da sociedade, ou então sobre intensidades diferentes com que se aplicam as proibições em classes distintas é possível extrair elementos que justifiquem e esclareçam o ódio presente na sociedade. Freud ressalta que:

É de esperar que essas classes subprivilegiadas invejem os privilégios das favorecidas e façam tudo o que podem para se liberarem de seu próprio excesso de privação. Onde isso não for possível, uma permanente parcela de descontentamento persistirá dentro da cultura interessada, o que pode conduzir a perigosas revoltas. Se, porém, uma cultura não foi além do ponto em que a satisfação de uma parte e de seus participantes depende da opressão da outra parte, parte esta talvez maior [...], é compreensível que as pessoas assim oprimidas desenvolvam uma intensa hostilidade para com uma cultura cuja existência elas tornam possível pelo seu trabalho, mas de cuja riqueza não possuem mais do que uma quota mínima. (Freud, 1996d, p. 22)

Além de “escravizar” o corpo, a produção e os desejos da classe dominada, espera-se que essa cumpra com a internalização das regras, leis e proibições e externalize as exigências morais da civilização. Os indivíduos das classes desprivilegiadas alienados a acreditarem na ilusão de que cumprindo as exigências para o bem da comunidade serão compensados de acordo com as riquezas que produzem sempre irão canalizar a violência de alguma forma, e acabarão não direcionando-a aos que verdadeiramente os oprimem. Eles irão sim projetar a violência nos que ilusoriamente os ameaçam, resultando na destruição da própria cultura.

Freud (1996d), diz que o fato de ter vivido tempo prolongado numa civilização específica instiga o indivíduo a descobrir a origem e o percurso dessa civilização, ficando inclusive tentado a olhar por outras trilhas, a indagar o destino que o espera e as transformações que está fadado a experimentar. Afirma ainda a dificuldade de se analisar o tempo presente pela visão ingênua das pessoas que ignoram o substrato do “agora”. Para evitar isso, é necessário manter distância do presente, assumindo esse tempo em outro lugar – no passado – para assim poder melhor interrogar o futuro. A impossibilidade de entender presente e passado dificulta, torna instável, o juízo sobre o futuro.

2.2 Tecnologia e barbárie: alguns aspectos sobre a violência na internet

Adorno (1995), aborda o conceito de barbárie ao se referir que, uma vez na civilização, as pessoas se encontram atrasadas, de um modo peculiarmente disforme em relação a sua própria civilização, não apenas por não terem experimentado a formação nos termos correspondentes ao conceito de civilização, mas por se encontrarem tomadas por uma agressividade primitiva, um ódio primitivo, um impulso de destruição que contribui para intensificar o perigo imane de eclosão de toda essa civilização. Para Zuin (2001), o contexto social no qual a barbárie é continuamente reiterada é o da indústria cultural hegemônica.

Adorno (1995) explana a barbárie concebendo a ela aspectos objetivos e subjetivos. O primeiro trata dos “pressupostos sociais e políticos, e que hoje em dia é extremamente limitada a possibilidade de mudá-los, portanto, as tentativas de se contrapor à repetição de Auschwitz são impelidas necessariamente para o lado subjetivo. Com isto refiro-me sobretudo também à psicologia das pessoas que fazem coisas desse tipo” (Adorno, 1995, p. 121). O segundo é essencial à compreensão do fenômeno da barbárie e está ligado à afetividade, que irá determinar a relação do indivíduo com o social assim como os nexos causais que a constituem.

Os elementos que produzem a violência social, portanto, estrutural, é evidentemente a raiz da barbárie. Chauí reflete que a sociedade atual é:

[...] uma sociedade na qual as diferenças e assimetrias sociais e pessoais são imediatamente transformadas em desigualdades, e estas, em relação de hierarquia, mando e obediência [...] Todas as relações tomam a forma da dependência, da tutela, da concessão e do favor. [...] É exatamente isso que faz a violência ser a regra da vida social e cultural. Violência tanto maior porque invisível sob o paternalismo e o clientelismo, considerados naturais e, por vezes, exaltados como qualidades positivas do ‘caráter nacional’. Uma sociedade violenta, com modo econômico ativo violento, com forças de trabalho violenta, com educação que também violenta não pode produzir pessoas esclarecidas, ela reproduz em seus “cidadãos” o seu caráter. (Chauí, 2008, p. 70)

A violência ligada ao psiquismo é também discutida por Adorno e Horkheimer que afirmam que “A história da civilização é a história da introversão do sacrifício. Ou por outra, a história da renúncia” (1985, p. 28). O objetivo era prometer à massa a felicidade, mesmo distante do poder, mas ao perceber-se enganada diante de promessa não cumprida instaura-se a fúria:

Toda vez que ela [a felicidade] parece realizada em meio a renúncias fundamentais, elas [as massas enganadas] têm que repetir a repressão infligida às próprias aspirações. Tudo aquilo que dá ocasião a semelhante repetição [...] tudo atrai sobre si o desejo de destruição dos civilizados que jamais puderam realizar totalmente o doloroso processo civilizatório. Os que exercem um domínio crispado sobre a natureza vêm na natureza atormentada o reflexo provocante da felicidade impotente. A noção de uma felicidade sem poder é intolerável pois só ela seria a felicidade pura e simples. (Adorno & Horkheimer, 1985, p. 82)

A renúncia ao prazer afasta o extermínio da sociedade chancelando a civilização, mas essa mesma renúncia também a aniquila, já que retira dos indivíduos a satisfação das pulsões enquanto vida que pulsa e movimenta, fazendo dela vida objeto de manipulação. “Quem pratica a renúncia dá mais de sua vida do que lhe é restituído, dá mais do que a vida que ele defende. Isso fica evidente no contexto da falsa sociedade” (Adorno & Horkheimer, 1985, p. 28). Renunciar ao gozo implica, como diz Crochík (2001), a perda da sensibilidade para o desenvolvimento da razão autoconservadora. O excesso de renúncia, sacrifício, regras e negação não extermina o gozo, faz com que ele imploda nos indivíduos, mais tarde se convertendo em violência.

Os impulsos que o sujeito não admite como seus e que, no entanto, lhe pertencem são atribuídos ao objecto: a vítima em potencial. Para o paranóico usual, sua escolha não é livre, mas obedece às leis de sua doença. No fascismo, esse comportamento é adotado pela política, o objecto da doença é determinado realisticamente; o sistema alucinatório torna-se a norma racional no mundo, e o desvio a neurose. O mecanismo que a ordem totalitária põe a seu serviço é tão antigo quanto a civilização. Os mesmos impulsos sexuais que a raça humana reprimiu souberam se conservar e se impor num sistema diabólico, tanto dentro dos indivíduos, quanto dos povos, na metamorfose imaginária do mundo ambiente. O indivíduo obcecado pelo desejo de matar sempre viu na vítima o perseguidor que o forçava a uma desesperada e legítima defesa, e os mais poderosos impérios sempre consideraram o vizinho mais fraco como uma ameaça insuportável, antes de cair sobre eles. A racionalização era uma finta e, ao mesmo tempo, algo de compulsivo. Quem é escolhido para inimigo é percebido como inimigo. O distúrbio está na incapacidade de o sujeito discernir no material projectado entre o que provém dele e o que é alheio. (Adorno & Horkheimer, 1985, p. 88)

Na verdade, a própria renúncia e o sacrifício surgem também da coação, que, segundo Horkheimer (1990), sempre existiu e permanece até hoje penetrando desde a alma humana até as instituições mediadoras como a família, a escola e a igreja. O autor também afirma que o papel da coação consiste não apenas na punição de quem fere a ordem imposta, mas também na sujeição às condições dadas de trabalho em decorrência da fome. Horkheimer (1990) diz que

as crueldades das punições se tornaram cada vez mais espiritualizadas, de forma que os terrores, ao menos parcialmente, se transformaram em medo, e o medo em cautela.

Horkheimer e Adorno (2002), em relação à renúncia, refletem o quanto a indústria cultural a coloca de forma prazerosa em lugar da dor, presente tanto no orgasmo como na ascese. A lei suprema é a de que nunca se chegue ao que se deseja e que disso até deve-se alegrar, ser motivo de satisfação. Em cada espetáculo da indústria cultural, a frustração permanente imposta pela civilização é, inequivocamente, outra vez colocada. O processo gira, na verdade, em torno de um ciclo, idêntico e simultâneo: oferecer algo a alguém e, ao mesmo tempo, privá-lo dessa obtenção. É justamente este o efeito de todo aparato erótico, como asseguram os autores, em que tudo gira em torno do coito, justamente porque ele não pode acontecer.

Adorno e Horkheimer (1985) acrescentam também que os homens presos à civilização se satisfazem apenas em sonho, momento em que se libertam do trabalho, da função social e deles mesmos. Nesse momento, há o retorno a um passado pré-histórico, sem dominação e sem disciplinamento. A libertação apenas em sonho ocorre como autoconservação. Adorno (1991 apud Crochík, 2001) destaca que a motivação para o lucro não é, como alguns economistas defendem, inata, mas mediada pelo medo de ser expulso da coletividade que se associa a um medo mais remoto ainda: o de ser destruído.

A violência não é apenas explícita e truculenta, assemelhando-se ao que ocorreu em Auschwitz – extremo da barbárie –, é também aquela que aparece todos os dias de forma sutil, carregada de preconceitos e intolerâncias. “A reincidência da barbárie não é apenas observada nos atos mais explícitos, [...] ela também é notada no sorriso conivente daquele “indivíduo” que acha graça na anedota preconceituosa” (Zuin, 2001, p. 15). Há um aliciamento na violência para com o outro na tentativa de garantir uma autopreservação enquanto membro de uma sociedade administrada. Isso resulta num pacto a favor da barbárie.

Os meios de comunicação de massa também expressam essa realidade – a da barbárie –, e dois quesitos, para isso, são considerados: a violência expressa por meio dela, a exemplo das falas de ódio nas redes sociais *online*, e a função de dominação e coerção exercida pelos meios de comunicação. A tecnologia, segundo Marcuse, é um processo social na qual a técnica propriamente dita não passa de um fator parcial. O mais importante não é a influência ou o efeito da tecnologia sobre os indivíduos, mas a capacidade de ela ser instrumento de controle social. Mumford (1936) aponta que “a tecnologia como modo de produção é uma forma de modificar as relações sociais e como forma de manifestação do pensamento e dos padrões de comportamento dominantes um instrumento de controle e dominação” (Mumford, 1936 apud

Marcuse, 1999, p.73). Por meio da eficiência tecnológica, o controle social ganha nova roupagem, porém permanece integrado a formas de compulsão óbvias como perda dos meios de sustento, distribuição da justiça, polícia e forças armadas (Marcuse, 1982).

Sendo a tecnologia um objeto integrante ao aparato de dominação política e econômica, torna-se capaz de converter o próprio indivíduo em objeto dominado. A tecnologia assim não tem caráter neutro, ficando inteiramente à mercê do grupo dominador e como atinge os grupos sociais que a utilizam:

[...] no período contemporâneo, os controles tecnológicos parecem serem a própria personificação da Razão para o bem de todos os grupos e interesses sociais – a tal ponto que toda contradição parece irracional e toda ação contrária parece impossível. Não é, portanto, de admirar que, nos setores mais desenvolvidos dessa civilização, os controles sociais tenham sido introjetados a ponto de até o protesto individual ser afetado em suas raízes. (Marcuse, 1982, p. 30)

Essa transformação do indivíduo racional em irracional e dominado é apontada por Mumford como o homem que aprendeu a transferir toda espontaneidade subjetiva à maquinaria que serve a subordinar sua vida à “factualidade” de um mundo em que a máquina é o fator e ele o instrumento (Mumford apud Marcuse, 1999, p. 77). A factualidade marcada pela racionalidade que a caracteriza torna-se onipresente, dirigindo os pensamentos e as ações do indivíduo como um processo da máquina, como a personificação da racionalidade e da eficiência (Marcuse, 1999).

O indivíduo inserido e oprimido na sociedade tecnológica passa a ter o desempenho individual medido conforme a adaptação ou não às instruções, já que “ser bem-sucedido é o mesmo que adaptar-se ao aparato. Não há lugar para a autonomia [...]. Tem-se enfatizado frequentemente que as descobertas e as invenções científicas são arquivadas assim que ameacem interferir com os ditames lucrativos do mercado” (Marcuse, 1999, p. 80).

O progresso na atualidade, representado em seu ápice pela internet, expõe a forma acelerada e expansiva com que os indivíduos têm acesso aos meios de comunicação de massa, fomentando a comunicação em grupos e ampliando a conexão entre pessoas.

O atual desenvolvimento dos meios de comunicação de massa recrudescer a sensação da inexistência de qualquer tipo de obstáculo que poderia impedir as trocas de diferentes produções e valores culturais dos mais variados países do globo. Diante da possibilidade da realização dos contatos via *on line*, os mesmos olhares embasbacados frente à tela do computador revelam, de soslaio, o brilho da desconfiança ou mesmo da indiferença quando se deparam com um conceito tal como o de Indústria Cultural. Em uma sociedade tecnificada, nada é mais

inconveniente do que a insistência, para muitos anacrônica, da reflexão crítica de que a massificação e consumo da produção cultural não implicam a concretização de uma sociedade mais justa e democrática. (Zuin, 2001, p. 9)

Como já afirmado por Marcuse, a tecnologia não é neutra. Ao contrário disso, ela serve à dominação. Essa prerrogativa é essencial à compreensão da “relação” que os indivíduos têm com os meios de comunicação e da padronização do pensamento e da coerção que se faz presente nos meios mais utilizados atualmente: as redes sociais *online*. Ela, inclusive, possui o mesmo aparato da televisão ou da música. Contudo, é mais eficaz tanto pela rapidez quanto pela falsa ideia de a internet ser espaço de expressão, já que a maioria dos indivíduos que ali “se expressa”, como já foi dito anteriormente, é objeto desse aparato tecnológico.

A saída para um futuro mais esperançoso está ligada à estrutura que sustenta toda essa panaceia, não no sentido de eliminá-la por completo, como alguns regimes e teorias pretendiam, já que extinguir algo sem a total compreensão dos fenômenos que o norteiam incide em erro. Situação que poderia gerar um novo totalitarismo e mais barbárie. A saída, portanto, não pode ser outra se não pela via do esclarecimento e da dialética, iluminando os nexos causais que resultaram no caos da dominação e da violência. Para Adorno e Horkheimer (1985), é preciso identificar necessidades e contradições que alimentam as injustiças sociais. É necessário resistir a uma série de elementos que acarreta a regressão do humano cujo efeito é a barbárie. Como dizem os autores na referência a Homero: sua renúncia é representativa de uma sociedade que não precisa mais da renúncia e da dominação, que se tornou senhora de si, não para gerar violência a si mesma e aos outros, mas para promover a reconciliação.

Diversos elementos fazem parte da engrenagem que movimenta a indústria cultural e que leva à barbárie. Engana-se o discurso oficial que se aferra exclusivamente na evidente deficiência da escolarização formal como causa dos problemas sociais que são vivenciados cotidianamente (Zuin, 2001). Adorno delimita o alcance da educação e da psicologia no que diz respeito às possibilidades de eliminar a violência, derivada de condições sociais e políticas, ampliando-o para o âmbito da formação cultural numa perspectiva ética, ao afirmar que por meio do imperativo categórico de Kant seria possível impedir o indivíduo de agir contra os seus interesses racionais (Crochík, 2001).

Portanto, creio que na luta contra a barbárie ou em sua eliminação existe um momento de revolta que poderia ele próprio ser designado como bárbaro, se partíssemos de um conceito formal de humanidade. Mas já que todos nós nos encontramos no contexto de culpabilidade do próprio sistema, ninguém estará inteiramente livre de traços de barbárie, e tudo dependerá de orientar esses traços

contra o princípio da barbárie, em vez de permitir seu curso em direção à desgraça. (Adorno, 1995, p. 158)

É nesse espaço da era tecnológica e por meio dos avanços e de seus benefícios que a emancipação humana pode se tornar possibilidade. Marcuse (1999) aponta que o progresso tecnológico abre possibilidades de os indivíduos diminuírem o tempo e a energia com o trabalho e, com isso, obter mais tempo para “individualizar” a esfera de sua realização humana, pois sem estar preso à eficiência competitiva, a autenticidade e a autonomia ganham possibilidade de reavivarem.

2.2.1 A violência nos grupos das redes sociais

A evolução dos indicadores de violência no Brasil tem demonstrado que a vida social se tornou palco de intolerância e barbárie. Segundo informações do Ministério da Saúde (MS) citadas nos dados do Atlas da Violência (2018), o Brasil, em 2016, alcançou a marca histórica de 62.517 homicídios. Isso equivale a uma taxa de 30,3 mortes para cada 100 mil habitantes, corresponde a 30 vezes a taxa de homicídios da Europa. Apenas nos últimos dez anos, 553 mil pessoas perderam suas vidas devido à violência intencional no Brasil.

A violência perpassa o campo físico e corporal, transcende os sentidos psíquicos e emocionais, bem como o sociocultural. O conceito de violência não é, de forma alguma, estático e tampouco desvinculado de um contexto econômico e sociocultural:

Suspeito que a barbárie existe em toda a parte em que há uma regressão à violência física primitiva, sem que haja uma vinculação transparente com objetivos racionais na sociedade, onde exista portanto a identificação com a erupção da violência física. Por outro lado, em circunstâncias em que a violência conduz inclusive a situações bem constrangedoras em contextos transparentes para a geração de condições humanas mais dignas, a violência não pode sem mais nem menos ser condenada como barbárie. (Adorno, 1995, p. 159)

Adorno (1995) define a barbárie tanto como vinculada à falta de esclarecimento quanto associada à coesão pelo modelo econômico vigente, assim como pelo impulso de destruição. A barbárie e a violência tendem a se acentuar cada vez mais nos indivíduos que integram uma sociedade administrada e que vivem sob a dominação dos modos de produção que visam à produtividade e à lucratividade.

No Relatório Mundial sobre Violência e Saúde, a Organização Mundial de Saúde (OMS) caracteriza a violência como sendo:

[...] uso intencional da força física ou de poder, por ameaça ou real, contra a si próprio ou alguém, ou contra um grupo ou comunidade, que também resulte em/ou tenha uma alta probabilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação. (OMS, 2002, p. 5)

Esse cenário tem, com a expansão da internet, migrado para outro território: o mundo virtual. Com a crescente utilização das redes sociais, a violência desponta sobremaneira de modo que as discussões, os conflitos, o ódio e a polarização nesse ambiente tem chamado atenção. Inúmeras reflexões diferenciam progresso de barbárie, definem limites do dito e não dito, salientam o terreno movediço da livre expressão cuja receptividade esbarra na intolerância, analisam a necessidade do ataque ao outro com palavras hostis e a vinculação de pessoas em prol do ódio no alcance a certo(s) objetivo(s).

As falas de ódio são cada vez mais frequentes no mundo virtual, como será analisado no capítulo 3. Diariamente é possível vislumbrar “ataques” em postagens realizadas, sendo notória a quantidade de pessoas/internautas envolvidas em conflitos verbais. Tais conflitos ocorrem quer individualmente quer em grupo. Um indivíduo pode publicar uma opinião com conteúdo de ódio e/ou comentar, de forma odiosa, alguma publicação feita por outra pessoa. Todavia o que tem reverberado nas redes sociais são as expressões e os ataques de ódio a partir de grupos, formados ou não nesse contexto. A característica de ser em grupo angaria ainda mais furor, tornando esse fenômeno cada vez mais irracional.

A força de um discurso, o dissenso e as visões antagônicas ganham mais visibilidade quando partem, portanto, de um grupo. Nas redes sociais, isso se intensifica, tomando, muitas vezes, proporção arrasadora. Diversos pontos chamam atenção, principalmente a ostensiva polarização de ideias. Conforme o que se fala e o modo como se fala, o indivíduo é acusado de estar defendendo ou representando certo grupo. Essa polarização revela radicalidade de interpretação ou de posicionamento. O que, a princípio, poderia ser desabafo, simples postagem de ideia, de preferência, de posicionamento político ou sexual torna-se embate interminável. De um lado, o que se vê é o agressor; de outro, o agredido, mas os papéis podem se inverter conforme a “guerra” que está em cena.

A radicalização de ideias e as falas de ódio se fazem presentes nos mais diversos grupos e sobre os mais diversos temas. Na verdade, qualquer assunto é alvo de rotulação: “Ou você é anti PT ou é petista” (referindo-se ao Partido dos Trabalhadores), “ou você é feminista ou é machista”, “se você é de direita você é fascista”, “se é contra o *impeachment* é lulista”, “se defende o respeito a homossexual você deve ser veado”, assim por diante. Essa problemática

tende a diminuir o grau de entendimento e de reflexão sobre a questão em debate, gerando convicções extremas ao invés de se repensar e analisar o que está sendo dito.

Se, por um lado, com o avanço da ciência há o avanço tecnológico, o aperfeiçoamento e o acesso à comunicação instantânea; por outro, há o empobrecimento do pensamento. É notório que essa realidade, a da exacerbação e do pensamento cindido, é decorrente do progresso que contém a racionalidade abstrata, princípio do pensamento cartesiano em que se privilegia a dominação da natureza e a desvinculação da razão aos aspectos históricos, políticos, culturais e sociais, recaindo na racionalidade instrumental. Adorno e Horkheimer afirmam que:

Em Kant, tanto quanto em Leibniz e Descartes, a racionalidade consiste em “levar a cabo a conexão sistemática, tanto ao subir aos géneros superiores quanto ao descer às espécies inferiores”. O aspecto “sistemático” do conhecimento consiste na “conexão dos conhecimentos a partir de um princípio”. O pensamento, no sentido do esclarecimento, é a produção de uma ordem científica unitária e a derivação do conhecimento factual a partir de princípios, não importa se estes são interpretados como axiomas arbitrariamente escolhidos, ideias inatas ou abstracções supremas. (Adorno & Horkheimer, 1985, p. 39)

A partir disso, é possível vislumbrar fatos e ideias puramente abstratas descontextualizados de tudo o que representam. Essa situação gera intolerância, promove extremismos infundados e se baseia em discursos vazios. Adorno e Horkheimer apontam que:

Para escapar ao medo supersticioso da natureza, a razão pôs a nu todas as figuras e entidades objectivas [...] amaldiçoando sua influência sobre a humanidade como escravidão, até que o sujeito se convertesse – em conformidade com sua Ideia – na única autoridade irrestrita e vazia. Toda força da natureza reduziu-se a uma simples e indiferenciada resistência ao poder abstracto do sujeito. (Adorno & Horkheimer, 1985, p. 43)

A razão, ao perder seu potencial de esclarecimento e autonomia, acaba por transformar-se em instrumento de dominação, concedendo a eclosão da barbárie. As falas de ódio em decorrência inclusive da polarização de ideias se fazem presentes nos mais diversos temas e grupos. Qualquer assunto é alvo de ataque e gera opiniões ofensivas. Não obstante, esses ataques e opiniões são carregados de preconceito, revelando e anunciando intolerância.

Nesse sentido, compreender e delimitar os limites entre o direito à livre-expressão e o preconceito nas redes sociais torna-se cada vez mais urgente, visto que já é comum grupos de internautas (usuários da internet) expressarem falas que podem ser consideradas crime e que, ainda assim, geram adesão, a despeito de polêmicas e controvérsias. A intolerância, o

preconceito e a polarização de ideias são elementos presentes na violência virtual entre os grupos nas redes sociais em temáticas como racismo, gênero, política, estética corporal, xenofobia, religião e outras.

Uma pesquisa realizada pela agência de publicidade Nova/SB, empresa que realiza, entre outros, trabalhos de conscientização em propagandas, que teve duração de três meses – abril a junho de 2016 – monitorou dez tipos de intolerância nas redes sociais em relação à aparência das pessoas, à classe social, a deficiência, à homofobia, à misoginia, à política, à idade/geração, ao racismo, à religião e à xenofobia. Com a ajuda de um *software* de monitoramento (Torabit) e com análise de uma equipe, houve o acompanhamento de todas as vezes que alguma palavra ou expressão referente a um desses assuntos aparecia em um *post* do *Facebook*, do *Twitter*, do *Instagram*, de algum *blog* ou *site* da internet. Ao término da pesquisa, foram detectadas e analisadas 542.781 menções, dentre as quais o percentual de abordagens negativas foi computado como acima de 84% (CQM, 2016).

O total de alusão ao tema política foi de 273.752, sendo que 97,4% foram menções negativas. O total de referências à misoginia foi de 79.484, sendo 88% delas compostas por comentários negativos. Quanto à temática homofobia, de um total de 53.126, 93,9% foram comentários negativos. O tema deficiência obteve 40.801 menções, 93,4% negativas. Racismo atingiu um número de 32.376 comentários e 97,6% se tratavam de falas negativas. Aparência teve um total de 27.989 comentários, sendo 94,2 % negativos. Idade/geração apareceram em 14.502 menções, 92,3% foram depreciativas. Quanto à classe social, houve 11.256 referências, das quais 94,8% possuíam teor negativo. Questões religiosas apareceram 7.361 vezes, sendo 89% delas negativas. Por fim, xenofobia foi mencionada 2.134 vezes, apresentando um percentual de 84,8% de negatividade.

Os dados dessa pesquisa confirmam o quanto as relações em sociedade ainda se estabelecem de forma intolerante e preconceituosa. Esses dados revelam ainda, de forma avassaladora, a comunicação odiosa que impera na sociedade. A quantidade de falas negativas sobressai aos comentários positivos. O tema política, por exemplo, assunto mais comentado, atingiu mais da metade do total de comentários referente aos outros temas, ficando em segundo lugar em termo de menções negativas, a diferença foi apenas de 0,3% se comparado ao racismo. Isso vem ratificar a crise política em que o país se encontra.

Nesse sentido, o conteúdo presente em maior profusão e expressão tem como tema a política. Não é aleatório o fato de esse tema ter ganhado cada vez mais fôlego e repercussão na atualidade, mas essa conjuntura nem sempre teve tamanha veemência. Ao se analisar o histórico das redes sociais no Brasil, assim como as notícias acerca do tema, a irrupção de postagens

ocorreu a partir de 2013. A explosão de manifestações tanto em junho daquele ano quanto nos anos subsequentes (2014 a 2016) exigiam redução da tarifa do transporte público em São Paulo, fim da corrupção, *impeachment* da então presidenta Dilma Rousseff, posteriormente, em 2018, prisão do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Esses são alguns dos nexos causais desse contexto.

De acordo com Pinto (2017), as manifestações que ocorreram no Brasil nos anos de 2013 a 2015, assim como as do ano de 2011 no restante do mundo, tiveram as redes sociais como um elemento novo de organização e convocação. A autora faz a trajetória do discurso das manifestações iniciando com as de 2013:

As manifestações em 2013 começaram no mês de fevereiro na cidade de Porto Alegre, lideradas pelo grupo Bloco de Lutas, contra o aumento das passagens do transporte urbano, que em seguida irão se alastrar pelo país com a mesma demanda, mas agora convocadas pelo Movimento Passe Livre (MPL) surgido em São Paulo. As manifestações tomaram um rumo diferente do que previa as convocações do MPL e se tornaram eventos contra a corrupção, os políticos, os partidos políticos, o governo, os serviços públicos. Os participantes eram jovens, alguns pertenciam a grupos organizados, mas a maioria chegou às ruas através das redes sociais [...]. Se há uma característica capaz de definir as manifestações de rua de 2013 no Brasil é a diversidade de pessoas que delas participavam e que se revela em uma flagrante fragmentação discursiva. Estavam nas ruas: o Movimento Passe Livre em São Paulo, próximo ao PT; os Black Blocs, com performances violentas de ação direta, autodenominando-se anarquistas; bancários e professores das redes estaduais, reivindicando melhores salários; jovens de classe média posicionando-se contra a corrupção, os partidos políticos e o governo Dilma; médicos revoltados com os programas de saúde do governo para o atendimento à população carente; grupos minoritários clamando pela volta dos militares; jornalistas da Rede Globo de televisão defendendo o direito do “cidadão de bem” de se manifestar. (Pinto, 2017, p. 128)

As redes sociais se tornaram, nesse contexto, ferramenta de comunicação em massa, mas não necessariamente de democratização. A autora aponta e desvela que as manifestações de rua do Brasil, no período de 2013-2015, do ponto de vista de uma construção discursiva sofreram significativa alteração ao longo do processo, de modo a afirmar que elas começaram sob o espectro político: de esquerda⁶ em 2013, chegando a 2015 como notoriamente de direita.

⁶ Diferenças e contradições da díade direita e esquerda ultrapassam o campo da economia “e vai além da contraposição entre capitalismo e comunismo” (Bobbio, 1995, p.10). Sobre a esquerda, o autor afirma: “o que faz de um movimento de libertação um movimento de esquerda é o fim ou o resultado a que se propõem: a derrubada de um regime despótico fundado na desigualdade entre quem está em cima e quem está embaixo na escala social, percebido como uma ordem injusta, e injusta precisamente por que desigualitária, porque hierarquicamente constituída; e a luta contra uma sociedade na qual existem classes privilegiadas e, portanto, em defesa e pela instauração de uma sociedade de iguais juridicamente, politicamente, socialmente, contra as mais comuns formas de discriminação [...]” (Bobbio, 1995, p. 19-20). E quanto à direita “[...] a direita é desigualitária não por más

O que se iniciou como um movimento de pessoas que utilizavam transporte público e, portanto, reivindicavam a redução no preço da passagem, foi sendo substituído por outro público que se intitulava apartidário ou suprapartidário e criticava a política e os políticos. Essa manifestação foi ganhando corpo e posição, assumindo um discurso de luta contra o PT, que naquele momento governava o país, mais especificamente havia, a indagação ao *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff. Havia grupos, ainda que a mídia não os tenha divulgado amplamente, com posicionamento contrário a esse movimento. Tais grupos, não necessariamente formados por petistas, mas que, de alguma forma, simpatizavam com as questões da esquerda criticavam um *impeachment* baseado na ilegalidade, questionavam as reais intenções em se prender o ex-presidente Lula em ano eleitoral. Não raro, esses grupos enunciavam manobras eleitoreiras sob a égide do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), que velavam medidas em desfavor aos direitos do povo como, por exemplo, as reformas da previdência e o sucateamento das universidades federais em diversos pontos do país.

As últimas manifestações com discursos já modificados e com forte peso do pensamento conservador foram impulsionadas principalmente por dois grandes movimentos: o Vem Pra Rua e o Movimento Brasil (MBL), que se consolidam como um dos principais impulsores das manifestações contrárias a Dilma. Esses dois movimentos têm muito em comum, visto que utilizam como bandeira a luta pela democracia e contra a corrupção. Além disso, são consoantes em outras pautas, como assegura Rogério Chequer, um dos representantes do Vem Pra Rua em entrevista ao jornal *El País*, uma vez que defendem a diminuição do peso do Estado. Para eles, é preciso que “o Estado dê igualdade de oportunidade para todos e acreditamos que o Estado deve oferecer uma excelente educação básica até os 17 anos, mas, a partir daí, acreditamos na meritocracia [...] O Estado tem que oferecer segurança, infraestrutura e saúde para todos e só. A intervenção dele na sociedade deve diminuir” (Bedinelli & Martín, 2015).

Os conflitos virtuais não cessaram de modo algum no período pós-*impeachment* e a consequente queda do PT. Diversas páginas do *Facebook*, voltadas a temas políticos, estampam

intenções – e portanto, para mim, a afirmação de que o inegalitarismo é a característica principal dos movimentos de direita não se mostra como um juízo moral –, mas por que considera que as desigualdades entre os homens são não apenas inelimináveis (ou são elimináveis apenas com o sufocamento da liberdade) como são também úteis, na medida em que promovem a incessante luta pelo melhoramento da sociedade” (Bobbio, 1995, p. 20). Além da questão da igualdade, Bobbio defende que é necessário considerar como cada uma compreende e lida com a autonomia, a identidade e o pluralismo cultural. Não é apenas pelos aspectos emocionais que os valores de liberdade, igualdade e fraternidade são atribuídos à esquerda, mas por aspectos históricos.

diariamente palavras de ódio, em sua maioria, endereçadas aos políticos ou aos internautas considerados de esquerda. Uma colossal onda de ataques virtuais decorreu dos seguidores de Bolsonaro no período eleitoral que antecedeu outubro de 2018 e do qual o candidato à presidência Jair Messias Bolsonaro foi eleito. Bolsonaro é militar, atuou por sete mandatos na política brasileira como deputado federal. Nos últimos anos passou a ser conhecido popularmente, principalmente nas redes sociais. A visibilidade se ampliou a partir do dia 17 de abril de 2016, na votação do relatório pré-*impeachment* no Plenário da Câmara ao discursar no momento do seu voto:

Perderam em 64. Perderam agora, em 2016. Pela família e pela inocência das crianças em sala de aula, que o PT nunca teve. Contra o comunismo, pela nossa liberdade, contra o Foro de São Paulo, pela memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff. Pelo Exército de Caxias, pelas nossas Forças Armadas, por um Brasil acima de tudo e por Deus acima de todos, meu voto é sim. (Revista Fórum, 2016)

Bolsonaro que, em 2016, era ainda deputado federal foi amplamente criticado por apoiar e reverenciar um dos maiores torturadores da Ditadura Militar no Brasil, ocorrida entre 1964-1985. Inúmeras propostas que fizeram parte de seu plano de governo enquanto candidato à Presidência da República foram realizadas de forma violenta e preconceituosa. Atitudes assim foram reverberadas nas falas de seus eleitores e seguidores das redes sociais. Bolsonaro, assim como seus seguidores, teceram críticas a quem apoia e luta em defesa dos direitos humanos, assumindo posição contrária ao movimento Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais ou Transgêneros (LGBT), à legalização do aborto, às cotas raciais, ao programa bolsa família entre outras ideias que preconizam igualdade. Bolsonaro apoia a legalização de armas, a redução da maioridade penal, possui ideias nacionalistas e ultraconservadoras, pode-se dizer que, no espectro político, é considerado como de extrema-direita. O político chama atenção por reverberar e reproduzir nos internautas falas e ideias que, muitas vezes, exprimem preconceito e ódio, que advêm claramente de suas ideias e propostas.

Compreender a formação do homem e da sociedade burguesa, os aparatos tecnológicos e sua influência no processo de dominação e coesão, a par do capitalismo, assim como o funcionamento do antissemitismo como uma das grandes barbáries ocorridas ao longo da história, proporciona maior possibilidade de apreender os elementos que contituem a violência hoje, principalmente o fenômeno da violência nas redes sociais.

No próximo capítulo serão abordadas questões ligadas as redes sociais como campo de pesquisa, a contextualização e historicização das páginas pesquisadas, a apresentação dos dados

e posterior análise. Esta será realizada a partir dos comentários selecionados e vinculados aos conceitos da Teoria Crítica da Sociedade e da Psicanálise, abordados até aqui.

3. Reflexões acerca da Expressão da Violência nas Redes Sociais

Este capítulo trata da investigação e da análise do material relativo às expressões de ódio presentes nas redes sociais e o que elas informam sobre a sociedade contemporânea. Em particular, busca articular a compreensão do fenômeno das redes sociais aos elementos que desvelam o papel da indústria cultural e do narcisismo na reprodução das relações sociais na sociedade que se sustenta sob os princípios do capitalismo. A análise parte da coleta de comentários em páginas selecionadas do *Facebook*, subsidiada pela Teoria Crítica da Sociedade e pela teoria freudiana a fim de compreender o fenômeno da violência nas redes sociais, analisando e debatendo os conceitos de indústria cultural, barbárie e narcisismo, buscando compreender os nexos constitutivos do fenômeno da banalização da violência nas redes sociais.

A pesquisa em questão é de ordem empírica e qualitativa. Importante ressaltar que nesse tipo de pesquisa observa-se o fenômeno, recolhendo dados a partir da experiência para posterior interpretação, não se preocupando exclusivamente com a representatividade numérica. Para Bardin (2001), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Em um primeiro momento foi realizada uma prévia investigação exploratória nas redes sociais para identificar qual ou quais redes seriam escolhidas utilizando como critério maior quantidade de internautas e de discussões. A escolha se deu pela rede social *Facebook* que, além de ter o maior número de perfis, é também a única que possui páginas temáticas abertas para debate, já que utilizar comentários dos perfis individuais envolveria questões éticas mais melindrosas, além de ser inviável pesquisar perfil por perfil de forma aleatória. Logo, foi percebido milhares de páginas no *Facebook* sob os mais diversos temas, portanto se fez necessário um recorte seguindo o critério de eixos temáticos para viabilizar a seleção da amostra.

Foi necessário o delineamento de um tema em função da amplitude de temas e assuntos nas redes sociais. O recorte temático não direciona e tampouco tendenciar resultados acerca do ódio nas redes sociais, uma vez que o objetivo não é necessariamente compreender o aspecto político, mas entender como o ódio reflete e/ou se manifesta nas relações virtuais e o que ele informa sobre a sociedade. Sendo assim, a escolha do tema norteador foi “política” pela ampla discussão por ele gerado no Brasil dentro e fora das redes sociais *online*. O período de realização da presente pesquisa, que se trata de abril e agosto de 2018, sucede os seguintes

marcos históricos: as manifestações que se iniciaram em 2013, o *impeachment* da ex-presidenta Dilma Rousseff em 2016, as prisões de inúmeros políticos, a prisão do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, as questões polêmicas envolvendo Jair Bolsonaro e seus seguidores e a extrema polarização partidária. Essas questões ganharam fôlego mais intenso no ano eleitoral para Presidente da República em 2018. O tema “política” foi recorte que visou, então, viabilizar a análise dos dados. Contudo, é uma temática que contempla o ódio de forma categórica e evidente, além de permitir transitar entre várias conjunturas subjetivas que compõem o homem e a sociedade.

Para evitar o viés parcial de seleção, estipulou-se que a pesquisa contivesse um número semelhante de páginas no que tange ao espectro político de direita e de esquerda. É possível identificar e categorizar, pelo próprio título, pela simples descrição da página, pelas suas postagens e comentários, o direcionamento político da página. Devido à alta quantidade de páginas acerca do tema, foi realizada a seleção de seis páginas, obtendo como critério o maior número de seguidores e páginas ativas (com postagens diárias). Três páginas pertencem ao espectro político de direita: Movimento Brasil Livre (MBL), Bolsonaro Opressor 2.0 e Jovens de Direita. Três de esquerda: Mídia Ninja, Jovens de Esquerda e Brasil contra Jair Bolsonaro. As páginas possuem visibilidade aberta, isto é, todas as pessoas que possuem conta no *Facebook* têm acesso livre aos conteúdos publicados e comentários. Todos os seguidores, ou mesmo visitantes, podem publicar e interagir nas páginas sem passar pelo crivo do moderadores.

A pesquisa fará uso da análise de conteúdo descrita por Bardin (2001), que será aplicada sob o viés qualitativo, de acordo com a presença ou ausência de características de conteúdo nas narrativas. Segundo a autora, uma análise de conteúdo não deixa de ser uma análise de significados. A análise de conteúdo, para ela, aparece como um conjunto de técnicas de análise de comunicação que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. O interesse não reside na descrição dos conteúdos, e sim no que eles poderão ensinar após serem tratados relativamente a outras coisas.

Bardin (2011) acrescenta ainda que qualquer análise de conteúdo visa não o estudo da língua ou da linguagem, mas as condições de produção dos textos, trata de tentar caracterizar as condições de produção que constituem o campo das determinações do texto. Condições atreladas às variáveis psicológicas, sociológicas e culturais presentes no contexto da produção da mensagem. A leitura do pesquisador não atravessa significantes para atingir significados como uma mera decifração, mas desvia o olhar para uma outra significação, presente em segundo plano, de ordem psicológica, histórica, política etc.

O período para a coleta de dados compreendeu o intervalo entre primeiro de abril a trinta de agosto de 2018, em dias aleatórios, não havendo limites para o número de falas. Fez-se necessário elucidar o conceito de discurso de ódio para então realizar a exclusão e a seleção das falas. Ressalta-se que esse conceito foi formulado segundo as premissas da Teoria Crítica e da psicanálise, conforme exposição em capítulos anteriores, visto que não existe um conceito universal e definitivo para tal termo. As inúmeras definições para “discurso de ódio”, assim como também chancela a Constituição Brasileira de 1988 (artigos 1º, 5º e 20º), afirmam que ele está ligado à aversão e contempla falas de discriminação que ferem a dignidade humana, como a discriminação ou o preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional (Brasil, 1988). O ódio não transparece apenas de forma direta em palavras de baixo calão e difamatórias, mas também, e principalmente, por meio de discursos indiretos, aversivos, segregacionistas e discriminatórios, quase sempre “justificados” no direito à livre expressão e à falsa ideia de um prejuízo.

Posterior a uma leitura e breve análise de todo o material selecionado, sucedeu-se, como orienta Bardin (2011), uma classificação das unidades de significação criando categorias, introduzindo ordem suplementar reveladora de uma estrutura interna. Isto é, foi realizada uma análise temática para descobrir os núcleos de sentido, as falas foram, então, agrupadas de acordo com os temas identificados. Nesse sentido, destaca-se que o tema corresponde a uma regra de recorte que, segundo Bardin (2011), trata do sentido e não da forma e depende do nível de análise e não da quantidade de manifestações. A autora acrescenta também que a escolha temática se dá na tentativa de compreender as motivações de opiniões, atitudes, valores, crenças etc.

Foram coletados 713 comentários de ódio nas seis páginas selecionadas. Após a leitura e análise, foram identificados os temas centrais em que a partir do levantamento de seus enunciados tornaram-se categorias e estavam presentes na maioria das páginas. A organização se deu, então, por categorias e páginas. As categorias identificadas e que orientaram a organização dos dados foram: ideias higienistas, preconceito político, preconceito social, homofobia, machismo, racismo, depreciação da capacidade intelectual e violência verbal e física.

Após essa identificação, fez-se necessária a escolha de quais categorias seriam trabalhadas, já que não seria possível, devido ao curto período de tempo, apresentar e analisar todos os dados coletados. O critério de escolha se deu pelas categorias que continham mais comentários, pois, independentemente do tema, o objeto central do trabalho – o ódio nas redes sociais – encontrava-se em todas as categorias. A partir dessa concepção e critério, a escolha

das categorias foram: ideias higienistas, preconceito social, homofobia, racismo e preconceito político. Dentro das categorias selecionadas foram identificados subtemas que aparecem no decorrer da apresentação e discussão dos dados, que serão descritos no decorrer da análise dos dados.

Por fim, procedeu-se às articulações, reflexões e discussões possíveis, vinculando a análise dos dados coletados aos conceitos e teorias da psicanálise e da Teoria Crítica, já abordados e que embasam este estudo. O caminho trilhado buscou desvelar o fenômeno da violência nas redes sociais por meio da análise dos discursos de ódio, articulando-o à indústria cultural e ao narcisismo na constituição da sociedade contemporânea.

3.1 As redes sociais como campo de pesquisa

Uma revolução tecnológica concentrada nas tecnologias da informação está remodelando a base material da sociedade em ritmo acelerado (Castells, 1999, p. 21). A profunda e rápida expansão da internet com suas funções e ferramentas modificando-se e aprimorando cada dia mais cunhou a possibilidade de conexão e troca de informações instantaneamente entre diversas pessoas do mundo, fomentando o surgimento de redes sociais no espaço virtual. Dessa forma, a internet, em especial as redes sociais, revolucionaram a comunicação, criando, ressignificando e dando vazão à novas formas de se expressar. Wellman explica que:

As redes sociais complexas sempre existiram, mas os desenvolvimentos tecnológicos recentes permitiram sua emergência como uma forma dominante de organização social, da mesma forma que uma rede de computadores conecta máquinas, uma rede social conecta pessoas, instituições e suporta redes sociais. (Wellman, 2002 apud Recuero 2009, p. 93)

As pessoas sempre estiveram conectadas, mas com o desenvolvimento tecnológico, mais precisamente com a internet e com elas as redes sociais *online*, as pessoas passaram a se conectar com maior facilidade, rapidez e em número mais amplo. “Quando uma rede de computadores conecta uma rede de pessoas e organizações, é uma rede social” (Garton, Haythornthwaite & Wellman, 1997 apud Recuero, 2009, p. 15), isto é, as relações extrapolam a esfera social efetiva e adentram o campo da virtualidade. Para que a interação ocorra, é necessário um grupo de pessoas em um espaço virtual, o que exige utilização da internet em computador ou celular e a criação feita por cadastro de perfis determinados em *site*, aplicativo,

web página, *blog* e outros. As pessoas que fazem uso da internet, chamadas de internautas, através de perfis individuais interagem com as outras em páginas próprias ou comunidades com a finalidade de reunir um grupo de pessoas em torno de assuntos/objetivos comuns.

O *Facebook* é a rede social mais utilizada no mundo. Estima-se que, em 2017, a população global era cerca de 7,6 bilhões de habitantes e o número de perfis no *Facebook* era de mais de 2 bilhões de usuários. No Brasil, a população, em 2016, era de 207,7 milhões de habitantes. Nesse mesmo ano, cerca de 130 milhões de perfis foram criados. Cada rede social tem regras e formas de organização. A rede social *Facebook*, por exemplo, permite a interação dos internautas tanto por meio do perfil individual quanto dos grupos e páginas. Os internautas podem postar frases, textos, imagens e vídeos, bem como comentar as publicações realizadas pelos demais.

As páginas são perfis públicos que artistas, figuras públicas, empresas, marcas, organizações e Organizações Não-Governamentais (ONGs) usam para criar uma presença no *Facebook* e se conectar a esse tipo de comunidade. As páginas vêm sendo utilizadas como espaço de informações e debates por diversos grupos, movimentos e organizações. Nesses casos é possível identificar o objetivo na descrição da página, assim como a presença e a identificação do administrador. Quando um internauta curte uma página, ele começa a ver as atualizações dessa página no seu *Feed* de notícias. Quando alguém curte ou comenta uma publicação em uma página, essa atividade pode ser compartilhada com os amigos da pessoa, aumentando a exposição e o alcance dela. As páginas também são espaços para trocas de informações e debates, visto que são abertas e direcionadas a algum objetivo ou tema específico.

As redes sociais vêm sendo um importante objeto de pesquisa em diversas áreas, principalmente no campo da psicologia social. Segundo Castells (1999, p. 26), “embora a sociedade não determine a tecnologia ela pode entrar num processo acelerado de modernização tecnológica capaz de mudar o destino das economias, do poder militar e do bem-estar social em poucos anos”. Isso significa dizer que a tecnologia atua e influencia nas transformações sociais. Para Santos e Santos,

[...] a comunicação mediada por computador, celulares e outros meios já alterou hábitos da cultura de boa parte da população de nossa sociedade, pois a estrutura temporal e espacial que se partilha subjetiva e intersubjetivamente, resultante de um período da história da humanidade marcado pela técnica, ciência e informação, essas mudanças também estão afetando as organizações e instituições, as quais precisam se adaptar a essas inovações. (Santos & Santos, 2014, p. 320)

As redes possibilitadas pela internet estão, entre outras funções, sendo usadas gerando novas maneiras de participação política e contato social, diversos aspectos da existência humana encontram-se sobre influência dessas ferramentas, dentre eles a organização política dos cidadãos quanto à luta por melhorias sociais, o entendimento dos acontecimentos históricos que se passam no mundo, a concepção de autonomia e de vivência no tempo e no espaço entre outros (Santos & Santos, 2014).

Com a intensificação da sociabilidade digital, esses aspectos ficaram mais acentuados e evidentes, isso significa dizer que, com a expansão da comunicação, a violência aumentou em demasia. A proliferação dos discursos de ódio se tornou uma calamidade nas redes sociais *online* à medida que atinge todos os assuntos e uma imensa variedade de pessoas que discursa ou que é alvo de ataques cibernéticos.

3.2. Contextualização e historicização das páginas pesquisadas

A primeira página analisada na rede social *Facebook* foi do “MBL”, página oficial do movimento que se apresenta na categoria “Interesse”, tendo surgido em primeiro de novembro de 2014. Um total de 2.803.056 pessoas/perfis seguem essa página. No tópico “Sobre”, referindo-se a uma descrição sobre a página, há a seguinte escrita: “O Movimento Brasil Livre é uma entidade que visa mobilizar cidadãos em favor de uma sociedade mais livre, justa e próspera”. No item “Conquistas” tem-se a informação: Lula é o comandante máximo do maior esquema de corrupção da história, diz Ministério Público Federal. Já no tópico “Eventos” é possível ter acesso a uma agenda em que diversos acontecimentos são apontados como forma de convocar seguidores, dentre eles: Votação do Escola Sem Partido em São José dos Campos, Ato pela Escola sem Partido, Vigília pela Lava Jato, Festa do Impeachment, Juntos pelo Impeachment – Movimento Brasil Livre – São Paulo, Contra o golpe do PT, Aula Pública: “Como melhorar o transporte no Brasil, sem demagogia”, organizado por MBL – Movimento Brasil Livre. Nessa descrição, há o seguinte acréscimo: “Sexta-feira, dia 23/01, quebraremos o discurso hegemônico do criminoso Movimento Passe Livre, cuja proposta é economicamente inviável e moralmente indefensável. Está na hora de acabarmos com a demagogia do ‘passe livre’, contamos com a contribuição de vocês!”. Em 20 de junho de 2013, houve o evento Manifestação pela Desestatização do Transporte Coletivo-Natal com os seguintes dizeres:

Manifestação pela Liberalização e Desestatização do Transporte Coletivo em Natal. Manifestação pacífica com o objetivo de conscientizar a população e a

opinião pública sobre os reais culpados da péssima qualidade do transporte coletivo em Natal: os monopólios e as barreiras de entrada no setor. Nosso objetivo é de se juntar à força e ao número de manifestantes que acontecerá na quinta (20/06) às 17h que começará no via direta, contra o aumento abusivo e a péssima qualidade dos transportes, onde apresentamos a melhor solução para esse problema, que é a desestatização e a liberdade dos transportes coletivos. Somos contra o oligopólio e o governo regulando algo que deveria ser de livre concorrência, a qual gera qualidade e preços justos. Somos contra o Passe livre, pois apenas contornaria o problema, aplicando indiretamente mais impostos no bolso de cada natalense. (MBL, 2013)

A partir da descrição e dos eventos nessa página do *Facebook* é identificável o posicionamento do movimento quanto a algumas questões: postura antipetista, desaprovação de instituições públicas e estatais, reprovação do movimento social que solicitava diminuição ou isenção de passagem, apoio e contribuição nas discussões e implementação do Programa Escola Sem Partido. Essas características definem o MBL, no espectro político, como um movimento de direita.

De acordo com as Propostas de Políticas Públicas do MBL (2015), contidas na página, no que se refere à educação, o movimento defende a implementação do sistema de *vouchers* para ensino básico, fundamental, médio e superior, com valor igual a todos os alunos independentemente do nível. Em um vídeo no canal do *youtube*, um dos líderes e cofundador do MBL Kim Kataguirí explica o que é o sistema de *vouchers*: “Seu filho estuda em escola pública? Você gosta da escola em que seu filho estuda? E se o governo chegasse para você e dissesse toma aqui esse dinheiro e matricula seu filho na escola em que você quiser”. E segue afirmando que o custo das escolas privadas que receberam *voucher* como na Suécia, Chile e alguns Estados americanos é menor do que manter as escolas públicas. Além disso, diz Kim Kataguirí que os pais, no caso citado, “puderam cobrar mais eficiência das escolas, já que para uma escola pública melhorar faz-se necessária a boa vontade política; já para uma escola particular melhorar basta você ameaçar mudar o filho de escola”. Em relação aos alunos com deficiência, outras propostas com um complemento diferenciado é apresentado, afirma um dos líderes do movimento.

Seguindo algumas das propostas ligadas à educação, o MBL apresenta a legalização do *homeschooling* (a prática de educar em casa), o Projeto de Lei “Escola sem Partido” em legislativos estaduais e municipais, o incentivo tributário para empresas que realizam pesquisa tecnológica em áreas de ciências exatas e biológicas, a redução de impostos das escolas privadas, a militarização das escolas em áreas de risco, ou seja, em locais onde a iniciativa privada não tem possibilidade de atuar, a gestão privada de escolas públicas através de

organizações sociais e Parcerias Público-Privadas (PPPs), a competição entre escolas públicas usando métricas como o exame *Programme for International Student Assessment*/Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA), fazendo parcerias com a iniciativa privada para premiações, a desburocratização do processo de abertura de escolas, cursos e do número de vagas em instituições de ensino privadas, o incentivo ao ensino técnico profissionalizante e a desburocratização na contratação de estagiários, além de facilitar o financiamento de empresas privadas em instituições educacionais de todos os níveis para fins de produção científica.

Algumas das propostas quanto à saúde são: desburocratização de operadoras de planos de saúde, adoção de um sistema de saúde similar ao alemão, em substituição ao Sistema Único de Saúde (SUS), obrigatoriedade da contratação de um plano de saúde e fornecimento de plano gratuito para aqueles que não puderem pagar por um. Já uma das propostas na seara da sustentabilidade é privatizar ou transformar em PPPs os serviços de saneamento básico dos municípios. Para a reforma política, entre diversas propostas, o movimento defende a revogação da Lei Rouanet, o fim do voto obrigatório, o sistema parlamentar inspirado no modelo alemão, o fortalecimento do federalismo, reforçando a autonomia administrativa, tributária e eleitoral de cada unidade da federação e o fim da reeleição. Na categoria economia, aponta menções a todos os programas sociais, programas de governo, Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS), bolsa família, empréstimos agrícolas, subsídios de taxa de juros e programas de depósito judicial passam a ser oferecidos em plataforma aberta, ou seja, devem ser disponibilizados a todos os bancos. Por fim, a longo prazo, o movimento defende que todos os bancos devem ser privatizados, a começar, de modo urgente, pela Caixa Econômica Federal.

Quanto à justiça, o MBL defende que o calibre do armamento das polícias não deve ser restringido. Essa restrição foi criada durante o governo de Getúlio Vargas não com o objetivo de proteger a população, mas com o intuito de limitar o poder da polícia perante o governo federal. O movimento proclama também o fim da função social da propriedade, pois a propriedade privada não pode ser relativizada, o fortalecimento de guardas municipais, o fim da redução de pena para crimes hediondos, pouco importando o bom comportamento do preso ou outros fatores, a contratação de agências privadas de investigação para diminuir o número de casos de homicídios não resolvidos, a privatização de presídios e o aumento de vagas para o sistema prisional (10% ao ano). Defendem ainda mudanças na legislação para evitar o chamado retrabalho, o “prendesolta”. Por fim, acerca das propostas quanto ao transporte e urbanismo, há luta por Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU) zero para regiões centrais degradadas que necessitem de restauração urbana, regularização e direito de propriedade às favelas que

passarem por reurbanização e a privatização de linhas de metrô e de Veículo Leve sobre Trilhos (VLT) e criação de novas linhas por meio de PPPs.

Outra característica do MBL, é a intensiva propaganda de arrecadação de dinheiro para manter ativo o movimento. Isso ocorre tanto nas redes sociais, no *youtube* e no *site* oficial, em que o *marketing* dessa chamada se evidencia por meio da imagem de várias pessoas aglomeradas em um manifesto veiculando a seguinte frase: Ajude a deixar o MBL cada vez mais forte www.mbl.org.br/CONTRIBUA. Há sete formas para realizar doações. Pode-se ainda comprar objetos na loja virtual como o “pixuleco do Lula” (um boneco, no caso, o Lula vestido de presidiário), camisetas com desenho de Lula preso e o título “Lula na cadeia: eu fui!”, camisetas com a escrita “lugar de mulher é no tanque” com o desenho de um tanque de guerra. Três dos tipos de doação são doações únicas nos valores de 50, 150 e 300 reais, e quatro tipos de doações referem-se a doações mensais fixas, contendo os seguintes nomes e valores: Agente da Cia R\$ 30,00; Irmãos Koch R\$100,00 (fazendo referência aos irmãos americanos Charles e David Koch que, de acordo com a Forbes, citada pela revista *Carta Capital* possuem 42,9 bilhões de dólares cada um e estão em sexto e sétimo lugares da última lista de bilionários, além de apoiarem líderes e instituições republicanas), Mão Invisível R\$ 250,00 e, por fim, Exterminador de Pelegos R\$ 500,00 (referência aos petistas e simpatizantes).

A segunda página analisada é a “Bolsonaro Opressor 2.0”, com 1.053.690 seguidores, da categoria “Ideologia Política” e em sua descrição há a seguinte frase: “Sobre o mito Jair Messias Bolsonaro”. Analisando o perfil da página, assim como pesquisando o partido político atual do Presidente da República do Brasil – Partido Social Liberal (PSL) – que, no momento da coleta de dados ainda era deputado federal, sendo eleito em outubro de 2018, é possível vislumbrar os seguintes marcadores ideológicos: neoliberalismo, conservadorismo social, liberalismo econômico, iniciativa privada, governo limitado e outros.

Segundo seu *site* oficial, no período anterior a outubro de 2018, constava que Jair Bolsonaro é militar da reserva e deputado federal, está em seu sétimo mandato na Câmara dos Deputados, foi eleito pelo Partido Progressista, foi o mais votado do Estado do Rio de Janeiro nas eleições gerais de 2014, com 464.565 votos. Dos seus cinco filhos, três deles atuam diretamente no campo político. No *site*, é reforçada sua posição em defesa da família, da soberania nacional, do direito à propriedade e dos valores sociais do trabalho e da livre iniciativa. É ressaltado, em suas falas, como em sua apresentação no *site*, que suas bandeiras políticas são fortemente combatidas pelos partidos de ideologia esquerdista. Ele defende a luta contra a erotização infantil nas escolas e por um maior rigor disciplinar nesses estabelecimentos, a redução da maioria penal, o armamento do cidadão de bem e o direito à legítima defesa, a

segurança jurídica na atuação policial e os valores cristãos. É também idealizador do voto impresso que, segundo ele, certamente contribuirá para a realização de eleições mais confiáveis e passíveis de auditoria (Bolsonaro, 2018).

O lema de Jair Bolsonaro é “Um novo rumo para o Brasil”, com a seguinte nota: “Nossos valores, crenças e cultura não podem ser deturpadas para que se atinjam propósitos estranhos ao povo brasileiro. Somos um país que tem orgulho de nossas cores e não desejamos importar ideologias que destruam nossa identidade” (Bolsonaro, 2018). Algumas de suas ideias, expostas no *site* oficial, contemplam a segurança pública nacional em todos os níveis, prestigiando, protegendo e apoiando os respectivos órgãos que nela atuam, tais como as polícias federal, rodoviária federal, militar e civil, a receita federal, o corpo de bombeiro, as guardas municipais e as Forças Armadas. Há também a defesa de proposição de mudanças legislativas e implementação de políticas que visem minimizar os índices crescentes de violência e homicídios no país, reduzindo-os substancialmente no mais curto espaço de tempo possível, assim como criar políticas de proteção às fronteiras brasileiras, minimizando o contrabando e o tráfico de armas e de drogas.

Bolsonaro também defende a criação de políticas de esclarecimento à população, visando a conscientização a respeito dos males provocados pelo comunismo e pelo socialismo, bem como a proteção à propriedade privada e a garantia de que cada cidadão de bem tenha o direito de proteger seu principal patrimônio: a vida. Para tanto, é necessária a revogação do Estatuto do Desarmamento e a criação de condições para que os cidadãos possam ter a posse de armas de fogo, se assim o desejarem. Incentivo a todas as formas de livre iniciativa privada, mediante a adoção de políticas econômicas liberais, a fim de que haja maior produção de riqueza e sua distribuição, além do combate à censura, ao constrangimento e aos desequilíbrios morais e sociais decorrentes do discurso “politicamente correto”. Combate à sexualização precoce de crianças, bem como à apologia da ideologia de gênero, aos privilégios decorrentes de “quotas” que resultem na divisão do povo, seja em função de gênero, opção sexual, cor, raça, credo e a vedação de parcerias, alianças, conjugações e coligações com partidos de esquerda bolivariana tais como PT, PSol, PCdoB, PSTU, PCO, PCB, e quaisquer outros que apoiem regimes autoritários instalados em outros países (Bolsonaro, 2018).

A terceira página do *Facebook* a ser analisada “Jovens de Direita” possui um montante de mais ou menos 350 mil seguidores e se intitula na categoria “Organização Política”. Em sua descrição, tem-se o seguinte texto: “Sou jovem, sou conservador, sou cristão, sou de Direita!”. A página não declara em suas postagens apoio a algum partido político em específico.

A quarta página a ser analisada é a “Mídia Ninja” (Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação), de categoria “Organização sem fins lucrativos”, conta com cerca de 1,8 milhões de seguidores. O Mídia Ninja se caracteriza como uma espécie de jornalismo independente em que veicula notícias em prol da democracia, dos direitos humanos e dos movimentos sociais (Mídia Ninja, 2018). De acordo com Savazoni (2014), o Mídia Ninja é uma iniciativa articulada pelo Fora do Eixo (FdE), rede de coletivos culturais e de ativismo político-digital suscitando e ampliando a voz de movimentos culturais sem visibilidade, gerando interesse de meios de comunicação, academia, classe política tradicional e de aliados e adversários na sociedade civil. Segundo o autor, o Mídia Ninja é, sem dúvida, a mais expressiva ação midiática coordenada pela organização e elemento central da estratégia supramencionada de deslocamento de uma rede de produção cultural para uma plataforma de ação política em rede.

Dentro do espectro político, de acordo com os valores que transmitem, as causas que lutam, os conteúdos postados e os perfis tanto de seus seguidores quanto de seus colunistas, identifica e localiza-se em uma política de esquerda. Em seu *site* oficial contém a seguinte descrição:

Somos uma rede de comunicação livre que busca novas formas de produção e distribuição de informação a partir das novas tecnologias e de uma lógica colaborativa de trabalho. Entendemos a comunicação democrática como um direito humano e defendemos o interesse público, a diversidade cultural e o direito à informação, visibilizando pautas de comunicação, causas identitárias, cultura, meio ambiente, juventude e outras que dialogam com os desafios do século XXI. A Mídia Ninja foi fundada em 2013 e ganhou notoriedade durante as manifestações de junho que reuniram milhões nas ruas do Brasil. (Mídia Ninja, 2018)

O Mídia Ninja, que possui abertamente uma atuação anticapitalista, surge e é impulsionado durante o governo Lula quando Gilberto Gil e Juca Ferreira, ministros da cultura daquele mandato, reconhecem e estimulam a cibercultura, a descentralização do acesso às tecnologias de comunicação, assim como a participação social, os diversos grupos da cultura brasileira e os diversos movimentos populares (Savazoni, 2014; Maciel, 2014).

A quinta página a ser analisada é a “Brasil contra Jair Bolsonaro” com aproximadamente 160 mil seguidores, é de categoria “Interesse”, e se descreve como uma página sem posição partidária específica. Contém em sua descrição “Comentários que nos insultarem serão apagados e os membros bloqueados. Quer discutir? Ótimo: faça diferente do ‘mito’ e seja civilizado. Nesse caso: aceito”. Como o próprio nome afirma, a página possui um

posicionamento contrário a Jair Messias Bolsonaro, compreende-se que dentro do espectro político há uma identificação não declarada de esquerda.

E, por fim, a sexta página se intitula “Jovens de Esquerda” com cerca de 900 mil seguidores, encaixa-se na categoria “Empresa de mídia/notícias” e possui a seguinte descrição: “Estamos na luta por justiça social, contra o racismo, machismo, homofobia e contra qualquer tipo de opressão”.

3.3 Apresentação e discussão dos dados

A seguir serão apresentadas as falas selecionadas integradas nas categorias: ideias higienistas, preconceito social, homofobia, racismo e preconceito político. Dentro cada categoria, foram identificados elementos de análise que são apresentados juntamente com os comentários que os originaram. Elementos que serviram para compreensão do objeto desta pesquisa e da formação subjetiva da sociedade, assim como na repercussão dos seus elementos constitutivos, como as relações entre os indivíduos, a relação destes com o modo econômico, as relações de poder a par da ideologia entre outros.

3.3.1 Ideias higienistas

A categoria que contempla ideias higienistas na página MBL contém 39 comentários coletados em cinco dias. Desse total, 7 são comentários de xingamentos em crítica ao MBL e às postagens realizadas, os demais, 32 comentários, remetem à ideia de uma possível higienização de indivíduos, políticos e partidos de esquerda, principalmente do PT. A quantidade de comentários com ideias higienistas na página Bolsonaro Opressor 2.0 é de 72 coletados em um único dia, e 100% dos comentários contemplam falas de violência em relação a seguidores, simpatizantes e governos de esquerda. Na página Jovens de Direita foram coletados 15 comentários em 3 dias e todos também se referem a um posicionamento de crítica e violência em relação à esquerda.

Já as falas na categoria ideias higienistas coletadas nas páginas de esquerda constam 5 falas na página Mídia Ninja, coletadas em dois dias, das quais 3 delas são críticas a Bolsonaro e à violência, as demais referem-se a seguidores do Bolsonaro que realizam a defesa do presidente e tecem críticas à esquerda. Também foram coletados 5 comentários na página Brasil contra Jair Bolsonaro, em três dias distintos, do total de falas 2 delas remetem a um posicionamento contra Bolsonaro e seus seguidores, as demais referem-se a internautas

seguidores de Bolsonaro (pois possuem em sua página do perfil a imagem do presidente) e realizam críticas aos internautas e postagens com conteúdo de esquerda. Na página Jovens de Esquerda, o total de falas coletadas foi de 19 em 6 dias distintos, dessas apenas 2 comentários são crítica a internautas defensores do Bolsonaro, as demais (17) advêm de seguidores do Bolsonaro que realizam críticas aos seguidores da página.

No total apareceram 163 falas de ódio referente às ideias higienistas nas seis páginas selecionadas, 14 comentários foram críticas contra o MBL e Bolsonaro e seus seguidores, o restante, 149 comentários, voltavam-se energicamente contra pessoas ou governos de esquerda e/ou internautas que criticavam ideias advindas de Bolsonaro. Uma característica identificada nas páginas de esquerda é que dos 29 comentários 76% deles foram de internautas que não seguem e não compactuam com os valores da página, apenas foram até ela para tecer críticas ao que era postado e comentado.

A concepção de ideias higienistas aparece de forma muito categórica e incisiva. Todas as falas remetem de forma direta ou não a subtemas que contemplam uma ideia de limpeza social atrelada ao patriotismo/nacionalismo, apartação, intervenção militar, meritocracia, defesa do modelo econômico vigente, combate ao socialismo e comunismo, aniquilamento, opressão e atribuição de valores negativos. Subtemas esses ligados à concepção de “intrusão” e “poluição”, ou seja, a tudo aquilo que não pertence, que destoia ou que coloca em risco o quadro de uma sociedade administrada, que visa a alta produção e lucratividade. Para tanto, corpos e desejos dos indivíduos são controlados. Nesse sentido, desejar e lutar por algo destoante da “ordem” (econômica) deve ser foracluído, a “independência de pensamento, autonomia e direito à oposição política estão perdendo sua função crítica básica numa sociedade que parece cada vez mais capaz de atender às necessidades dos indivíduos através da forma pela qual é organizada” (Marcuse, 1982, p. 23).

A concepção de uma limpeza social é o subtema que mais aparece, remetendo à ideia de exclusão daquilo que é considerado “lixo”, ou seja, de algo que não tem mais valor ou serventia:

“É isso aí tem mesmo que comemorar a limpeza no Brasil tá só começando [...]”
 “Tem que varrer esses comunistas do país para sempre.”
 “começou a faxina vamos continuar.”
 “BOLSONARO PARA A LIMPEZA GERAL DA NAÇÃO URGENTE.”
 “vai morar na África seu comunista[...]”

Outro importante subtema que aparece nessa categoria é a referência ao classificar os outros como uma raça, sempre de maneira pejorativa:

“Escândalo é normal dessa raça...”
 “Crl kkkkk... Tudo pancadão, boca do lindo kkkk tá qase mordendo o nariz kkkkkkkk... Raça nojenta.”

A ideia de uma “higiene social” também é atribuída ao desejo de exclusão dos indivíduos por meio do sistema prisional:

“Justiça, ladrão é ladrão, não merece compaixão.”
 “um ladrão a menos nas ruas.”

Além do sistema prisional, a ação de violência da polícia é defendida e apoiada em nome da segurança e da contribuição para a “limpeza social”, como afirma um *post* feito na página Jovens de Direita que diz que “Temos plena consciência de que a longo prazo a educação vai salvar o Brasil, mas também acreditamos que a curto prazo, CACETE NO LOMBO E BALA NO RABO de bandido é que vai diminuir os altos índices de criminalidade”, os comentários compactuam e ratificam essa ideia:

“[...] Mas hoje, pela minha segurança, espero que a polícia não tenha dó de bandido...”
 “A policia não tem, os direitos humanos sim e eles impedem que a policia trabalhe da maneira correta.”

E de forma naturalizada aparecem falas relacionando a ideia higienista ao aniquilamento dos indivíduos:

“[...] devem ser processados, julgados e de preferencia fuzilados para não continuarem dando despesa aos cidadãos honestos e trabalhadores do Brasil.”
 “Não tenho nem coragem. Bolsonaro Presidente, pra que isso tudo vire pó.”
 “Sempre digo isso. Essa geração já se perdeu. Ou é cadeia ou é vala. Não tem mais salvação.”
 “Tudo num buraco, alcool e fogo, bolsonaro e seus aliados, mi humilde opinião, arrombados.”

Algumas falas ligadas ao desejo de aniquilamento decorreram de uma postagem referente a uma notícia sobre um Drone, com cargas explosivas utilizadas em um ataque ao presidente Nicolás Maduro, nos comentários desse *post* percebe-se a forma naturalizada em que o aniquilamento é empregado:

“por pouco, tomara que o drone seja mais certo da próxima vez”

“mandem um drone pra Curitiba, lá dentro da cela do Lula, só não errem pelo amor de Deus”

“Não conseguiram dessa vez, talvez na próxima!”

“pena que não matou”

Outra característica dessa categoria que está ligada à ideia de apartação é referente ao desejo de se instituir uma nova sociedade em que “apenas quem ama e luta pelo país deverá viver nela”, isso exclui todos os indivíduos que ou criticam as ideias de Bolsonaro ou defendem as ideias de esquerda:

“A República de Curitiba não foi manchada de vermelho. É isso aí!!!! O Brasil ainda é verde e amarelo.”

“[...] Nós estamos trabalhando por um país melhor, pena que você vai usufruir tb, sua petralha agorenta.”

“Seus porcos imundos!!! Voltem para seus chiqueiros e deixem nossa cidade limpa de lixos como vocês!!!

A idealização que considera uma pequena parte do país como um lugar “digno” apenas para pessoas do bem, que gostam de trabalhar, que amam o Brasil, que querem ver seu crescimento, como é o caso de comentários que citam a capital de Curitiba como República, remete claramente à ideia de uma sociedade administrada, em que a produção e a eficácia é que regem, organizam e designam quem merece estar nela inserido. “Nessa sociedade o aparato produtivo tende a tornar-se totalitário no quanto determina não apenas as oscilações, habilidades e atitudes socialmente necessárias, mas também as necessidades e aspirações individuais” (Marcuse, 1982, p. 18).

Outra marca dessa categoria expõe a defesa pelos internautas apoiadores de Bolsonaro de que todos os indivíduos e partidos de esquerda desejam transformar o Brasil em uma ditadura de esquerda, além de veicularem ideias falsas quanto aos modos econômicos diferentes do capitalismo os quais, *a priori*, desconhecem:

“[...] Agora imaginem se o comunismo passasse a ser o regime brasileiro, quantos inocentes iriam ser executados nesse país seguindo os exemplos dos países comunistas? Isso sem contar com a maioria do povo desses países comunistas que estão morrendo de fome.”

“ ‘Já que esse país não dá’ como você própria mencionou, sua comunista de iPhone, vá morar na Venezuela ou Coréia do Norte na qual seu partido (PC do b) tanto adora [...].”

“Galera me ajudem a combater o comunismo, socialismo e os altos impostos [...].”

E realizam a defesa quanto ao modelo econômico vigente no Brasil, o capitalismo:

“O Capitalismo agradece essa tentativa! SÓ A ESQUERDA MESMO PRA APOIAR ESSE TIPO DE GOVERNO! Que é o comunismo! Pq essa revolta contra o capitalismo? Pq a esquerda querem fazer o governo contra o capitalismo?”

Outro traço contempla a atribuição de valores negativos às pessoas que não demonstram apoio a Bolsonaro ou a internautas de esquerda; já valores positivos são associados às pessoas que nele apoiam:

“o Brasil honesto e trabalhador comemora sim a prisão da maior farsa desgraçada de nosso País.”

“Pior é a universidade compactuar com tudo isso. Um bando de maconheiro revoltado pq o maior bandido do Brasil tá preso. Sei que o MBL tá apoiando o Flavio Rocha mas pra acabar com toda essa palhaçada da esquerda me desculpem, mas só o Bolsonaro mesmo. Isso é só uma opinião.”

“Motivos pelo qual escolhi meu candidato a Presidência para 2018: 1º ele é cristão [...] 100% honesto [...] defende a família e os bons costumes[...].”

Há também uma alusão a quem não comemorou a prisão do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva como sendo não trabalhador e tampouco honesto. A mesma situação acomete quem não contemplou a imagem do Juiz Sérgio Moro, responsável pela prisão do ex-presidente a pouco citado. Nesse caso, os não apoiadores são considerados como de outra nacionalidade e sem valor. Os apoiadores atribuem a Moro, inclusive, o poder e dever de realizar uma “limpeza moral” no Brasil:

“parabéns para Sérgio Moura, colocou mais um na cadeia mais um bandido vagabundo ,e trouxa é quem defende esse canalha e ladrão.”

“Sabe uma coisa legal que poderíamos fazer em relação a autoridades, Juízes como o Moro? Quando um profissional como esse, chegar a um restaurante, enfim que brasileiros de bem, se levantassem em sinal de respeito a esse profissional e se possível, o aplaudisse. Bacana isso.”

“O Nobre e Respeitável Juiz Sérgio Moro, é hoje um membro **INDISPENSÁVEL** ao processo de Limpeza Moral no Brasil. Merece **TODA REFERÊNCIA** dos Homens Honrados e Decentes do Nosso Querido BRASIL.”

O controle de fronteiras e o combate à entrada de imigrantes é também uma característica dessa categoria:

“Concordo com vc, se não vigiamos e temos controle sobre nossas fronteiras, você não sabe quem tá entrando no país, se é ladrão, se é traficante, ou se é apenas mais um pai de família procurando trabalho pra sustentar a família.”

“Vejam isso é causa da falta de fiscalização proposta por Bolsonaro, devemos separar o “joio do trigo, VOTE EM BOLSONARO.”

“Não temos estrutura suficiente nem para os brasileiros e agora vamos ter que abrir as fronteiras para qualquer um entrar.”

“E que nunca pagaram um centavo de imposto.”

A reincidência da intervenção militar é algo suplicado por diversos internautas das páginas que apoiam e defendem a política de direita:

“Intervenção é a melhor maneira para tirar todos...**TODOS Q ENTRAREM VAO PASSAR AS MÃOS...**parem com este negócio de presidentes. deixem os militares tomarem conta 🙌👍 militares já.”

“O negócio é terminar o que 64 não completou e mandar barcas para Cuba, Venezuela, Bolívia e Equador!”

“Bolsonaro 2018, se nao acontecer. Exército marinha aeronaltica neles.”

A indiferença e o descaso para com os Direitos Humanos, projetos e ONGs de cunho social, assim como com as minorias é também algo presente nessa categoria:

“[...]queremos os índios que o apoiaram e roubaram com ele a nação brasileira. **CORRUPTOS NA CADEIA**, sem exceção. Precisamos passar o Brasil a limpo.”

“Motivos pelo qual escolhi meu candidato a Presidência para 2018: [...] é a favor da diminuição da maioria penal[...] é contra a legalização do aborto[...] é a favor do aumento de pena e castração química para estupradores[...] apoia o fim do MST e sindicatos pelegos e subservientes [...] É contra a lei de imigração [...] projetos pra criar excludentes de ilicitude, com objetivo de proteger o cidadão de bem [...] é a favor de trabalho forçado para criminosos [...] está preocupado com as escolas e hospitais, não com presídios [...] Não vai sustentar ONGs que defendem a vagabundagem.”

A concepção de limpeza social de “lixos humanos” não é recente e vem mostrar que a necessidade de pureza, que no nazismo tratava-se da pureza racial, ainda existe, com algumas poucas mudanças. Assim como no antissemitismo “o apego inflexível às suas próprias formas de ordenamento da vida levou-os [os judeus] a uma relação insegura com a ordem dominante” (Adorno & Horkheimer, 1985, p. 80). No capitalismo tardio tal evento se repete, aqueles que não se deixam estabelecer segundo a ordem imposta arcam com as consequências ligadas à exclusão e à barbárie. E “se um mal tão profundamente arraigado na civilização não encontra sua justificação no conhecimento, o indivíduo também não conseguirá aplacá-lo” (Adorno &

Horkheimer, 1985, p. 81), pois os fundamentos presentes nas falas contidas nessa categoria pairam no estancamento daqueles que ousam questionar ou incitar a mudança do que está posto.

O antissemitismo é, além de uma destruição maciça, um esquema profundamente arraigado que valida a impotência daquilo que poderia refreá-lo, a impotência da reflexão, logo, o passatempo pueril do homicídio é uma confirmação da vida estúpida a que as pessoas se conformam (Adorno & Horkheimer, 1985). “A exigência que Auschwitz não se repita” (Adorno, 1995, p. 117) parece não ser cumprida à medida que nas últimas décadas muda-se apenas o objeto de ódio, os negros, os índios, os homossexuais, as mulheres, os que não geram lucros entre outros. Porém o fio que perpassa todas as obsessões de exclusão social é sempre a dominação em prol do acúmulo de riqueza e de poder. Quanto a tudo que questiona e destoa da ordem, Marcuse afirma que “uma falta de liberdade confortável, suave, razoável e democrática prevalece na civilização industrial desenvolvida, um testemunho de progresso técnico” (Marcuse, 1982, p. 23).

3.3.2 Preconceito Social

O total de comentários com conteúdo de ódio nessa categoria foram de 39 falas coletadas. Na página do MBL (apêndice C1) aparecem 12 comentários e todos foram realizados contra postagens com conteúdo de críticas à política de esquerda. Na página Bolsonaro Opressor 2.0, foi coletado 1 uma fala apenas. Na página Jovens de Direita, foram coletados 5 comentários, e todos a favor das postagens realizadas pela página. Na página Mídia Ninja também foram coletados 5 comentários, desse total 4 deles foram realizados contra os *posts* da página. Na página Brasil contra Jair Bolsonaro, foram coletados 2 comentários, os quais foram realizados em ataque à página. Já na página Jovens de Esquerda foram coletados 14 comentários, todas as falas foram realizadas em ataque aos *posts* feitos na página com conteúdo de política de esquerda.

Contêm nessa categoria, comentários de preconceito de classe social, contra usuários de drogas, contra movimentos sociais, contra beneficiários do Programa Bolsa Família, pobres e contra nordestinos.

O preconceito contra classe social aparece relacionada ao desprezo pelas classes mais pobres, considerando-as inferiores às que possuem mais bens:

“Espero que as parcelas dos financiamentos estejam em dia.”

“só pelo tipo de comemoração é outro nível [...]”

“Na elite tem buzina mesmo. Vocês são ruim de serviços.”

Os indivíduos que não integram uma lógica mercadológica, que não produzem avidamente e, portanto, não consomem à altura do que é empregado é subjugado e colocado à margem daqueles que, no sentido econômico, “contribuem” para o “crescimento” do país. “Quem não se adapta é massacrado pela impotência econômica que se prolonga na impotência espiritual do isolado. Excluído da indústria é fácil convencê-lo de sua insuficiência” (Horkheimer & Adorno, 2002, p. 63). E, portanto, os que estão inclusos nessa lógica, a da produção e da eficiência, se sentem injustiçados e em prejuízo financeiro por “ajudar”, enquanto Estado “dá migalhas” aos que, no julgamento deles, não merecem. Excluem as causas dos que estão excluídos e os responsabilizam, pelo argumento da meritocracia, que não lutaram o suficiente para alcançar um lugar à altura.

Uma característica dessa categoria é o preconceito contra movimentos sociais dentre eles o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST), a Central Única dos Trabalhadores (CUT) e o Movimento Sem Terra (MST), que luta pela reforma agrária no país:

“Disse o invasor de propriedade privada e estimulador de ódio dos terroristas do MST e MTST!”

“TUDO ISSO SO PORQUE O BOLSONARO FALOU QUE VAI CORTAR O DINHEIRO DAS ONGS, POR ISSO VOCÊS ESTÃO COM ESSA RAIVA TODA? EU QUERO ESSAS ONGS DE VOCÊS VÃO TUDO PRO CARALHO, ONG DE CU É ROLA”

“Invadiram o shopping put, devem ser os sem shop.”

Os beneficiários de programas governamentais como o Programa Bolsa Família, programa que contribui para o combate à pobreza e à desigualdade no Brasil, também são alvos de falas com teor de ódio. Muitas críticas atrelam o Bolsa Família à ideologia de que pobreza é questão de escolha. Famílias permanecem na pobreza para se beneficiar do programa:

“CAI FORA, BOLSA FAMÍLIA !!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!”

“Que tristeza me dá de ver que o povo prefere libertinagem do que a liberdade, liberdade pra mim é vc não precisar depender do estado ou algum jeitinho brasileiro de conseguir algo, mas vejo que o estado e as autoridades parlamentares e políticas pouco fazem pelo povo e digo o básico, educação, respeito e honestidade,mas eles não estão pensando no povo e sim neles, mas tem muitas pessoas que nao querem trabalhar, não querem levantar cedo, não querem estudar, não querem lutar pra vencer e preferem se lamentar de quão dura é a vida pra ele e receber uma ajuda que só te faz dependente da miséria.”

“[...] o Brasil é um país de gente com mente atrasada oferecem uma esmola de bolsa de qualquer coisa, e o fula vota!!!”

“a criminalidade aumentou com o bolsa família mem pai mem filho trabalha mais.”

“Estão desesperados kkkkk vão perder o bolsa família.”

“[...] é bem verdade que os puxa saco são o que depende de sexta básica por não querer trabalhar.”

Outra característica dessa categoria é o preconceito ou acusação referente ao uso de drogas:

“Saiu o cheirador Aécio entra o cheirador Ciro.”

“Até parece, que o maconheiro Ciro coroné sabe alguma coisa.”

Uma marca desse preconceito é a discriminação em relação aos nordestinos, que é reiteradamente associada à pobreza e falta de intelectualidade:

“Ciro cheira a burrice do nordeste”

“Ciro pensa que o Brasil e um pedacinho de Sobral-CE. Bater no povo de lá do interior dele e fácil, que ganhar os votos de Lula se mostrando de macho para o público de esquerda.”

3.3.3 Homofobia

Dentro do período de coleta de dados foram coletados, nas seis páginas selecionadas para a pesquisa, 14 falas de ódio de caráter homofóbico. A categoria homofobia na página MBL, (apêndice D1) e Bolsonaro Opressor 2.0 contém 1 comentário em cada uma. Já na página Jovens de Direita foram coletados 11 comentários homofóbicos ou de apoio a uma postagem homofóbica. Nas páginas Mídia Ninja e Brasil contra Jair Bolsonaro não foi identificado nenhum comentário homofóbico no período de coleta. Já na página Jovens de Esquerda, 14 comentários de ódio foram coletados. Todas as postagens realizadas na página Jovens de Esquerda são em apoio à causa de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros, Queer, Intersexo e Assexual (LGBTQIA). Todos os comentários são de visitantes das páginas em ataque aos *posts*.

O preconceito contra identidade sexual que envolve a comunidade LGBTQIA e apoiadores está atrelado à diversas questões (subtemas) como perda de respeito, falta de ordem e vergonha, religião doutrinação e kit gay, anormalidade, questionamento sobre direitos conquistados, família e pedofilia.

Uma característica importante dessa categoria é atribuir a identidade sexual como um desrespeito à família e à educação dos filhos, associando-a também como causa das mudanças

das novas constituições familiares. Diversos comentários homofóbicos estiveram atrelados à falta de ordem no país e nas famílias, à falta de vergonha. Esse comentário foi decorrente de uma postagem que continha duas fotos: na primeira havia dois homens se beijando e ao fundo Lula e demais pessoas olhando e sorrindo; na segunda Bolsonaro estava sentado ao lado de vários militares fardados e continha a seguinte escrita: “A questão comparada não é pura e simplesmente dois homens se beijando e oficiais do exército. Enxerguem mais além... A escolha é sua. Em quem você votaria?”

“As pessoas veem apenas militares, eu vejo disciplina respeito e uma certa ética moral, e diferente da imagem de cima, alguns pais de família não teria problema algum que os filhos vissem, pois na imagem de baixo prevalece o respeito...Minha opinião, cada um tem a sua...!”

“Com certeza Bolsonaro o outro lado é uma vergonha só posso lamentar os que gostam de pessoa com esses procedimentos...”

“Que nojooooo”

A homofobia aparece, muitas vezes, por meio dos comentários, associada a questões religiosas:

“Se o país é laico devemos ter por gays, o mesmo respeito que eles têm por Jesus Cristo, e nossa fé. A laicidade de um país não pode perder só para um lado. Não respeita - não merece nenhum respeito! Eu ago assim! Nem amizade com gays eu aceito”

“chamar Jesus de bicha e travesti só tem um objetivo: provocar cristãos. Ele era de fato bicha? Não Ele é símbolo da puta LGBT? Nem pensar. Qual o efeito desejado? Levantar a ira dos cristãos para depois se fazer de vítima e depois chama-los de homofóbicos. Não caíam na velha tática”

Outro subtema que aparece nessa categoria é a crítica realizada após a criação do projeto “Escola sem Homofobia” com objetivo de trabalhar sobre questões como preconceito, gênero e sexualidade, porém acabou ficando conhecido, de forma pejorativa, como “Kit Gay”, em que nessa concepção haveria uma doutrinação para ensinar as crianças a serem homossexuais. Esse projeto foi criado e seguiu desenvolvendo pelo Ministério da Educação (MEC) no decorrer dos governos do PT, porém em 2011 a Presidenta Dilma, após protestos das bancadas religiosas, suspendeu o “kit homofobia” das escolas para análise e reelaboração (O Globo, 2011).

“O pior prefeito da história de São Paulo. Que queria ensinar nas escolas as crianças 05 e 11 anos a serem homossexuais com o nojento kit gay [...]”

A intolerância para com as questões de gênero é tão densa e submersa no funcionamento e modos de viver do capitalismo tardio que além do preconceito contra gays, lésbicas, travestis

e transexuais há a obstinação na ideologia de que dialogar sobre sexualidade e gênero é doutrinação, quando se trata de desnaturalizar a discriminação contra tudo o que vai contra à diversidade e à justiça social

A principal meta do projeto criado pelo MEC é contribuir para o reconhecimento da diversidade de valores morais, sociais e culturais presentes na sociedade brasileira, heterogênea e comprometida com os direitos humanos e a formação de uma cidadania que inclua, de fato, os direitos das pessoas LGBTs (MEC, 2004).

É, portanto, asseverado que o governo PT analisa e reafirma que a escola enquanto parte da sociedade é também agente da naturalização da homofobia, tanto no que as discussões em sala de aula abordam ou deixam de abordar, no que as disciplinas incluem ou excluem, quanto nas relações que ocorrem em seu interior. A respeito dessa política pública, no Caderno Escola sem Homofobia (Mec, 2004, p. 8) há a explicação de que:

A homofobia reflete a mesma lógica violenta de outras formas de inferiorização, como o racismo e o sexismo, cujo objetivo é sempre o de desumanizar o outro. No entanto, observa-se uma diferença fundamental: enquanto uma vítima de racismo é acolhida e confortada por sua família, a vítima de homofobia, com raras exceções, não encontra em sua própria casa a compreensão e o apoio necessários para seu conforto. Depreende-se daí o papel fundamental que uma escola verdadeiramente cidadã tem de desnaturalizar a homofobia para além de seus muros.

A pedofilia é também algo associado às questões de gênero, educação social e preconceito, os comentários abaixo são referentes a uma postagem da deputada Carla Ayres dizendo sobre o projeto que foi engavetado “HOMOFOBIA TEM CURA: EDUCAÇÃO E CRIMINALIZAÇÃO”:

“Ela tem que trabalhar contra a pedófila , no que eles dizem ser doença. Existe uma cura pra pedofilia; Aperte o 1 e depois o 7 e confirma”
 “Ainda bem que arquivaram, querem ter direito mais q as outras pessoas, ta de brincadeira 😞😞”

Como observa-se neste último comentário, a luta e as conquistas por direitos são considerados afronta e também exagero. É notório também, além do preconceito, o desconhecimento sobre o tema:

“Pra isso já existe lei pra punir quem mata pessoas, ou os gays e lésbicas não são pessoas? Por acaso são de outro planeta? são melhores que as outras pessoas? só porque são gays? A lei é para todos garotinho”

“Só que você sozinha Carla Ayres não vai poder fazer, e não vai fazer nada! A bancada evangélica graças a Deus, não vai deixar passar leis absurda como esta que impõe um estilo de vida anormal de uma minoria insignificante, sobre uma sociedade. Não venha me falar em respeito, porque se tem uma coisa que gsys não têm por nada e por ninguém, é respeito. Há dias um gay mostrou todo o desrespeito por Jesus Cristo, e nossa fé. Mas sendo do PT, você não deve acreditar em Deus!!!”

“Não voto em político que quando ministro aprovou o tal casamento de Homem com Homem”

3.3.4 Racismo

Na categoria racismo, houve um total de 7 comentários, 3 na página do MBL e 4 na página Bolsonaro Opressor 2.0, no restante das páginas não houve a identificação de falas com preconceito racial nas datas analisadas. Os comentários identificados abordam subtemas a partir do preconceito contra negros como questões referentes às cotas raciais. Atrelado a isso aparece temas como a meritocracia.

“O racismo contra os negros no Brasil tem sido praticado desde o primeiro momento da chegada forçada destes seres humanos no país, uma vez que foram trazidos como escravos” (MEC, 2007, p. 15). Essa realidade repercutiu até os dias de hoje no sentido de privação e discriminação em que é desconsiderada toda a história dos negros no Brasil e no mundo à medida que se defende a luta individual pela ascensão social e econômica. Agregada à defesa da meritocracia nega-se a prática do preconceito racial, haja vista que 91% dos brasileiros concordam que existe racismo no país e somente 3% admitem ser, eles mesmos, racistas, segundo o instituto de pesquisas Datafolha (*Folha de S. Paulo*, 2008). Somada a negação e o não reconhecimento do próprio preconceito racial, há ainda a negação da desigualdade: é notável que quando desagregado por cor/raça o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) brasileiro, que ocupa o 74º lugar no *ranking* da ONU, mostra que há dois países no Brasil, pois, quando separado, o IDH nacional dos pretos e pardos despencaria para a 108ª posição, enquanto que o dos brancos subiria para a 48ª posição (MEC, 2007). É incontestável a realidade brasileira no que tange às desvantagens sociais, econômicas e educacionais dos negros sobre os brancos.

O preconceito contra negros é evidente em comentários agressivos e preconceituosos. Os comentários a seguir referem-se à pessoa do jurista Joaquim Barbosa:

“querem um Negão Obama pra chamar de seu...”

“O Enéas negro”

“Esse negro frouxo que quando o PT apertou ele e liberou dinheiro ele se mandou do STF.”

Os comentários da página do MBL decorreram de uma postagem realizada pelos moderadores da página que postaram um abaixo-assinado para acabar com as cotas raciais na Universidade Estadual de Maringá (UEM), do Paraná, seguido de um texto que diz:

Dividir a população por cor da pele é atitude de Estado fascista. Escolher vencedores e perdedores por causa dessa característica importa menosprezar a igual dignidade de que todo ser humano é portador [...] Movimentos coordenados da esquerda querem instituir cotas para candidatos negros no vestibular da Universidade Estadual de Maringá (UEM). [...] Não nos dividam. Somos contra o racismo. Somos contra as cotas raciais na UEM.

Abaixo segue os comentários em favor do *post*:

“Cotas é o maior preconceito. Cada pessoa tem que conquistar seu espaço por conta própria e não ser prè estabelecido”

“Só eu acho que a esquerda com esse desespero de colocar negro em tudo, para que os negros seja a maioria, pra ser uma boa fonte de Votos? kkkkkk por isso que eles tentam Jogar Negro contra Branco? Kkkk”

“É claro que é julgar que afro brasileiro não tem capacidade intelectual isto é menosprezo como ser humano a cor da pele não interfere na capacidade”

“[...] disseram em alto e bom som que seputo foi colocado no STF por ser negro e tão somente. Cuspiu na Constituição ao ser a favor de cotas raciais... PUTO!”

A violência contra os negros é, no Brasil, muitas vezes justificada de forma ideológica pela delinquência associada às pessoas de cor preta ou parda. É fato que a maioria dos brasileiros é negra, correspondendo a 54% da população. No entanto, mesmo sendo maioria, a parcela de negros na estatística da população mais rica é de apenas 17,4%. Grande parte está na parcela dos 10% mais pobres. Associada à cor da pele e ao baixo nível econômico tem-se também a restrição de acesso às escolas, à saúde, à participação social na comunidade, ou seja, a essa associação estão atreladas inúmeras violências simbólicas, institucionais e políticas. Infelizmente “a raça não é imediatamente, como querem os racistas, uma característica natural particular. Ela é, antes, a redução ao natural, à pura violência, a particularidade obstinada que, no existente, é justamente o universal. A raça, hoje, é a auto-afirmação do indivíduo burguês integrado à colectividade bárbara” (Adorno & Horkheimer, 1985, p. 80).

Como na perseguição e no preconceito aos judeus em que se acreditava que o combate e a resistência ao preconceito iriam contra o natural e o estabelecido, o mesmo se dá com os negros na atualidade. Ver pretos e pardos em maior quantidade frequentando universidades e ocupando altos cargos gera desconforto porque altera uma realidade estabelecida há anos. “Eles

achavam que era o antisemitismo que vinha desfigurar a ordem, quando, na verdade, é a ordem que não pode viver sem a desfiguração dos homens” (Adorno & Horkheimer, 1985, p. 80). Desfiguração que assevera a barbárie, enaltece todo tipo de violência em prol da ordem econômica, que deve ser sempre dominada pelos brancos poderosos. “O verdadeiro ganho com que conta o “camarada de etnia” (Volksgenosse) é a ratificação colectiva de sua fúria” (Adorno & Horkheimer, 1985, p. 81).

3.3.5 Preconceito político

Dentro da categoria preconceito político foram coletados 40 comentários da página MBL, todas elas são críticas e ataques à política de esquerda, incluindo temas como comemoração da prisão do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (Lula) do PT, ódio e aniquilamento do PT, comunismo, socialismo, nazismo, stalinismo, atribuição de valores negativos aos internautas e apoiadores dos partidos de esquerda, ócio e marginalidade, doenças mentais, seita, subordinação e idolatria ao Lula.

A crítica massiva, ostensiva e ofensiva às políticas de esquerda expressa a intolerância não com os escândalos de corrupção muitas vezes usados como justificativa nos comentários, já que desvios de verbas não são exclusivos desse espectro político, mas sim com as políticas humanizadoras que buscam combater a repressão e pôr fim a diversas formas de exclusão legitimadas pelo capitalismo. O sectarismo no que refere às cotas para negros, à educação sexual no combate à homofobia, aos auxílios monetários e de moradia aos que vivem na linha de miséria, aos modos econômicos que visam minimizar a desigualdade social e econômica são explicados pelo medo da perda de poder e, conseqüentemente, da coerção que isso acarreta. Em uma sociedade administrada, que tem por base o funcionamento da lógica da indústria cultural, evidencia-se a não permissividade de alterações em seu funcionamento, nas hierarquias que a compõe, nos modos de obtenção de lucro.

Temos aqui a produção sintética da identificação das massas com as normas e condições que regem anonimamente a indústria cultural ou que a propagam – ou com ambas. Qualquer voz discordante é objeto de censura e o adestramento para o conformismo estende-se até às manifestações psíquicas mais sutis. Nesse jogo, a indústria cultural consegue se apresentar como espírito objetivo, na mesma medida em que readquire, em cada vez maior grau, tendências antropológicas em seus clientes. Ao apegar-se a essas tendências, ao corroborá-las e proporcioná-lhes uma confirmação, pode simultaneamente eliminar ou até condenar, de forma explícita, tudo o que rejeitar a subordinação. (Horkheimer & Adorno, 1956, p. 202)

A prisão do ex-presidente Lula, ocorrida em 7 de abril de 2018, foi considerada, segundo os comentários, símbolo maior de justiça e de cessação da corrupção. Essa atitude foi ainda entendida como apreciada por todos os brasileiros:

“Lula na cadeia,viva,mas uma vitoria do povo brasileiro,bem merecidos.....viva”
 “Lavei a alma..foi emocionante a festa em frente a PF de Curitiba..os petralhas tentaram mais uma vez aprontar ao tentar arrombar portal da PF qdo o ladrao chegou..foi tenso..mas me diverti..adrenalina a mil..o nosso publica em numero 100 vezes maior como sempre ordeiro,pacifico nunca damos trabalho pra Policia. O Brasil tá em festa !!!”
 “Estou feliz com o desfecho, limpo, competente, da polícia federal. Estou também feliz com a operação lava-jato e toda a sua equipe, e com o juiz Moro. Mas gostaria de dizer que vcs, rapazes do mbl, tem ajudado muito a desmascarar a esquerda em nosso país. Por isso dou grata a vcs! Lula na cadeia Lula na cadeia eh eh eh!”

Luiz Inácio Lula da Silva, de acordo com o Instituto Lula (2018), era metalúrgico e por indignar-se com as condições de trabalho ingressou no sindicato dos metalúrgicos e, posteriormente, fundou o PT. Foi Presidente da República por dois mandatos consecutivos entre 2002 e 2010, criou programas sociais como o Bolsa Família e o Fome Zero, Minha Casa Minha Vida, cotas para negros ingressarem em universidades públicas entre outros. Em julho de 2018, o ex-presidente foi condenado em segunda instância a 12 anos e um mês de prisão pelos crimes de corrupção passiva e lavagem de dinheiro. No ano de 2018, nas eleições presidenciais, Lula presidia o 1º lugar nas pesquisas realizadas tanto pelo Ibope, apresentada no jornal O Globo (O Globo, 2018), quanto pela Central Nacional de Televisão (CNT) veiculada no site do jornal Folha de São Paulo (Folha de S. Paulo, 2018), porém teve sua candidatura indeferida pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE).

A associação entre Brasil, Venezuela e comunismo é uma característica nessa categoria bastante presente e sempre realizada de forma pejorativa e ofensiva, atribuindo aos políticos de esquerda o papel de comunistas, atrelando a eles valores negativos como ir “contra a família” e doutrinação comunista. Neste caso, a doutrinação é associada à educação nos governos do PT:

“[...] Esses comunistas querem passar uma imagem errada do que está acontecendo em nosso país. Adoram dar uma de vítima, perseguidos, injustiçados...”
 “não existe santo entre seres humanos, ninguém é santo. Independente da crença ou ideologia. Mas claramente, Ética, Caráter, Honestidade, Idoneidade,

transparência, competência, nacionalismo, profissionalismo, família, nobreza nas atitudes e HONRA, nao fazem parte da mentalidade de um esquerdista, quem dirá, nas atitudes. Todo esse conjunto não é ilusão. Basta apenas não ser doutrinado por professor e hipócritas comunistas.”

“Isso é atéia. Acende uma Vela pra Deus e outra para o Diabo. [...] são comunistas, é contra a família, à favor do aborto, é à favor de pichadores, Black Blocs da Dilmalandra e do molusco ladrão, que rouba aposentados e velhinhos, depois fará com você, igual Maduro está fazendo com o Povo na Venezuela, está matando, massa de manobra [...]”

O ócio e a criminalidade são duas características muito atribuídas, de acordo com os comentários coletados, aos políticos e apoiadores dos governos de esquerda, especialmente do partido do PT:

“Para a esquerda, ser **Bandido** é ‘Ótima Influência’. Vide exemplo do qual se compõe a verdadeira natureza do **Esquerdista** em si. Todo esquerdista é um bandido em potencial. Sem exceção”

“Mas ele corre um grande risco de ter ficado sem a carteira porque ali meu amigo só tem **Bandido**”

“Mas é um bando de desoculpado mesmo... Vou chegar lá com umas 70 mil carteira de trabalho para distribuir para esses vagabundos.”

Outro aspecto dessa categoria refere-se a considerar os internautas e apoiadores das políticas de esquerda submissos e adestrados em relação ao ex-presidente Lula:

“Sabem a diferença entre nós, os direitos e os petistas? Nós não votaremos nunca mais no Aécio, agora que descobrimos que ele é corrupto. Já os petistas votariam no Lula ou até em um cachorro de rua se o condenado mandar. São gado e não se importam de sê-lo. Pronto, falei”

“Precisamos está aqui pra estudar mais esse fenômeno. No quadro da psicologia você sofre de síndrome de Estocolmo. No seu caso você se deixou ser imbecializada pelo seu algoz e conseqüentemente ele te roubou a dignidade, roubou o teu dinheiro e o pior roubou tua inteligência. E ainda você o idólatra e o ama”

Caracteriza ainda essa categoria a atribuição de valores negativos aos internautas e apoiadores das políticas de esquerda:

“Por isso nunca nem me interessei em saber de nada que vem da esquerda, pessoal não sabe dialogar, só sabe xingar, fazer ameaçar e destruir patrimônio público, não tem 1 argumento” (MBL)

“Tenho pena dessa geração ignorante formada na linha de montagem da esquerda nesse país! Se soubessem o mínimo de história, saberiam que o nome Jesimon, é um nome histórico,na antiga hebreia [...]” (MBL)

“É problema de caráter, incurável” (Bolsonaro Opressor)
 “Digitei 45 no meu microondas sumiu a merenda, digitei 13 sumiu o microondas!!!”

Recaem sobre os internautas e apoiadores das políticas de esquerda preconceito, ao considerá-los com *deficit* intelectual:

“Petista tem preguiça de pensar”
 “Esquerdista é burro por natureza”
 “É mais fácil ensinar um cão falar, que um petista pensar”

Críticas quanto às políticas de esquerda reforçam a questão da estatização e a defesa do capitalismo:

“Esse Esquerdista de merda que estatizar e colocar tudo sob controle do estado e tem mongolóide que defende ele kkkk. Se o Capitalismo é tão ruim então por que não tem americano fugindo pra Cuba?” (MBL)
 “Maduro, comunismo e os demais que apoiam esse tipo de Governo quero que se explodam mesmo! COMUNISMO JAMAIS! Capitalismo, a melhor opção!” (Jovens de Esquerda)

Referência também é feita ao regime militar:

“eu tenho 55 anos. Cresci no Regime Militar e me formei nele. Meu pai tinha uma empresa de reformas que cresceu tanto que virou uma construtora em 10 anos. Meus tios, minhas tias, tida minha família vivia em pleno progresso e prosperidade. Foram sem dúvida os melhores anos de toda minha família com mais de 80 pessoas. Porém, ninguém se envolveu com ativismo ou com a esquerda. Nunca fui do Dops e eu e todos os meus primos e irmãos fizemos faculdade e nunca tivemos problema algum, talvez porque não nos preocupávamos com comunismo e ativismo mas com nossas vidas e em sermos felizes. Grande abraço”
 “Você não viveu no Regime Militar. Lá sim todos tinham carne para comer pois o emprego era farto em excesso pelo extraordinário crescimento do Brasil. Quem começou a fazer bolsa isso e aquilo foram os socialistas do PSDB e o PT só mudou o nome pra tirar vantagem e conseguiu. Esse e a verdade amigo. Crescimento e carne só com trabalho e emprego e isso o Lula nunca te deu. Só escravidão dos Bolsas tudo”

É também direcionado ao PT a característica de várias ideologias e governos ditatoriais, inclusive de direita e de extrema-direita:

“vcs podem NÃO GOSTAR do Bolsonaro, mas ou é ELE, ou Stalinistas ou CÚMPLICES do stalinismo...”

“Brasil precisa de um choque de realidade. E só Bolsonaro pode fazer isso. Somente uma força oposta para vencer o comunismo”

“Desgraça pior que gordo esquerdista não existe!!! No paraíso socialista da cabeça dele, onde que ele vai arrumar 5000 calorias por dia pra se empanturrar? [...]”

“Estes Nazistas so sabem fazer baderna”

É notória a violência cerrada contra partidos políticos do espectro de esquerda, contra modelos econômicos que destoam do capitalismo e contra políticas públicas que atuam em favor das minorias. Questionar e desarmar o que está posto é entendido como prejuízo e compreendido como ameaça, já que provoca o estremecimento de poder daqueles que o detêm e implica em reformulação ou alteração de regras que alicerçam a ideologia vigente. Sob a lógica da perversão, toda barbárie necessária ao adestramento do homem no sentido de renúncia e negação de sua essência e em prol da geração de riqueza é consentida. Quem foge a essa lógica ou ameaça essa estrutura de poder é agredido, excluído e, muitas vezes, aniquilado.

3.4 Reflexões sobre a Violência nas Redes Sociais e na Sociedade Contemporânea: Decadências e Avanços

Na coleta, apresentação e análise dos comentários foi possível identificar que as falas de ódio e de intolerância contra negros, contra a comunidade LGBTQIA, contra pessoas de baixa renda e beneficiários do bolsa família se evidenciaram nas páginas que apoiam o espectro político de direita. Quando realizadas nas páginas de esquerda, eram ataques às postagens de divulgação de material da campanha política e de conteúdos de propaganda das políticas públicas realizadas pelo PT, ambas direcionadas aos grupos minoritários citados. Logo, conclui-se que os internautas que se identificavam com os valores das páginas de direita foram os que mais propagaram comentários de ódio nas redes sociais nas páginas pesquisadas no decorrer da coleta de dados.

É sabido que o conteúdo de ódio nas redes sociais é reflexo da violência proveniente da sociedade contemporânea. Nesse sentido, o excesso de intolerância, de preconceito e de ataques ocorre no interior das redes sociais, concretizando-se também além delas. A diferença, neste caso, é que nas redes sociais a visibilidade é maior. O que torna propício aproveitar esse espaço e esse fenômeno para que se visualize a quantidade de indivíduos e de barbáries que antes

andavam disfarçadas à luz da ideologia. Com isso é possível vislumbrar o cenário em que a psicologia precisa se debruçar ainda mais.

Outro elemento atrelado a esse fenômeno trata-se acerca da facilidade em se disparar falas de ódio diante do anonimato e do objeto atacado, pois a vazão do que está contido ganha viabilidade de se externar através de perfis, da impossibilidade muitas vezes de não ser identificado e de não ter que lidar com as consequências do que é escrito.

Muitas falas realizadas escancaram o preconceito e a intolerância que estavam até então presentes em discursos velados e polidos ou na “imparcialidade”, “neutralidade” e até no silêncio. Diante de toda essa discussão, é sabido que essas três posturas tratam de consentir com o que prevalece dominando. Com a explosão das redes sociais veio à tona preconceitos e intolerâncias exibidos sem pudor. As críticas camufladas de meritocracia, de pôr fim ao PT devido ao excesso de corrupção, da criação de cotas nas universidades como forma de preconceito pois significava taxar os negros como incapazes, do Bolsa Família como esmola para eleger presidente entre outros só vêm chancelar a ideia de que em uma sociedade administrada quem a ela não se enquadra sofre exclusão. E que as diferenças apenas ressaltam quando dessoam da maioria.

O narcisismo das pequenas diferenças nunca foi tão atual, as pequenas diferenças que a pouco pareciam estar dando lugar à alteridade ilustram o quanto os indivíduos comportam-se, até certo ponto, sendo uniformes e toleram as peculiaridades dos demais enquanto dura o tempo em que se mantém o lucro imediato. O narcisismo das pequenas diferenças concebe certa satisfação com a agressividade em relação ao que difere, sendo, portanto, excluído. Como já discutido anteriormente, em um grupo, conforme apontou Freud, confere-se facilmente a coesão entre os membros da comunidade para atacar o que difere em outro grupo. Na análise feita por esta pesquisa, grupos que reivindicam ou que provocam mudanças ao que está imposto e naturalizado são massivamente atacados.

O ódio e o desejo de uma “limpeza de todo o lixo existente no Brasil”, a exemplo do antissemitismo, mas aqui destinado aos que são negros, homossexuais, estrangeiros advindos de países pobres, pessoas não produtivas ou que não possuem bens materiais, beneficiando-se de programas do governo, internautas de esquerda ou aos que não apoiam Jair Messias Bolsonaro, Sérgio Moro ou que não insultam Lula expressam a repetição da barbárie que Adorno tanto temia e nos alertou.

Esses dados permitem uma reflexão dos temas que permeiam as falas de ódio vinculados aos valores e ideias defendidos pelo espectro político de direita. Não aleatório que aparece nos discursos dos internautas que se identificam com as páginas de direita falas de

preconceito racial, preconceito de gênero, ideias ligadas a uma limpeza social, ódio ao comunismo, preconceito social, entre outros, pois como já afirmado por Bobbio (1995), a direita não preocupa-se com a igualdade, ao contrário, alimenta o poder da autoridade fundada sobre a força da tradição, tendo como pilar principal a economia, sendo essa inclusive para o autor a principal característica das direitas.

Quando os movimentos de esquerda, que buscam políticas de libertação e suscita lutas contra a desigualdade entre as classes sociais ganham força, a ideologia dos ideais de direita também alcança, e sempre de forma violenta, folego para “reivindicar” sua posse. A velha direita teme ao conceder a igualdade perder o poder e os lucros conferidos há séculos. É incompatível, para a direita, criar e defender políticas de igualdade de gênero, raça, classe social, pois estremeceria os alicerces das máquinas que geram riquezas e conseqüentemente não comporiam mais uma classe privilegiada.

As categorias identificadas nos comentários de ódio: ideias higienistas, preconceito social, homofobia, racismo e preconceito político mostram o quanto a sociedade contemporânea integra em seu amago o funcionamento de uma sociedade administrada e os moldes da indústria cultural, empobrecida de esclarecimento e enfraquecida de lutas pelo fim das desigualdades que geram preconceitos e intolerâncias.

Considerações Finais

O presente trabalho investigou o que a expressão do ódio nas redes sociais informa sobre a sociedade contemporânea, em particular sobre o papel da indústria cultural na reprodução das relações sociais nesse contexto, identificando elementos constitutivos do fenômeno da violência por meio de análise de falas coletadas em grupos pertencente à temática política. Para isso, foram apresentados, nos capítulos anteriores, os conceitos de indústria cultural e barbárie na concepção de autores frankfurtianos e o conceito de narcisismo na concepção da teoria psicanalítica de Freud na tentativa de compreender a constituição e o funcionamento psíquico da agressividade humana atrelados ao funcionamento econômico da sociedade e a expressão disso nas relações de violência no contexto das redes sociais.

O ódio nas redes sociais mostra, no âmbito macro, uma relação violenta e perversa entre indivíduos, organizações, Estado e sociedade. Isso implica constatar que as redes sociais não funcionam como um espaço instituinte dessas relações violentas e perversas, tampouco pode-se pensar que sejam elas causa da barbárie. As redes sociais são uma pequena amostra, ou reflexo, da violência presente na sociedade como um todo, que se amplifica pelo acesso e fácil visibilidade, vez que as relações ocorrem de forma verticalizada, portanto, opressoras e, como ideologia, são naturalizadas e defendidas muitas vezes pelos próprios oprimidos. Esse caráter “não se dá pela força, mas pela instauração de todos os canais que alimentam o aparato e do qual os indivíduos participam” (Marcuse, 1982, p. 81).

Pelas análises das falas de ódio nas redes sociais, foi possível identificar a lógica do funcionamento dos grupos, das organizações, enfim, da sociedade na contemporaneidade. Como elemento da indústria cultural, as redes sociais também são um instrumento de manutenção da lógica perversa da sociedade capitalista, pois é atualmente uma forma privilegiada de interação dentre os meios de comunicação e de aparato tecnológico. Nela se reproduzem as ideologias com desmedida difusão. Combater esse funcionamento é, portanto, um desafio e uma luta árdua, já que como a expressão da lógica da indústria cultural reproduz a irracionalidade, o que só é possível enfrentar como desvelamento do obscurantismo das relações competitivas e de dominação da sociedade capitalista, o que requer a formação de uma consciência crítica capaz de resistência e uma educação que leve, de fato, ao esclarecimento.

O acesso à informação presente de forma exorbitante no âmbito da internet não remete necessariamente à formação do indivíduo, já que formação vincula reflexão ligada ao esforço de se apropriar de toda a cultura e todas as contradições que envolvem os fatos, analisando-os e submetendo-os à consciência e ao juízo crítico, pois formação nada mais é que a cultura

tomada pelo lado de sua apropriação subjetiva (Adorno, 2010). Apesar de toda [...] informação que se difunde a semiformação passou a ser a forma dominante da consciência atual [...]” (Adorno, 2010, p. 2).

Quando nas falas analisadas na pesquisa aparece a defesa de punição e até aniquilamento de “bandidos” sem a devida análise da origem dos elementos que constituem a realidade das camadas excluídas, ou do contexto social que envolve a questão da violência, o que se observa é o empobrecimento da formação e a troca do conhecimento pela informação, em que se isola o fato ocorrido e realiza-se posterior julgamento. “Quando o campo de forças a que chamamos formação se congela em categorias fixas – sejam elas do espírito ou da natureza, de transcendência ou de acomodação – cada uma delas, isolada, se coloca em contradição com seu sentido, fortalece a ideologia e promove uma formação regressiva” (Adorno, 2010, p. 3).

Os indivíduos, integrantes de uma sociedade na qual os processos formativos encontram-se reduzidos à pseudoformação, refletem a lógica da indústria cultural à medida que a indústria cultural sufoca a razão objetiva e a autonomia frente ao conhecimento, a ponto de o desaparecimento da formação resultar em indivíduos vazios de experiências formativas e repletos de habilidades técnicas. Indivíduos alheios aos outros e tomados pelo desejo de poder e de consumo, cada vez mais aderidos ao individualismo. Lukács (2013) afirma que os homens são influenciados a tal ponto que acreditam na satisfação do desejo pela aquisição de um prestígio e particularidade pela compra de determinado produto exposto reiteradamente pela publicidade. Não é simplesmente o objeto adquirido que o proporcionará *status* e ilusão de poder, mas o fato de poder adquirir o que é “desejado”, desejado primeiramente pelas organizações econômicas dominantes. “Quando esse modelo da publicidade de mercadorias é transposto para a cultura, tem início o papel ativo da ideologia contida apenas implicitamente no modelo, a saber, da ideologia da desideologização como poder mediador: pretende-se que as formações culturais também rompam com os antigos preconceitos da ação ideológica (Lukács, 2013, p. 573).

Na análise das falas, conforme se observa no capítulo 3, é possível identificar a propagação da ideologia de que é somente pelos valores da ordem, da moral familiar, da meritocracia, da legitimação dos preconceitos na culpabilização dos excluídos, próprios da política de extrema-direita, que é possível haver um governo que instaure estabilidade econômica e moral. Segundo essa visão, as demais posições do espectro político, principalmente de esquerda, em que os valores superam a estabilidade econômica visando a minimização o quanto possível das desigualdades, e não apenas no nível econômico, mas social, levam à desordem e à promiscuidade. Isso significa ver como ameaça a possibilidade de negros,

mulheres, indivíduos de diferentes identidades sexuais, indivíduos marginalizados economicamente, imigrantes, serem incluídos na ordem social econômica. É possível constatar que, nessa concepção, ao se incluir como iguais todos os marginalizados, e com os mesmos direitos de acesso, tal prerrogativa se torna uma ameaça diante da ideologia da meritocracia e da lógica do funcionamento do modo econômico baseado na desigualdade de condições de ascensão e na luta entre classes sociais. É preciso, diante disso, assumir, para fins de análise, o caráter que ocupa o “Estado brasileiro tal como ele é (e como ele sempre foi: oligárquico, autoritário), é obvio que ele dirigirá a totalidade dos fundos públicos para as atividades econômicas e políticas da classe dominante” (Chauí, 2000).

Quando, portanto, o Estado assume finalmente, nos governos Lula e Dilma, a posição de realizar esse acesso, o mesmo é retalhado como irresponsável economicamente e usurpador dos direitos da elite, isso de modo subentendido, e de todos os elementos da sociedade, ao ponto de serem retirados do poder, e este devolvido aos que sempre estiveram nele. Isso é reafirmado inúmeras vezes nas falas apresentadas em todas as categorias analisadas na pesquisa. Reconhecer que há desigualdade de acesso é, de acordo com a ideologia propagada por diversos internautas, tornar instável o direito e a posição de quem sempre ocupou os espaços de fala e, portanto, de poder. Não é aleatório que a categoria que, numericamente, mais continha falas remete-se à categoria de preconceito político, exclusivamente contra o Partido dos Trabalhadores.

As ideias advindas dos modelos ideológicos da cultura hegemônica inserem nas relações a inversão dos valores humanos: reconhecer o outro como igual é arriscar a própria sobrevivência, “chegou-se ao ponto em que a mentira soa como verdade, e a verdade como mentira. Cada expressão, cada notícia e cada pensamento estão preformados pelos centros da indústria cultural” (Adorno, 1951, p. 98). Aquele que questiona o modo imposto e apresenta o que não é familiar soa como ataque ao que está assegurado, o que não é totalmente inverdade, já que por meio do desvelamento se instabiliza o que até então era verdade. “A verdade que intenta opor-se não tem apenas o carácter de inverosímil, mas é, além disso, demasiado pobre para entrar em concorrência com o altamente concentrado aparelho da difusão. O extremo alemão ilustra bem todo este mecanismo” (Adorno, 1951, p. 98).

A verdade, encoberta pelo discurso da luta individual e de que quem não integra a produção e a alta eficácia para manutenção dos modos de vida não deseja contribuir para o crescimento da nação mas apenas usufruir do suor alheio, está a serviço de assegurar que o resto é supérfluo, como afirma Adorno e Horkheimer (1985), ou seja, espera-se que a massa imensa da população seja rebaixada ao nível de simples objeto, crescendo desmesuradamente a miséria

enquanto antítese da potência e da impotência, garantindo o sonho de permanência ilimitada do *status quo* daqueles que imperam.

Os dados analisados na presente pesquisa permitem atestar que a sociedade brasileira contemporânea tem reproduzido a ideologia capitalista em sua versão mais selvagem, em seus modos de conformação social mais brutalizados, expressando uma subjetividade cuja estruturação psíquica se mostra regredida ao narcísico e à vida social, refém da violência e da barbárie. Expressão essa das ideias das políticas de direita em que não é objetivo a diminuição das desigualdades sociais, não aleatório que as páginas pesquisadas continham em maior quantidade comentários de ódio advindo dos internautas que se identificam como de direita. As ideias tradicionais que visam manter tudo no mesmo formato, instituição familiar, hierarquia de gênero e classe social, meritocracia são ainda defendidas, e não devido a alienação, mas a justificação.

Num mundo em que o sonho do desenvolvimento científico e da ampliação do conhecimento prometia maior igualdade e justiça entre os homens, o reino das redes sociais vem demonstrar que ainda lutamos contra antigos desafios.

“A mecânica da submissão se propaga da ordem tecnológica para a ordem social” (Lukács, 2013, p. 82), submissão efetivada de forma violenta, em que se aniquila até o âmago dos indivíduos. Portanto, a barbárie é integrante e resultante dessa lógica perversa, em que se violenta o sujeito para que esse integre “espontaneamente” o aparato de produção e de desenvolvimento tecnológico garantindo sempre o funcionamento do capital. Aqueles que não compactuam e aqueles que não são integrados a essa lógica sofrem violentamente as consequências da exclusão e da marginalização, sendo novamente punidos por não contribuírem para fazerem a roda girar; barbáries essas que são arcaicas e historicamente internalizadas sendo, novamente, direcionadas ao eu e proporcionalmente devolvidas à sociedade.

Referências

- Adorno, T. W. (1995). *Palavras e sinais: modelos críticos 2*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Adorno, T. W. (1951). *Minima moralia*. São Paulo, SP: Ática.
- Adorno, T. W. (1995). *Educação e emancipação*. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra.
- Adorno, T. W. (1966). *Teoria da Semicultura* [Versão Digital]. Porto Velho, RO: *Edufro*. 4 (191), (20). Recuperado de http://www.primeiraversao.unir.br/artigos_pdf/191_.pdf
- Adorno, T. W. (2010). Teoria da semiformação. In B. Pucci, A. A. S. Zuin, & L. A. C. B. Lastória (Org.). *Teoria crítica e inconformismo*. Campinas, SP: Autores associados.
- Adorno, T. W. Horkheimer. M. (1985). *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.
- Adorno, T. W. Horkheimer. M. (1973). *Temas básicos da sociologia*. São Paulo, SP: Cultrix.
- Atlas da Violência. (2018). Ipea. *Fórum Brasileiro de Segurança Pública*. Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão. Recuperado de http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/180604_atlas_da_violencia_2018.pdf
- Bardin, L. (2011). *Análise conteúdo*. Lisboa, PT: Edições Setenta.
- Bedinelli, T. & Martín, M. (2015, 15 de março). Três grupos organizam os atos anti-Dilma, em meio a divergências. *El País*. Recuperado de https://brasil.elpais.com/brasil2015/03/13/politica/1426285527_427203.html
- Bobbio, N. (1995). *Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política*. São Paulo, SP: Ed. Unesp.
- Bolsonaro, J. (2018). *Biografia Jair Messias Bolsonaro*. Recuperado de <https://www.bolsonaro.com.br/>
- Brasil. (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Supremo Tribunal Federal, Secretaria de Documentação.

- Castells, M. (1999). *A sociedade em rede*. São Paulo, SP: Paz e Terra.
- Chauí, M. (2000). Resistir às determinações do mercado, em busca da autonomia do saber. *Edusp*, 21, 48-54. Recuperado de <https://www.adusp.org.br/files/revistas/21/r21a09.pdf>
- Chauí, M. (2008). Cultura e democracia. *Crítica y Emancipación: Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales*. 1 (1), 53-76. Recuperado de <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/secret/CyE/cye3S2a.pdf>
- CQM. (2016). Dossiê Intolerâncias visíveis e invisíveis no mundo digital. *Blog Comunica que muda by nova/sb*. Recuperado de <http://www.comunicaquemuda.com.br/dossie/intolerancias-redes/>
- Crochík, J. L. (2001). A formação do indivíduo e a dialética do esclarecimento. *Nuances/Unesp*. 7(7), 1-9. doi 10.14572/nuances.v7i7.129
- Crochík, J. L. (1998). Os desafios atuais do estudo da subjetividade na Psicologia. *Psicologia USP* [versão digital], 9 (2), 69-85. doi10.1590/S0103-65641998000200003
- Folha de S. Paulo. (2008). Preconceito Racial diminui no Brasil. Recuperado de <https://m.folha.uol.com.br/poder/2008/11/470628-preconceito-racial-diminui-no-brasil.shtml>
- Folha de S. Paulo. (2018). Lula lidera intenções de voto, seguido por Bolsonaro, aponta pesquisa CNT. Recuperado de <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/08/lula-lidera-intencoes-de-voto-seguido-por-bolsonaro-aponta-pesquisa-cnt.shtml>
- Fragoso, S., Recuero, R. & Amaral, A. (2011). *Métodos de pesquisa para internet*. Porto Alegre, RS: Sulina.
- Freud, S. (1996a). Três ensaios sobre a sexualidade. In S. Freud, *Um caso de histeria, três ensaios sobre sexualidade e outros trabalhos*. Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Freud, S. (1996b). Totem e tabu. In S. Freud, *Totem e tabu e outros trabalhos*. Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Freud, S. (2010a). Introdução ao narcisismo. In S. Freud, *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.

- Freud, S. (1996c). O tabu da virgindade. (contribuições à psicologia do amor III). In S. Freud, *Cinco lições de psicanálise: Leonardo da Vinci e outros trabalhos*. Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Freud, S. (2010b). Além do princípio do prazer. In S. Freud, *História de uma neurose infantil ("O homem dos lobos")*, *Além do princípio do prazer e outros textos 1917-1920*. Rio de Janeiro, RJ: Companhia das Letras.
- Freud, S. (2011a). Psicologia das Massas e a análise do Eu. In S. Freud, *Psicologia das massas e análise do Eu e outros trabalhos 1920-1923*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Freud, S. (2011b). O Eu e o Id. In S. Freud, *O Eu e o Id, "Autobiografia" e Outros textos 1923-1925*. Rio de Janeiro, RJ: Companhia das Letras).
- Freud, S. (2011c). Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In S. Freud, *O eu e o id, "autobiografia" e outros textos*. Rio de Janeiro, RJ: Companhia das Letras.
- Freud, S. (1996d). O futuro de uma ilusão. In S. Freud. *O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos (1927-1931)*. Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Freud, S. (1996e). O Mal-Estar na Civilização. In S. Freud, *O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros Trabalhos*. Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Freud, S. (1996f). Esboço de Psicanálise. In S. Freud, *Moisés e o monoteísmo, esboço de psicanálise e outros trabalhos (1937-1939)*. Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Freud, S. (1996g). Moisés e o monoteísmo. In S. Freud, *Moisés e o monoteísmo, esboço de psicanálise e outros trabalhos (1937-1939)*. Rio de Janeiro, RJ: Imago
- Hobsbawm, E. (1917/1995). *Era dos Extremos: O breve século XX 1914-1991*. São Paulo, SP: Companhia das letras.
- Horkheimer, M. (1936/1990). *Teoria Crítica I*. São Paulo, SP: Perspectiva/Edusp.
- Horkheimer, M. (1946/2010). *Eclipse da Razão*. São Paulo, SP: Centauro.
- Horkheimer, M. & Adorno, T. W. (1956). *Temas Básicos da Sociologia*. São Paulo, SP: Cultrix.

- Horkheimer, M. & Adorno, T. W. (2002). *Indústria cultural e sociedade*. São Paulo, SP: Paz e Terra.
- Iasi, M. L. (2011). *Ensaio sobre consciência e emancipação*. São Paulo, SP: Expressão Popular.
- Lukács, G. (2013). *Para uma Ontologia do Ser Social*. 2. São Paulo: Boitempo.
- Maciel, D. E. F. (2014). Mídia Ninja e Fora do Eixo: reflexões sobre política e economia nas redes digitais. *Eptic*. 3 (17), 264-279. Recuperado de <https://seer.ufs.br/index.php/eptic/article/view/4314/pdf>
- Marcuse, H. (1964/1982). *A ideologia da sociedade industrial: o homem unidimensional*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar.
- Marcuse, H. (1965/2007). Tolerância Repressiva. *Revista Eletrônica do Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo (NEPP) da Escola Superior de Teologia*. 12, 28-58 Recuperado de www3.est.edu.br/nepp 28
- Marcuse, H. (1941/1999). *Tecnologia, guerra e fascismo*. Coletâneas de artigos de Hebert Marcuse. Ed. Kellner, D. São Paulo, SP: Fundação Editora da Unesp (FEU).
- Marx, K. & Engels, F. (2001). *A ideologia alemã*. São Paulo, SP: Martins Fontes.
- MBL. (2013). Manifestação pela Liberalização e Desestatização do Transporte Coletivo em Natal. *Facebook*. Recuperado de <https://www.facebook.com/events/485015518242449/>
- MBL. (2015). Propostas de políticas Públicas do MBL. *Movimento Brasil Livre*. Recuperado de <http://mbl.org.br/wordpress/wp-content/uploads/2017/05/propostas-mbl.pdf>
- MEC. (2004). Programa de Combate à Violência e à Discriminação. *Caderno Escola sem Homofobia*.
- MEC. (2007). Ações Afirmativas e Combate ao Racismo nas Américas. *Educação para todos*. Brasília.
- Mídia Ninja. (2018). *Mídia Ninja, quem somos*. Recuperado de <http://midianinja.org/perguntas-frequentes>

- O Globo. (2011). Dilma Rousseff manda suspender kit anti-homofobia, diz ministro. Recuperado de <http://g1.globo.com/educacao/noticia/2011/05/dilma-rousseff-manda-suspender-kit-anti-homofobia-diz-ministro.html>
- O Globo. (2018). Pesquisa Ibope: Lula, 37%; Bolsonaro, 18%; Marina, 6%; Ciro, 5%; Alckmin, 5%. Recuperado de <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/08/20/pesquisa-ibope-lula-37-bolsonaro-18-marina-6-ciro-5-alcckmin-5.ghtml>
- Oliveira, P.S. (1998). Metodologia das ciências humanas. São Paulo: *Hucitec/UNESP*.
- Organização Mundial da Saúde. (2002). *Relatório Mundial sobre Violência e Saúde*. Geneva, SWI: Minimum graphics. Recuperado de <https://www.opas.org.br/wp-content/uploads/2015/09/relatorio-mundial-violencia-saude.pdf>
- Pinto, C. R. J. (2017). A trajetória discursiva das manifestações de rua no Brasil (2013-2015). *Lua Nova*. São Paulo, SP, 100, 119-153. doi /10.1590/ 0102-119153/100
- Pucci, B. (2006). A Indústria Cultural Hoje. In *Trabalhos apresentados do Congresso Internacional "A Indústria Cultural Hoje"*. Piracicaba, SP/Brasil.
- Recuero, R. (2009). *Redes sociais na internet*. Porto Alegre, RS: Sulina.
- Reino, L. M. G. & Endo, P. C. (2011). Três versões do narcisismo das pequenas diferenças em Freud. *Trivu*. 3 (2), 16-26. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/trivium/v3n2/v3n2a04.pdf>
- Santos, V. L. C. & Santos, J. E. (2014). As redes sociais digitais e sua influência na sociedade e educação contemporâneas. *Holos*, 6 (30), 307-328. doi: 10.15628/holos.2014.1936
- Savazoni, R. (2014). *Os novos bárbaros: a aventura política do fora do eixo*. Rio de Janeiro, RJ: Aeroplano.
- Zuin, A; Pucci, B & Lastória, L. N. (2015). *10 lições sobre Adorno*. Rio de Janeiro, RJ: Ed. Vozes.
- Zuin, A. A. S. (2001). Sobre a atualidade do conceito de Indústria Cultural. *Cadernos Cedes*, 54 (21), 9-18. doi 10.1590/S0101-32622001000200002.

		esperar que outros ajam diferente?)	
“Escândalo é normal dessa raça...”	09/04	Nesse instante em Curitiba. agora é Bolsonaro!!! (VIDEO DE UM SEGUIDOR DO BOLSONARO PEDINDO UMA FOTO COM A DEPUTADA MANUELA E NO MOMENTO ELE GRITA AGORA É BOLSONARO PORRA)	Bolsonar o Opressor 2.0
“Escândalo é normal dessa raça...”	09/04	Nesse instante em Curitiba. agora é Bolsonaro!!! (VIDEO DE UM SEGUIDOR DO BOLSONARO PEDINDO UMA FOTO COM A DEPUTADA MANUELA E NO MOMENTO ELE GRITA AGORA É BOLSONARO PORRA)	Bolsonar o Opressor 2.0
“Crl kkkkk... Tudo pancadão, boca do lindo kkkk tá qase mordendo o nariz kkkkkkkk... Raça nojenta”	09/04	Idem	Bolsonar o Opressor 2.0
“Justiça LADRÃO é LADRÃO nao merece compaixão”	07/04	Vídeo de fogos e comemorações com o título: República de Curitiba recebe Lula	MBL
“Um ladrão a menos nas ruas”	07/04	Idem	MBL
“Exatamente Espero que a educação faça a diferença, que meus filhos e netos não vivam com medo de sair de casa... Mas hoje, pela minha segurança, espero que a polícia não tenha dó de bandido...”	05/08	Postagem: Sargento Fahur: Temos plena consciência de que a longo prazo a educação vai salvar o Brasil, mas também acreditamos que a curto prazo, CACETE NO LOMBO E BALA NO RABO de bandido é que vai diminuir os altos índices de criminalidade.	Jovens de Direita
“A policia não tem, os direitos humanos sim e eles impedem que a policia trabalhe da maneira correta”	05/08	Idem	Jovens de Direita
“É o seguinte ; todos eles são ladrões do dinheiro público , devem ser	09/04	Postagem: “Quando um petistas falar: "E O AÉCIO?" mostre isso a ele”	Bolsonar o

processados , julgados e de preferência fuzilados para não continuarem a dando despesa aos cidadãos honestos e trabalhadores do Brasil !!!”		https://www.brasil247.com/.../PT-cometeu-erro-hist%C3%B3rico-...	Opressor 2.0
“Não tenho nem coragem. Bolsonaro Presidente, pra que isso tudo vire pó”	09/04	O choro dos pelegos do PT é livre, mas, o Lula não! Olha o mimimi por causa de uma trollada. (vídeo da deputada Manuela questionando por que o homem que gritou Bolsonaro saiu de dentro da sede da PF e para lá retornou depois da atitude que teve e escoltado pela polícia)	Bolsonar o Opressor 2.0
“Sempre digo isso. Essa geração já se perdeu. Ou é cadeia ou é vala. Não tem mais salvação”	05/08	Postagem: Sargento Fahur: Temos plena consciência de que a longo prazo a educação vai salvar o Brasil, mas também acreditamos que a curto prazo, CACETE NO LOMBO E BALA NO RABO de bandido é que vai diminuir os altos índices de criminalidade.	Jovens de Direita
“Tudo num buraco, alcool e fogo, bolsonaro e seus aliados, mi humilde opinião, arrombados”	19/08	Postagem: Todo dia tem um caso "isolado" de um "cidadão de bem" apoiador do Bolsonaro envolvido em assassinato, estupro, corrupção e por ai vai...Empresário flagrado com menina de 13 anos é mais um “cidadão do bem”.	Brasil contra Jair Bolsonar o
Por pouco, tomara que o drone seja mais certo da próxima vez	04/08	Postagem: Ministro Jorge Rodríguez no evento da tarde na Avenida Bolívar: Confirmado! Drone com cargas explosivas foi a causa das explosões em ação, foi um ataque ao presidente Nicolás Maduro. Sete pessoas feridas. Em pouco o presidente fará declarações.	Jovens de Esquerda
Mandem um drone pra Curitiba,lá dentro da cela do Lula,só não errem pelo	04/08	Idem	Jovens de Esquerda

delinquente antes de cometer crimes iria pensar duas vezes”			
<p>““Já que esse país não dá” como você própria mencionou, sua comunista de iPhone, vá morar na Venezuela ou Coréia do Norte na qual seu partido (PC do b) tanto adora...e outra, agressão foi o que o petista fez com o empresário, tentativa de homicídio, isso sim é agressão mesmo... Lindbergh Farias, outro socialista de iPhone, gostaria de saber se o seu apartamento no Leblon foi comprado pelo seu próprio suor e trabalho, mas tratando -se de petistas, o caráter sempre será duvidoso...essa aí é a candidata do PC do B, no qual foi para os EUA fazer o enxoval do filho, logo os EUA que tanto criticam...vocês são a escória do mundo!”</p>	09/04	<p>O choro dos pelegos do PT é livre, mas, o Lula não!</p> <p>Olha o mimimi por causa de uma trollada.</p> <p>(vídeo da deputada Manuela questionando por que o homem que gritou Bolsonaro saiu de dentro da sede da PF e para lá retornou depois da atitude que teve e escoltado pela polícia)</p>	Bolsonar o Opressor 2.0
<p>“Galera, me ajudem a combater o comunismo, socialismo e os altos impostos curtindo a página !!!”</p>	07/06	<p>Postagem: SERÁ QUE VOCÊ ESTÁ SENDO CEGADO?</p> <p>Quero fazer um experimento com vocês. É bem simples: eu lanço uma pergunta e, a partir dela, eu comprovo, por analogia, que a maioria da população está sendo cegada. Você sabe o nome do técnico da seleção Brasileira? Eu aposto o meu pé direito que 99% das pessoas responderam mentalmente que é Tite. Não! Depende. E por quê? É simples: eu não especifiquei de qual área esportiva era direcionado a pergunta. Poderia ser vôlei, basquete, ginástica ou o próprio futebol.</p>	Jovens de Direita

<p>da maioria penal; 11° é totalmente contra o fim da PM; 12° é contra a legalização do aborto; 13° defende um País com mais setores privados e menos estado; 14° menos interferência do estado na vida das famílias; 15° é favor do aumento de pena e castração química para estupradores; 15° apoia o fim do MST e sindicatos pelegos e subservientes; 16° Não ha discriminação homossexual como qualquer tipo de discriminação, é contra a ideologia de gênero e kit gay nas escolas; 17° é contra a lei de migração; 18° tem as melhores ideias pra economia; 19° o único que tem ideias para geração de empregos, usando os minérios que existem em abundância no Brasil ; 20° projetos pra criar excludentes de ilicitude, com objetivo de proteger o cidadão de bem; 21° nunca teve seu nome envolvido em corrupção; 22° é a favor de trabalho forçado pra criminosos; 23° é contra doutrinações nas escolas; 24° contra a implantação de religiões anti-cristãs nas escolas; 25° esta preocupado com as escolas e hospitais, não com presídios. 26° não vai sustentar ONGs que defendem a vagabundagem”</p>			
--	--	--	--

“Não temos estrutura suficiente nem para os brasileiros e agora vamos ter que abrir as fronteiras para qualquer um entrar”	19/08	Idem	Jovens de Direita
“E que nunca pagaram um centavo de imposto”	19/08	Idem	Jovens de Direita
“Intervenção é a melhor maneira para tirar todos... TODOS Q ENTRAREM VAO PASSAR AS MÃOS... parem com este negócio de presidentes.deixem os militares tomarem conta👍👊 militares já”	09/04	Após a Lava Jato, você quer MORO NO STF? Comente SIM ou NÃO para votar! O MBL está sempre nas ruas lutando pelo Brasil. Ajude nosso trabalho. Acesse mbl.org.br/contribua	MBL
“O negócio é terminar o que 64 não completou e mandar barcas para Cuba, Venezuela, Bolívia e Equador!”	09/04	FATO (IMAGEM DO LULA COM A FRASE: A VERDADE É UMA SÓ QUEM DEFENDE BANDIDO PARA MIM É CUMPLICE)	Bolsonar o Opressor 2.0
“Bolsonaro 2018, se nao acontecer. Exército marinha aeronaltica neles”	09/04	Se referindo a postagem: “O petista Joaquim Barbosa foi contra o impeachment da <u>Dilma Rousseff</u> (VIDEO DE 40 SEGUNDOS COM MONTAGENS DE FALAS DO JOAQUIM BARBOSA CRITICANDO A VALIDADE DO IMPEACHMENT)” #vempraruasãopaulo #vempraruabrazil	Bolsonar o Opressor 2.0
“Acabou a palhaçada. O chefe está preso Brasil, queremos os índios que o apoiaram e roubaram com ele a nação brasileira. CORRUPTOS NA CADEIA , sem exceção. Precisamos passar o Brasil a limpo”	07/04	Idem	MBL